

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Produção Discente em Comunicação:
Análise das citações das dissertações defendidas nos programas
de pós-graduação do Rio Grande do Sul

SAMILE ANDRÉA DE SOUZA VANZ

Porto Alegre
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**A Produção Discente em Comunicação:
Análise das citações das dissertações defendidas nos programas
de pós-graduação do Rio Grande do Sul**

Samile Andréa de Souza Vanz

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Informação.

Orientador:
Prof^{ta}. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato

Porto Alegre
2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “A Produção Discente em Comunicação: Análise das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Rio Grande do Sul”, elaborada por Samile Andréa de Souza Vanz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Suzana Pinheiro Machado Mueller

Prof. Dr. Sérgio Capparelli

Prof^a. Dr^a. Ida Regina Chittó Stumpf

Ao Pedro, pela tolerância, compreensão e amor durante mais uma etapa de vida.
A Ana e Edgar, pelo estímulo, apoio e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à Coordenação do Curso de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela acolhida do projeto, e à CAPES, pela concessão da bolsa de estudo, possibilitando dois anos de dedicação à pesquisa e de intenso aprendizado.

A Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato, pelo acompanhamento e pela paciência desde a graduação, e pela oportunidade de aprender a fazer ciência.

Aos professores doutores José Luiz Braga, Juremir Machado da Silva e Nilda Jacks, coordenadores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UNISINOS, PUCRS e UFRGS, respectivamente, pela disponibilização das informações relativas ao programa e corpo docente. E aos professores doutores Antonio Fausto Neto, Christa Berger, Ione Bentz, Marília Levacov, e Roberto Porto Simões, por me concederem seu tempo, respondendo às entrevistas, fundamentais para a finalização deste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Ida Regina Chittó Stumpf, pela generosidade, estímulo e apoio que me acompanham desde os tempos da graduação.

Aos professores doutores Maria Helena Weber, Sérgio Capparelli e Valdir Morigi, pelo conhecimento e estímulo dado ao longo do curso.

Ao Núcleo de Assessoria Estatística da UFRGS, em especial à professora Dra. Jandira Fachel, pelo auxílio preciso e imprescindível, e pela generosidade com que me introduziu nos segredos da Estatística.

Agradeço às secretárias (os) dos programas, em especial à Aline Pereira da Silveira, Lílian Boettier da Mota, Paulo Cesar Escouto Rodrigues e Lúcia Beatriz Stasiak, pelo auxílio e pela presteza com que me atenderam e ajudaram. Meu agradecimento especial à secretária do PPGCOM/UFRGS pelo auxílio e paciência nos momentos mais complicados, aos queridos Ana Maria Resende, Lúcia Lessa e Marco Fronchetti.

À Maria Alice Bragança, pela ajuda, pela paciência e pela discussão de tópicos importantes na finalização de um trabalho acadêmico.

Às colegas Cynthia Hamury Watanabe Corrêa, pela disponibilização do equipamento de trabalho, e à Janaina Gomes, Karina Galdino e Helen Beatriz Frota Rozados, pelas sugestões de leitura.

Aos alunos do curso de Biblioteconomia da UFRGS, pela compreensão durante o estágio docência.

“... tudo é infinitamente aperfeiçoável. Alguém dizia que não se acaba um romance, se abandona.”

Gabriel Garcia Márquez

RESUMO

Fazendo uso da análise de citações, ferramenta dos estudos bibliométricos, este trabalho analisa 100 dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos, entre os anos 1998-2000, com o objetivo de detectar as características das fontes de informação utilizadas pelos discentes. Os dados foram trabalhados em um banco de dados criado no *software* Statistics Packet for Social Sciences (SPSS), versão 8.0. A análise quantitativa foi complementada com uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas com os orientadores dos programas de pós-graduação estudados. Foram identificados e relacionados com os programas, as linhas de pesquisa e os orientadores os seguintes indicadores: tipo de documento, idioma, temporalidade, tipo de autoria, autores citados, título de periódico e densidade das dissertações. As 7.648 referências estudadas revelaram que: livro e capítulo de livro é o tipo de documento mais utilizado (72,5%); português é o idioma predominante nas citações (76,1%); publicações da década de 90 cobrem 60,4% das citações; 81,5% dos documentos citados são escritos por um único autor; a média de citações é 99,5 referências por dissertação no PPGCOM/UFRGS; 77,7, no PPGCOM/PUCRS; e 54,9, no PPGCOM/UNISINOS. Foram citados 3.435 autores diferentes; entre os de maior frequência estão: Eco, Barthes, Bourdieu, Morin, Foucault, Baudrillard, Maffesoli, Mattelart, Lévy e Greimas. Entre os 249 periódicos citados, lideraram o *ranking*: **Revista Famecos, Comunicação & Sociedade, Telos, Comunicação & Política, Diálogos de La Comunicación, Screen, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Estudos Sobre Las Culturas Contemporâneas, Cultura Vozes e Journal of Marketing**. Os resultados indicam que os mestrandos possuem uma forte dependência da literatura de outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e a Filosofia, publicada por autores estrangeiros, principalmente de franceses, fortalecendo a idéia da inexistência, ou fragilidade, de um corpus teórico próprio nacional ou latino-americano, e mesmo internacional, do campo da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliometria; Análise de citações; Comunicação; Dissertações.

ABSTRACT

Applying citation analysis, a bibliometric tool, this work analyses 100 Master's dissertations presented to Communication post-graduation courses in three different Brazilian universities: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos, from 1998 to 2000. The purpose of this research work is to detect the characteristics of the information sources used by the students. Data was worked in a database developed in Statistics Packet for Social Sciences (SPSS), 8.0 version. The quantitative analysis was complemented with a qualitative analysis, carried out by means of interviews with the post-graduation courses teaching staff. Thus way, the following indicators were identified and related to the programs, research line and supervisors: document type; language; publication year; authorship type; cited authors; journal title; dissertations density. The 7.648 analysed references showed that book and chapter book was the most utilized document (72,5%); Portuguese was the predominant language in the citations (76,1%); from the 90's publications cover 60,4% of the citations; 81,5% of cited documents are written by a single author; the citation means were 99,5 references per dissertation at PPGCOM/UFRGS, 77,7 at PPGCOM/PUC and 54,9 at PPGCOM/UNISINOS. 3.435 diferent authors were cited, such as, Eco, Barthes, Bourdieu, Morin, Foucault, Baudrillard, Maffesoli, Mattelart, Lévy e Greimas. Amongst the 249 cited journals, the ranking leadership were the journals **Revista Famecos, Comunicação & Sociedade, Telos, Comunicação & Política, Diálogos de La Comunicación, Screen, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Estudios Sobre Las Culturas Contemporâneas, Cultura Vozes e Journal of Marketing**. Results show a strong reliance on foreign literature from several other disciplines, like Social Sciences and Philosophy, mainly from French authors, confirming the non-existence, or fragility, of a Communication theoretical corpus.

KEY WORDS: Bibliometrics; Citation Anlyses; Communication; Master's dissertation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela inicial do SPSS 8.0 for windows	72
Figura 2- Banco de dados em SPSS 8.0	74
Figura 3 - Banco de dados em SPSS 8.0 (cont.)	74
Figura 4 - Médias, número máximo e mínimo de citação e desvio padrão	80
Figura 5 - Gráfico de frequência de citações	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 2003	50
Quadro 2 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 2000	52
Quadro 3 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 1999	52
Quadro 4 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 1998	52
Quadro 5 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 2003	54
Quadro 6 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 2000	55
Quadro 7 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 1999	56
Quadro 8 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 1998	56
Quadro 9 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores - 2003	58
Quadro 10 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores – 2000.....	60
Quadro 11 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores – 1999.....	60
Quadro 12 -	Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores – 1998.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Dissertações defendidas por ano e programa de pós-graduação	65
Tabela 2 -	Composição da amostra intencional.....	65
Tabela 3 -	Frequência de orientações no triênio 1998-2000	79
Tabela 4 -	Frequência por tipo de documento	82
Tabela 5 -	Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/UFRGS	87
Tabela 6 -	Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/PUCRS.....	89
Tabela 7 -	Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/UNISINOS	90
Tabela 8 -	Frequência de autores citados geral e por programa, e número de dissertações que citaram o autor	91
Tabela 9 -	Frequência de autores citados no PPGCOM/UFRGS	97
Tabela 10 -	Frequência de autores citados na linha CICC/UFRGS	98
Tabela 11 -	Frequência de autores citados na linha INT/UFRGS	99
Tabela 12 -	Frequência de autores citados na linha MEC/UFRGS	100
Tabela 13 -	Frequência de autores citados no PPGCOM/PUCRS	101
Tabela 14 -	Frequência de autores citados na linha CPS/PUCRS	102
Tabela 15 -	Frequência de autores citados na linha CTI/PUCRS	102
Tabela 16 -	Frequência de autores citados no PPGCOM/UNISINOS	103
Tabela 17 -	Frequência de autores citados na linha MPS/UNISINOS	104
Tabela 18 -	Frequência de autores citados na linha MPC/UNISINOS	105
Tabela 19 -	Tipo de autoria do documento	106
Tabela 20 -	Frequência de periódicos citados no PPGCOM UFRGS, PUCRS e UNISINOS	107
Tabela 21 -	Frequência de periódicos citados na linha CICC/UFRGS	110
Tabela 22 -	Frequência de periódicos citados na INT/UFRGS	111
Tabela 23 -	Frequência de periódicos citados na linha MEC/UFRGS	111
Tabela 24 -	Frequência de periódicos citados na linha CPS/PUCRS	112

Tabela 25 -	Frequência de periódicos citados na linha CTI/PUCRS	112
Tabela 26 -	Frequência de periódicos citados na linha MPS/UNISINOS	113
Tabela 27 -	Frequência de periódicos citados na linha MPC/UNISINOS	113
Tabela 28 –	Percentual de citação geral para idioma	114
Tabela 29 –	Percentual de citação por idioma em relação ao total de citação da linha	116
Tabela 30 –	Frequência de data agrupada das publicações citadas	117
Tabela 31 –	Frequência de data agrupada dos artigos de periódico citados	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AHCI	Arts and Humanities Citation Index
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
ASLIB	Association for Information Management
C & T	Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
CEBELA	Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos
CICC/UFRGS	Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação
CPS/PUCRS	Comunicação e Práticas Sociopolíticas
CTI/PUCRS	Comunicação e Tecnologias do Imaginário
ECO/UFRJ	Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
FELAFACS	Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INT/UFRGS	Informação e Novas Tecnologias
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
ISI	Institute for Scientific Information
MEC/UFRGS	Mídia e Estudos Culturais
MPC/UNISINOS	Mídias e Processos Socioculturais
MPS/UNISINOS	Mídias e Processos de Significação
NRD	Núcleo de Referência Docente
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SPSS	Statistics Packet for Social Sciences
SCI	Science Citation Index
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
SSCI	Social Science Citation Index
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
WOS	Web of Science

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2	OBJETIVOS	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivos Específicos	21
2	INDICADORES DE C&T E A CIÊNCIA DA CIÊNCIA	22
2.1	INDICADORES CIENTÍFICOS	23
2.2	OS INDICADORES DE RESULTADO E A BIBLIOMETRIA	26
2.3	OS ESTUDOS DE CITAÇÃO	34
3	A UNIVERSIDADE, A PESQUISA CIENTÍFICA E A PÓS-GRADUAÇÃO	45
4	A PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO	49
4.1	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (PPGCOM/UFRGS)	49
4.2	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PPGCOM/PUCRS)	53
4.3	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO VALE DOS SINOS (PPGCOM/UNISINOS)	56
4.4	OS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL.....	61
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	64
5.1	UNIVERSO DE ESTUDO	64
5.1.1	Amostra Intencional	65

5.2	DEFINIÇÃO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS (VARIÁVEIS)	66
5.2.1	Tipologia dos Documentos Citados	66
5.2.2	Idioma dos Documentos Citados	68
5.2.3	Temporalidade dos Documentos	69
5.2.4	Tipo de Autoria	69
5.2.5	Autoria dos Documentos Citados	69
5.2.6	Periódicos Citados	70
5.2.7	Total de Referências Bibliográficas	70
5.2.8	Ano de Defesa	70
5.2.9	Orientador	70
5.2.10	Linhas de Pesquisa	71
5.3	COLETA DOS DADOS QUANTITATIVOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO	71
5.4	COLETA DOS DADOS QUALITATIVOS	76
6	RESULTADOS	79
6.1	DENSIDADE DAS DISSERTAÇÕES	80
6.2	TIPO DE DOCUMENTO	82
6.3	AUTORES CITADOS	90
6.4	TIPO DE AUTORIA	106
6.5	PERIÓDICOS CITADOS	107
6.6	IDIOMA	114
6.7	TEMPORALIDADE	116
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE	137
	ANEXOS	139

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da ciência como sistema é governado pela produção e fluxo de informação, até que esta se transforme em conhecimento. Por isso, uma das obrigações dos pesquisadores é disseminar o conhecimento científico por meio de publicações, dado que os resultados de qualquer investigação devem ser divulgados de forma a estarem disponíveis para a comunidade, e, assim, realimentar o processo de comunicação científica. Meadows (1999) defende a comunicação como etapa vital para a ciência, tanto quanto a pesquisa, pois a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Para Griffith (1989), a comunicação científica tem esta mesma importância, sendo considerada como o único comportamento geral entre os cientistas, enquanto que os outros procedimentos são específicos e técnicos de cada área do conhecimento.

A partir de uma revisão bibliográfica dos conceitos propostos por vários autores, como Kaplan e Storer e, também, por Garvey, Suzana Mueller propõe uma apropriada definição de comunicação científica:

O termo comunicação científica se refere à troca de informações entre cientistas e inclui todas as atividades associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde a hora em que o cientista teve a idéia da pesquisa até o momento em que os resultados de seu trabalho são aceitos como parte integrante do conhecimento científico. (MUELLER, 1995, p. 64).

Ao conjunto de publicações resultantes da comunicação científica chamamos literatura científica. O termo literatura científica se refere à existência de publicações que, em conjunto, contêm a documentação total dos trabalhos produzidos pelos cientistas. Através da publicação, o saber científico se torna público, parte do corpo universal do conhecimento denominado ciência.

Teses e dissertações são documentos que representam a finalização de um curso de pós-graduação, e esse, geralmente, corresponde ao início da atividade científica de um pesquisador. No nível de mestrado, o aluno deve cursar um número mínimo de disciplinas ofertadas pelo programa, e, além disso, elaborar uma dissertação, que, segundo Campello (2000a), consiste em um trabalho de pesquisa que demonstre capacidade de sistematização e domínio da temática e da metodologia científica. No doutorado, o aluno deve produzir uma tese, que, além de envolver uma revisão bibliográfica e sistematização das informações existentes, deve representar uma contribuição original ao conhecimento científico da área.

De acordo com Witter et al.:

Das várias maneiras pelas quais se concretiza o discurso científico escrito em um curso de pós-graduação, devem merecer especial atenção as teses e as dissertações dos seus alunos. São documentos que refletem a formação que tiveram e, via de regra, constituem a primeira contribuição expressiva e individual dos mesmos. Esta proposição é particularmente pertinente em relação às áreas onde a tradição de pesquisa é restrita. (WITTER et al., 1989b, p. 67).

Segundo Campello (2000a), teses e dissertações são consideradas um tipo de literatura científica cinzenta, por não contar com um sistema de publicação e distribuição comercial. Dependendo do tema, estes trabalhos podem ser publicados como livro, ou compactados como artigo de periódico, garantindo uma melhor divulgação ao documento.

Para o desenvolvimento de uma tese ou dissertação, o pesquisador necessita ter acesso ao conhecimento já registrado, e, nesse processo, faz referência em seu próprio trabalho às idéias ou aos resultados de pesquisas de autores que o precederam. As citações no texto são utilizadas nos trabalhos científicos para referenciar publicações de outros autores, e, normalmente, são reunidas em uma lista de referências, que aparece no final do texto ou em notas. Enquanto trabalhos científicos, teses e dissertações requerem uma profunda fundamentação teórica e o conhecimento do estado da arte de um tema, o que gera uma lista

de referências bibliográficas consultadas pelo seu autor. De acordo com Noronha (1998), as referências bibliográficas são necessárias para identificar os pesquisadores cujos conceitos, métodos ou teorias serviram de inspiração, ou foram utilizados pelo autor no desenvolvimento de seu próprio trabalho, estabelecendo assim um processo de referência e citação.

Para Carvalho (1975, p.119):

As citações bibliográficas que aparecem freqüentemente reunidas no fim dos artigos científicos, espalhadas pelo texto ou como notas de rodapé têm diversas funções na comunicação científica. Contribuem para o desenvolvimento da ciência; provêm o necessário reconhecimento de um cientista por seus colegas; estabelecem os direitos de propriedade e prioridade da contribuição científica de um autor; constituem importantes fontes de informação; ajudam a julgar os hábitos de coleta de informação; e mostram a literatura que é indispensável para o trabalho dos cientistas.

A bibliometria, enquanto método quantitativo de investigação da ciência, utiliza a análise de citações como uma de suas ferramentas, a fim de medir o impacto e a visibilidade de determinados autores dentro de uma comunidade científica, verificando quais “escolas” do pensamento vigoram dentro das mesmas. Além disso, os indicadores bibliométricos possibilitam a mensuração das fontes de informação utilizadas, como o tipo de documento, o idioma e os periódicos mais citados. Utilizando estes indicadores, é possível saber como se dá a comunicação científica de uma área do conhecimento, fazendo um “mapeamento” da mesma, descobrindo teorias e metodologias consolidadas. Lima (1984, p. 61) complementa que os métodos e instrumentos da bibliometria “permitem análises quantitativas das propriedades, do comportamento e dos efeitos da informação ao examinar relações entre unidades produtoras e unidades produzidas, que evidenciam relações entre idéias, indivíduos, instituições, países e áreas de pesquisa”. Para Moravcsik e Murugesan (1975), as citações podem medir realizações científicas individuais, de um grupo, de uma instituição, de um país e, até mesmo, podem retratar a evolução da ciência em geral ou de um campo específico.

Neste estudo, a bibliometria é utilizada como método para conhecer a prática da comunicação científica discente no campo da Comunicação, por meio da análise de citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCOM/UNISINOS). Nos capítulos que seguem, descreve-se o contexto da

produção das dissertações analisadas, através de um breve histórico dos programas em questão, e é oferecida uma revisão sobre a bibliometria e os estudos de citação na literatura científica. Por fim, os detalhes metodológicos, os resultados e as conclusões do estudo são apresentados.

1.1 JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho pretende ser uma contribuição para os estudos acerca do campo da Comunicação no Brasil, avançando no conhecimento das características da produção discente dos programas de pós-graduação no Sul do País. De acordo com Campello (1982), as teses e as dissertações refletem o ambiente universitário do país e das instituições em que são produzidas, servindo, desta forma, como objeto para aplicação de estudos de citação. Este estudo objetiva também auxiliar na verificação da existência de um núcleo de autores mais citados, demonstrando indícios de maturidade científica da área de Comunicação, mesmo que este núcleo seja emprestado de outro campo do conhecimento, já que a ciência moderna é caracterizada pela interdisciplinaridade.

De acordo com Pinheiro (1999), a interdisciplinaridade é inerente às Ciências Humanas, já que a combinação de disciplinas é necessária para a solução de problemas correspondentes aos novos campos de conhecimento. Segundo a autora, a Ciência da Informação e a Comunicação são disciplinas contemporâneas, e, junto com a Ciência da Computação, formam um triângulo disciplinar altamente dependente da nova ordem tecnocultural. Sendo assim, poderá ocorrer no futuro de a Ciência da Informação e a Comunicação se unirem em uma disciplina com características transdisciplinares, do tipo Infocomunicação. Se a previsão feita pela pesquisadora se confirmar, este estudo terá representado também uma tentativa de monitorar o início desta junção, já que a temática Comunicação-Informação-Novas Tecnologias constitui a base de uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O fato de a publicação e o comportamento do pesquisador frente à prática da citação variar entre as disciplinas só foi percebido depois do aparecimento do Science Citation Index (SCI) em 1961 (LEYDESDORFF; AMSTERDAMSKA, 1990). As diferenças nas práticas de

citação entre os cientistas de diferentes disciplinas e especialidades conduziram alguns analistas à conclusão de que comparações entre contagens de citações são indicadores significativos da variação na performance somente quando se compara grupos que trabalham com um campo do conhecimento ou instituições similares (GARFIELD, 1979; GÓMEZ CARIDAD; BORDONS CANGAS, 1986; MOED et al., 1985; MACROBERTS; MACROBERTS, 1989, 1996).

Desta forma, os programas de pós-graduação em Comunicação da UFRGS, PUCRS e UNISINOS foram escolhidos para este estudo, primeiramente, por abordarem a mesma área do conhecimento, possibilitando análises e comparações. Porém, os programas apresentam outras características comuns. São cursos devidamente credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e abertos a uma clientela variada, com formações acadêmicas diversificadas. Outro motivo foi o fato de pertencerem à mesma região geográfica do Brasil, mais particularmente ao Estado do Rio Grande do Sul, e, desta forma, apresentarem características comuns. A idade cronológica dos três programas é semelhante: todos eles foram criados há menos de 10 anos. Alguns professores orientadores participaram de dois programas simultaneamente. Estes fatos instigam uma análise profunda, reunindo dados quantitativos e qualitativos das dissertações, da produtividade dos programas e dos orientadores.

Como o universo de estudo é extenso (242 dissertações, defendidas entre os anos de 1997 e 2002), utilizou-se a data de defesa da dissertação como critério de inclusão no estudo. Os anos 1998, 1999 e 2000 foram escolhidos por coincidirem com o início das defesas de dissertações de Mestrado nos três programas. Este período coincide também com a avaliação trienal da CAPES, o que torna possível uma comparação entre a avaliação, que está disponível eletronicamente, e os dados obtidos com a metodologia quantitativa, enriquecendo a análise dos resultados.

Os resultados deste tipo de trabalho podem ser úteis para os programas e orientadores em questão, servindo ainda para avaliação do estado atual do campo da Comunicação. Além de revelar aspectos subjacentes sobre a área, fornece subsídios para a tomada de decisões e elaboração de políticas científicas.

Lima (1986) demonstra que a bibliometria como área de pesquisa e como técnica tem alcançado resultados que possibilitam uma maior compreensão da forma, estrutura e volume

da comunicação científica. Esse entendimento é complementado por Carvalho (1976), para quem a bibliometria pode ser útil aos bibliotecários não só como uma orientação objetiva para planejamento e organização de serviços de biblioteca e centros de documentação, mas, especialmente, como apoio na política de seleção e aquisição de coleções de documentos e nos meios de disseminação da informação. Desta forma, acredita-se que este estudo reunirá subsídios para auxiliar no planejamento, organização e gerência de sistemas de informação e bibliotecas na área da Comunicação e Informação.

A partir das considerações expostas, identifica-se como problema desta pesquisa a seguinte indagação: **Quais são as especificidades das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul que caracterizam os programas e suas respectivas linhas de pesquisa?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as características das fontes de informação utilizadas pelos discentes dos programas de pós-graduação em Comunicação na UFRGS, PUCRS e UNISINOS, expressas nas citações das dissertações defendidas entre os anos 1998 a 2000, relacionando-as com os programas, suas linhas de pesquisa e impressões dos orientadores.

1.2.2 Objetivos Específicos

De modo mais concreto, esta proposta abrange os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar nas citações das dissertações os seguintes indicadores:
 - a) Tipologia do documento;
 - b) Idioma;
 - c) Temporalidade;
 - d) Tipo de autoria;

- e) Autores citados;
 - f) Título dos periódicos citados;
 - g) Densidade das dissertações.
- 2) Relacionar os indicadores identificados com os programas, as linhas de pesquisa e os orientadores;
 - 3) Obter junto a alguns orientadores uma apreciação sobre os resultados.

2 INDICADORES DE C&T E A CIÊNCIA DA CIÊNCIA

O desenvolvimento econômico, político, social e cultural dos países se deve, em grande parte, às pesquisas em Ciência e Tecnologia (C&T). Desta forma, surge a necessidade de se avaliar a produção do conhecimento científico e tecnológico, com a finalidade de definir a alocação de recursos e auxiliar os governos na criação de planos de C&T. Desde o aparecimento da ciência moderna, houve momentos em que a atividade científica precisou ser justificada perante a sociedade (VELHO, 1985). No século XVII, a justificativa para a ciência era a glória de Deus ou o benefício da humanidade, o que proporcionava uma relação entre ciência e religião. No século XIX, surge o idealismo da ciência pela ciência, sem nenhuma outra intenção. Como consequência da desilusão provocada pela Primeira Guerra Mundial, no século XX, a atividade científica precisou ser justificada, pois, embora tivesse progredido, ela não havia sido capaz de solucionar os grandes problemas sociais. Neste período da história, “a sociedade voltou a esperar que a ciência, de alguma maneira, servisse a certos objetivos sociais e não apenas a ela mesma”. (VELHO, 1985, p. 35).

Ao perceber a importância do conhecimento sobre C&T e o desenvolvimento dos indicadores científicos, Garfield (1986) enumerou razões para se estudar ciência, e, apesar do tempo decorrido desde a publicação daquele estudo, as preocupações apresentadas parecem muito atuais: o papel da ciência na guerra e na paz; o uso e mau uso da pesquisa; as correlações entre ciência e tecnologia; as responsabilidades recíprocas dos cientistas e da sociedade; a consolidação e o controle da ciência; a determinação de políticas futuras acerca da educação científica; e a formulação de uma política pública acerca da ciência em geral.

2.1 INDICADORES CIENTÍFICOS

A ciência progrediu sem consciência de si mesma durante longos anos, envolvida em uma espécie de misticismo cultivado pelos próprios cientistas. Na opinião de Braga (1974), a ciência se tornou uma força produtiva da sociedade, provocando a necessidade de se gerar conhecimento sobre como ela deveria ser administrada e fortalecida para os objetivos dessa sociedade.

De acordo com Velho (1985), tornou-se necessário avaliar e monitorar a atividade científica por, no mínimo, três razões: para assegurar que a ciência participe na consecução dos objetivos econômicos e sociais dos diferentes países; pelo fato de que a disponibilidade de recursos para a atividade científica é limitada e compete com os demais setores de investimento público; e porque deixar a decisão de como alocar os recursos para ciência unicamente com os próprios cientistas implica parcialidade. Em artigo posterior, a pesquisadora complementa que, em se tratando de países periféricos, a necessidade de avaliação da ciência é mais evidente, visto que a atividade científica é financiada quase de forma integral por recursos públicos. (VELHO, 1986a).

Outro fator que contribuiu para o crescimento dos indicadores, conforme Velho (1998), é que, em meados da década de 60, simultaneamente ao desenvolvimento dos conceitos e métodos de análise da ciência, surgiram evidências de que ciência e tecnologia eram fatores fundamentais para o progresso, e, por isso, tornou-se essencial assegurar que as mesmas participassem da criação das políticas econômicas. Desta forma, na medida em que ciência e tecnologia deixaram de estar na periferia das políticas governamentais e passaram a ocupar uma posição central, os responsáveis pela política científica solicitaram maiores informações quantitativas sobre estas atividades. A crescente competitividade e globalização da economia contribuíram para o desenvolvimento dos indicadores, forçando cada país a entender qual é a sua posição em relação aos outros competidores científicos, para se tornar capaz de explorar as oportunidades surgidas no campo de C&T.

Na década de 70, Braga (1974) afirmou que a maior resistência ao estudo da ciência como disciplina era promovida pelos próprios cientistas, devido à idéia de que eles eram capazes de criticar o estado da ciência, aconselhar instituições e universidades, traçar linhas

de ação para laboratórios de pesquisas e academias. Desde aquela época, era sabido que a ciência requer especialistas treinados para entendê-la e dirigi-la, apesar de a iniciativa provocar protestos. Baseada nestes protestos e em diferentes opiniões a seu respeito, a *Ciência da Ciência* ganhou força. De acordo com Braga (1974), o termo foi utilizado pela primeira vez em 1935, por Maria e Stanislaw Ossowski, e, hoje, denota a possibilidade de encarar os fenômenos da ciência através de uma abordagem científica, implicando análise racional e a formação de um conjunto de conhecimentos a seu respeito, os chamados indicadores científicos.

Velho (1986a) também defende a *Ciência da Ciência*, afirmando que deixar a avaliação da ciência sob a responsabilidade de seus praticantes implica parcialidade dos dados. Existem, entretanto, opiniões contrárias, como a de Gómez Caridad e Bordons Cangas (1986), para quem os próprios investigadores são os mais ou os únicos capacitados a avaliar os resultados científicos produzidos em sua área.

No que concerne à avaliação científica da ciência, Velho (1986a) conclui que os enfoques qualitativos possuem mais validade e relevância, enquanto as técnicas quantitativas têm maior confiabilidade e menor custo. Segundo a autora, não existe uma única técnica de aferição perfeita, e as avaliações profundas e amplas devem ser baseadas em vários procedimentos complementares. Solla Price (1976) também considera a ciência como “entidade mensurável”, passível da aplicação de métodos quantitativos, que, recebendo o tratamento estatístico devido, geram dados que permitem traçar as curvas da evolução da ciência. No prefácio de seu livro **Little Science, Big Science**, traduzido em 1976, o autor tece comentários sobre a necessidade de se criar e estudar indicadores de C&T, salientando que este é o modo de manter o progresso rápido dos países, em um curso sensato em direção ao futuro.

O conceito de indicador científico abrange níveis diferentes de informações empíricas que descrevem aspectos qualitativos ou quantitativos de um estado da atividade científica. Desta forma, os indicadores têm um papel importante como base para sistemas de monitoração e para procedimentos de avaliação. A monitoração da ciência é a sistematização de indicadores e sua integração num sistema de “contabilidade” (VELHO, 1986a). A avaliação objetiva responder o porquê das coisas estarem acontecendo de uma determinada maneira e quais são os fatores que fazem diferença para a atividade científica.

Outro pesquisador, Barré (1997), também nos oferece uma esclarecedora noção de indicador científico, afirmando que os mesmos são o conhecimento efetivo que é trazido aos processos de avaliação, previsão, análise estratégica, assessoria tecnológica, avaliação de tecnologia e formulação de políticas:

Indicadores de C&T são conhecimento quantitativo sobre os parâmetros da atividade científica, tecnológica e de inovação, em nível institucional, disciplinar, setorial, regionais, nacionais ou pluri-nacionais. Tal conhecimento visa caracterizar e posicionar instituições, regiões e países em “mapas” temáticos, permitindo assim fazer estudos comparativos inclusive análise de tempo. (BARRÉ, 1997, p. 58).

Velho (1985) enumera quatro tipos de medidas levadas em consideração na construção de indicadores científicos: medidas de *input*, tanto do ponto de vista de recursos financeiros como de pessoal envolvido na atividade; contagem do número de prêmios honoríficos recebidos pelos membros de determinada comunidade; contagem do número de publicações e contagem do número de citações recebidas. Desta forma, duas variáveis são encontradas nos padrões de distribuição das leis bibliométricas: uma referente ao conjunto de produtores (autores e periódicos), outra, correspondente a um conjunto de produtos (documentos, citações). (PINHEIRO, 1983).

Essas informações, exceto aquelas sobre prêmios honoríficos e recursos financeiros alocados à atividade científica, são encontradas nos bancos de dados do Institute for Scientific Information (ISI), sediado na Filadélfia, nos Estados Unidos. Entretanto, o ISI não cobre toda a literatura científica difundida no mundo, especialmente quando se trata da produção de países considerados periféricos. O interesse maior do Instituto volta-se às nações que produzem a ciência considerada importante e significativa, chamada *mainstream*. Portanto, esse instrumento é questionável quando se deseja medir a ciência produzida em países do Terceiro Mundo, visto que ele não representa a ciência gerada no mundo todo de forma igualitária. (SANCHO, 1992).

Segundo Velho (1998), a maior parte do trabalho pioneiro que levou ao desenvolvimento dos indicadores científicos teve lugar nos Estados Unidos. Outras nações também se dedicaram aos modelos para análise quantitativa, como a Inglaterra, a França, a Holanda e a China. Na América Latina, o Brasil se destaca como o país que destina os maiores esforços financeiros e humanos à compilação de dados estatísticos sobre C&T.

A necessidade de os países periféricos possuírem seus próprios indicadores é visível. Spinak (1998) avalia que, no momento atual, grande parte dos esforços da *Ciência da Ciência* se concentra na elaboração de metodologias apropriadas à formulação de indicadores científicos, tanto de *input* como de *output*. Por muito tempo, o foco das avaliações permaneceu orientado para medir os insumos (*input*), como verbas e pessoas. Porém, o interesse atual está voltado aos indicadores de resultados (*output*).

Os indicadores de resultados, como autores e periódicos mais citados, bem como outros temas próprios da *Sociologia da Ciência*, como a vida dos pesquisadores, o mundo em que trabalham, a natureza do seu trabalho e as influências a que estão sujeitos, requerem instrumentos metodológicos tais como os métodos quantitativos, chamados bibliometria, cientometria, informetria e webometria. Esses métodos são empregados em parte para analisar o tamanho, o crescimento e a distribuição da bibliografia científica, a fim de melhorar as atividades de informação e comunicação científica; e, em outra parte, para analisar os mecanismos da investigação científica, considerada como atividade social, bem como a estrutura e a dinâmica dos grupos de pesquisa que produzem e utilizam a literatura científica. (SANCHO,1990).

2.2 OS INDICADORES DE RESULTADO E A BIBLIOMETRIA

A utilização das técnicas de medição da ciência tem algumas décadas de existência, não estando, assim, completamente consolidada. (SPINAK, 1998; SANCHO, 1990). De acordo com Sancho (1990), os primeiros estudos em bibliometria foram resultado da curiosidade inata para entender o desenvolvimento científico, sendo o trabalho de Cole e Eales, publicado em 1917, na **Science Progress**, o primeiro em bibliometria. Os autores analisaram pesquisas na área de Anatomia, editadas entre 1543 e 1860, contando o número de publicações por país. Na opinião de Sengupta¹ (1992 *apud* HOOD; WILSON, 2001), foi Campbell quem produziu o primeiro estudo bibliométrico, usando métodos estatísticos para observar temáticas diversas nas publicações, ainda em 1896.

¹ SENGUPTA, I.N. Bibliometrics, informetrics, scientometrics and librametrics: an overview. **Libri**, n. 42, 1992, p. 75-98.

Diversos autores, entre eles Estivals (1986) e Pinheiro (1983), atribuem a Paul Otlet, em 1934, o uso do termo bibliometria pela primeira vez na obra intitulada **Traité de Documentation**. Entretanto, Figueiredo (1973), Garfield (1986) e Vanti (2001) indicam Pritchard como o responsável pela popularização do uso dessa palavra, quando, em 1969, sugeriu que essa deveria substituir o termo “bibliografia estatística”, utilizado desde a menção feita por Edward Wyndham Hulme, em 1922, em uma conferência na Universidade de Cambridge, reportando-se ao estudo de Cole e Eales (1917), comentado anteriormente.

Ainda segundo Vanti (2001), em 1948, Ranganathan sugeriu a necessidade dos bibliotecários desenvolverem a bibliotecometria, na Conferência da Association for Information Management (ASLIB) em Leamington Spa, na Inglaterra. Em 1969, no seminário anual do *Documentation Research and Training Centre*, o pesquisador apresentou um trabalho com exemplos de aplicação da Estatística na Biblioteconomia.

Macias-Chapula (1998) assim traduziu a definição que Tague-Sutcliffe² (1992) publicou de bibliometria:

Bibliometria é o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada. [...] a bibliometria desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão. (TAGUE-SUTCLIFFE, 1992, p. 1-3 *apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134).

Para Spinak (1998), a bibliometria é uma disciplina de alcance multidisciplinar que compreende entre outras coisas, a aplicação de análise estatística para o estudo de um dos aspectos mais relevantes de uma comunidade científica: a comunicação impressa.

Urbizagástegui (1984) afirma que a bibliometria surgiu no Brasil em 1970, por ocasião da implantação do curso de Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sob o estímulo da disciplina “Processamento de Dados na Documentação”, ministrada pelo professor Tefko Saracevic. Para o autor, os estudos bibliométricos brasileiros surgem entre 1972 e 1974, época em que existiu uma crescente produção intelectual através das dissertações defendidas no curso de pós-graduação do IBICT, quase sempre compactadas e publicadas na forma de artigo na **Ciência da Informação**, periódico editado pelo Instituto. Desta forma, o IBICT foi o difusor da

² TAGUE-SUTCLIFFE, J. An Introduction to Informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

abordagem bibliométrica no País, e, conseqüentemente, os pioneiros desta abordagem são alunos que freqüentaram aquele pós-graduação.

Ao analisar a produção intelectual brasileira gerada entre 1972 e 1983 que fez uso da abordagem bibliométrica, Urbizagástegui (1984) encontra resultados que mostram que a Lei de Bradford³ era a temática principal até os anos 80, enquanto que a análise de citações foi pouco utilizada. Na opinião do autor, essa preferência pela Lei de Bradford pode ser explicada pela utilidade prática da lei na constituição de listas básicas para as coleções de periódicos das bibliotecas e centros de documentação.

De acordo com Hood e Wilson (2001), na década de 60 Vassily V. Nalimov cunhou o termo cientometria⁴ para o estudo dos aspectos quantificáveis da literatura de Ciência e Tecnologia. A cientometria ganhou reconhecimento e foi institucionalizada com a fundação, em 1978, do periódico **Scientometrics**. Desde então, a comunidade científica encontra-se em estágio de expansão, envolvendo cada vez mais pesquisadores e países interessados no assunto. (MÉNDEZ, 1994; VAN RAAN, 1997).

Sobre cientometria, Tague-Sutcliffe (1992)⁵ declara:

Cienciometria é o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. A cienciometria é um segmento da Sociologia da Ciência, sendo aplicada no desenvolvimento de políticas científicas. Envolve estudos quantitativos das atividades científicas, incluindo a publicação e, portanto, sobrepondo-se à bibliometria. (TAGUE-SUTCLIFFE, 1992 *apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p.134).

As técnicas da cientometria e da bibliometria são similares, mas o papel de cada uma é distinto por seus diferentes contextos. Spinak (1998) pontua as características de cada uma das subdisciplinas:

A cientometria aplica técnicas bibliométricas à ciência. O termo Ciência se refere às Ciências Físicas e Naturais, assim como as Ciências Sociais. Porém, a cientometria vai mais além das técnicas bibliométricas, pois também examina o desenvolvimento e as políticas científicas. [...] Os temas que interessam a cientometria incluem o crescimento quantitativo da Ciência, o desenvolvimento

³ Lei bibliométrica formulada por Samuel Bradford em 1934 para explicar a dispersão da literatura, descrevendo que as informações (artigos) pertinentes se distribuem em um conjunto de fontes de informação (periódicos) na relação 1: n: n². Ver BRADFORD, S.C. Sources of information on specific subjects. **Engineering**, n.137, 1934, p. 85-86.

⁴ No Brasil, o termo cienciometria também é utilizado, entretanto, optou-se pelo uso do termo cientometria pela derivação do termo latino *cientia*.

⁵ TAGUE-SUTCLIFFE, J. An Introduction to Informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

das disciplinas e subdisciplinas, a relação entre Ciência e Tecnologia, a obsolescência dos paradigmas científicos, a estrutura de comunicação entre os pesquisadores, a produtividade e criatividade dos pesquisadores, as relações entre o desenvolvimento científicos e o crescimento econômico etc. (SPINAK, 1998, p. 142, tradução nossa).

De acordo com Van Raan (1997), a cientometria se interessa especificamente por quatro áreas: desenvolvimento de métodos e de técnicas para o projeto, a construção e a aplicação de indicadores quantitativos; desenvolvimento de sistemas de informação em C&T; estudo da interação entre C&T; e estudo da estrutura cognitiva e sócio-organizacional dos campos científicos.

Para Zbikowska-Migon (2001), a história da bibliometria e cientometria é muito próxima da história da Estatística, sendo que os seus surgimentos se deram gradualmente, quando os estatísticos se interessaram por dados sobre cultura, indo além de meros dados sobre demografia, dados econômicos e militares. Zbikowska-Migon (2001) aponta Frömmichen, em 1780, e Balbi, em 1820, como pioneiros da bibliometria e cientometria, já que estes pesquisadores perceberam a possibilidade e a necessidade de pesquisas quantitativas sobre cultura e ciência, utilizando em suas pesquisas registros bibliográficos como base para avaliações e julgamentos.

No Brasil, Meis e Leta (1996) afirmam que os estudos no campo da cientometria iniciaram-se em 1977, com o trabalho publicado por Morel e Morel (1977). Os pesquisadores analisaram, sob diversos ângulos a produção científica brasileira na literatura científica indexada pelo ISI durante o período 1967-1974, identificando os autores mais citados, sua produtividade e distribuição por região, Estado e instituição.

Um termo relacionado à cientometria e à bibliometria foi proposto por Otto Nacke, diretor do Institut für Informetrie, em Bielferd, na Alemanha, em 1979: informetria (HOOD; WILSON, 2001). O termo teve sua aceitação definitiva em 1989, quando o Encontro Internacional de Bibliometria passou a se chamar Conferência Internacional de Bibliometria, Cientometria e Informetria.

Hood e Wilson (2001) consideram o termo informetria o mais geral entre as subdisciplinas da Ciência da Informação. Macias-Chapula (1998, p.135) assim traduziu a definição que Tague-Sutcliffe fez de informetria:

Informetria é o estudo dos aspectos quantitativos da informação em qualquer formato, e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social, e não apenas aos cientistas. A informetria pode incorporar, utilizar e ampliar os muitos estudos de avaliação da informação que estão fora dos limites tanto da bibliometria como da cienciométrica. (TAGUE-SUTCLIFFE, 1992 *apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p.135).

A mais nova das especialidades, a webometria, consiste no estudo sobre o conteúdo e a estrutura das páginas na *Web* (HOOD; WILSON, 2001). Segundo Vanti (2002), a webometria utiliza-se de método informétrico, medindo, entre outras coisas, a frequência de distribuição das páginas no ciberespaço, analisando a presença dos diversos países na Rede, a proporção de páginas pessoais, de comerciais e de institucionais, entre outros dados.

A bibliometria e a cienciométrica são aplicadas a uma grande variedade de campos. De acordo com a opinião de diversos autores, entre eles Macias-Chapula (1998); Sancho (1990); Sans Casado (1994); Oliveira; Dórea; Domene (1992); Krauskopf (1992); Krauskopf; Vera; Albertini (1995a), pode-se determinar: o crescimento de qualquer campo da ciência, segundo a variação cronológica do número de trabalhos publicados; as tendências do conhecimento entre as disciplinas; o crescimento e a consolidação de uma temática; o envelhecimento ou a atualidade dos campos científicos, segundo a vida média das referências; a evolução cronológica da produção científica, segundo o ano de publicação dos documentos; a produtividade dos autores e das instituições, medida pelo número de seus trabalhos; a colaboração entre cientistas e instituições, medida pelo número de autores por trabalho; o impacto e a visibilidade das publicações dentro da comunidade científica, medido pelo número de citações recebidas em trabalhos posteriores; a análise e a evolução das fontes difusoras dos trabalhos, por meio do fator de impacto das fontes; a dispersão das publicações científicas entre as diversas fontes, como por exemplo uma tese, que, após defendida, é dividida em inúmeros artigos; a utilização de trabalhos próprios para a publicação em questão (autocitação); e políticas de aquisição e de descarte para bibliotecas e centros de informação.

Entretanto, apesar de oferecer inúmeras possibilidades de aplicação dos dados, os indicadores quantitativos também são alvo de inúmeras críticas por parte da comunidade científica.

Solla Price (1976, p. 40) avalia que “para examinar mais de perto os resultados reais do trabalho científico, ao invés de uma simples contagem, devemos conhecer muito mais sobre as instituições sociais da ciência e sobre a psicologia do cientista”. Esta opinião é

compartilhada por grande parte da comunidade científica, que conclui que a tendência atual é o uso da metodologia qualitativa para contextualizar os dados obtidos com a metodologia quantitativa.

A respeito do indicador de crescimento do conhecimento, medido através do número de trabalhos publicados, os especialistas defendem que, para tal estudo, todo o conhecimento obtido pelos pesquisadores tem que estar publicado nesses trabalhos em igual proporção (ROOSENDAAL; GEURTS, 1999). Contudo, a quantidade de conhecimento inserida em cada publicação é um indicador difícil de ser medido, pois uma única pesquisa pode dar origem a diversos artigos, cada um deles contendo uma parte do todo: metodologia, resultados, conclusões. Esta é uma prática comum entre os pesquisadores. No Brasil, a CAPES incentiva a divulgação científica, exigindo um número mínimo de publicações de cada docente e das instituições de pós-graduação. A pressão sobre todos os envolvidos com a pesquisa científica para que seja publicado o maior número possível de trabalhos fragiliza o indicador de crescimento do conhecimento.

A indústria é também uma fonte produtora de conhecimento científico, mas, na maioria das vezes, essa informação é confidencial por ser tecnológica e, desta forma, competitiva. Mueller (1995) afirma que as pesquisas da área militar e industrial não são, por sua natureza, amplamente divulgadas. Meis e Leta (1996) reforçam a opinião de Mueller, e incluem ainda uma parcela da informação governamental como sigilosa.

Outra questão levantada é que a comunicação informal entre os cientistas é ignorada pelos indicadores bibliométricos, pois estes se dedicam à comunicação publicada. Sabe-se que a comunicação informal nos colégios invisíveis acontece com frequência e não é citada formalmente como referência bibliográfica, alterando os resultados de uma análise de citação. Porém, considera-se esta crítica inválida, pois os trabalhos mencionados no âmbito do colégio invisível no qual o pesquisador se insere serão citados em algum momento, fazendo com que os nomes que circulam nessa comunidade informal apareçam, evidenciando a relação entre estes pesquisadores.

Uma crítica pertinente é levantada por Velho (1998) quando afirma que os indicadores científicos retratam o tempo passado, ou seja, não podem ser usados para prever o futuro da ciência. Para aqueles que tomam decisões, é pouco útil descobrir dez ou vinte anos mais tarde

que um grupo de cientistas que trabalhou anonimamente conseguiu resultados que tiveram impactos significativos na sociedade.

Apesar das críticas e dos problemas apontados, os métodos quantitativos são utilizados há alguns anos. Para Castro (1986, p. 30):

As vantagens da Bibliometria residem na diluição dos elementos de julgamento. Os escores quantitativos são o somatório de muitos pequenos julgamentos e apreciações, realizados por muitas dezenas de pessoas. Há forte consenso na proposição de que todo produto da ciência acaba sendo comunicado de forma escrita. Assim, ao se monitorar a ciência no seu momento de publicação, temos uma imagem bastante adequada do seu fluxo.

Meneghini e Fonseca (1990) realizaram uma pesquisa onde compararam um estudo sobre a avaliação por pares em Bioquímica, efetuado por Meis, Longo e Falcão⁶, com o desempenho individual, caracterizado por vários parâmetros bibliométricos, encontrando uma forte correlação entre os dados qualitativos e os índices bibliométricos, contribuindo para a validação dos estudos bibliométricos nas avaliações de desempenho em ciência. Através de vários estudos, Cole e Cole (1973) também encontraram correlação entre análise de citações e avaliação por pares, concluindo que a análise de citações é um indicador confiável quando utilizada com bom senso, ou seja, quando não tomada como medida absoluta.

Esta mesma afirmativa foi feita por Garfield (1979), para quem as críticas ao método não são infundadas. Entretanto, comparando as vantagens e desvantagens deste tipo de estudo, o cientista garante que a correlação entre os resultados de análise bibliométrica e a avaliação por pares é indubitável.

Velho (1986b) acrescenta que os indicadores bibliométricos, além de apresentarem correlação com a avaliação por pares, apresentam correlação com prêmios honoríficos como o Nobel. Por seu turno, Bavelas (1978) apresenta outro viés. Para a autora, ganhadores do prêmio Nobel, presidentes de associações e pesquisadores considerados bons pelos pares são citados por estes motivos, e, por isso, existe a correlação com os indicadores bibliométricos.

Segundo Edge (1979), as citações são apenas um aspecto do comportamento do cientista, sendo aceitas como importantes ferramentas para avaliação da produção científica de uma área, se estiverem complementadas por outros aspectos de natureza qualitativa. Velho

⁶ MEIS, L., LONGO, P.H. e FALCÃO, E.B.M. The learning process in science: a study among Brazilian biochemists. **Biochemical Education**, v. 17, n. 3, p. 127-132. 1989.

(1986b) concorda, afirmando que há diversos fatores que influenciam o comportamento da citação na ciência, inclusive os sociais. Dessa forma, o conhecimento a respeito do cientista e de seu ambiente de trabalho, de sua área de interesse e de seus hábitos de citação torna-se necessário para que se possa não apenas enriquecer, como também avaliar os resultados das usuais pesquisas quantitativas.

Para Moed et al. (1985), os indicadores bibliométricos, quando usados de maneira apropriada, proporcionam um instrumento de monitoramento da atividade de pesquisa na universidade e auxiliam na definição das políticas científicas.

Observando as opiniões expostas, conclui-se que, apesar das deficiências apontadas, os indicadores quantitativos são ferramentas importantes para avaliação da produção de C&T. O uso equilibrado de indicadores quantitativos dentro de um contexto parece ser o ideal, ou seja, a análise deve ser baseada não só em dados numéricos, mas sim cotejada com informações qualitativas sobre os pesquisadores e seu ambiente de pesquisa.

2.3 OS ESTUDOS DE CITAÇÃO

A palavra citação é empregada para descrever o ato de remeter de um artigo para outro. (MEADOWS, 1999). A função primária de uma citação, segundo Lima (1986), é promover uma correlação entre dois documentos, um que cita e outro que é citado. A análise das citações, considerada uma das ferramentas da bibliometria, relaciona o citante com o citado, mostrando o que foi publicado em determinada área do conhecimento, dirigindo o leitor para outras fontes de informação e destacando, na literatura analisada, os periódicos mais produtivos em determinado tema ou assunto. Na opinião de Mello (1996), as citações são um importante indicador de desempenho científico, podendo contribuir para entender a estrutura e o desenvolvimento da ciência, bem como para identificar as regularidades básicas de seu funcionamento.

Peritz (1992) distingue três áreas de aplicação para a análise de citações: a avaliação de cientistas, publicações e instituições científicas; a investigação de hipóteses a respeito da história e sociologia da Ciência e Tecnologia; e o estudo das características dos procedimentos de busca e recuperação da informação.

Depois da Lei de Bradford, a análise de citações é um dos temas da bibliometria mais populares no Brasil, conforme Mostafa (2002) e Urbizagástegui (1984). No estudo dos artigos e comunicações publicados de 1972 a 2002 no periódico **Ciência da Informação**, Vanz (2003) comprova que a análise de citações está entre as temáticas preferidas dos pesquisadores nacionais. Após alguns anos de quase esquecimento, a bibliometria reapareceu com força no fascículo dois do ano de 1998, com o número temático dedicado à Scientific Electronic Library Online, a SCIELO, onde a análise de citação aparece com destaque. A SCIELO pode ter incentivado a volta aos estudos bibliométricos e cientométricos pela necessidade de estatísticas da produção científica nacional, e também devido aos requisitos inerentes ao desenvolvimento da metodologia própria. Outro motivo para o ressurgimento desses estudos pode ter sido a maior divulgação dos índices produzidos pelo ISI através do Web of Science (WOS), disponibilizado às principais universidades brasileiras e Institutos de Pesquisa pela CAPES. O WOS disponibiliza, de forma *on-line*, toda a rede de citações dos artigos publicados em periódicos indexados pelo ISI, facilitando o trabalho dos que pretendem realizar, por exemplo, estudos de citação nestes periódicos. Não se pode esquecer, também, a necessidade premente de avaliação da produção científica nacional. A CAPES também pode ser responsável pelo aumento de interesse na bibliometria a partir do momento em que a mensuração de universidades, de pesquisadores e de sua produção se tornou obrigatória.

A bibliometria tem como premissa o fato de que os cientistas constroem seu trabalho a partir de obras anteriores, e mostram isso mencionando-as em seus textos, em uma lista de referências. O comportamento dos cientistas fica evidente a partir das citações: tendências de concentração em campos, em instituições, em países e no uso de determinados periódicos. (MOREL; MOREL, 1977). A existência de variação nos hábitos de citação nas diferentes áreas da ciência é afirmada por diversos autores, entre eles Rousseau (1998), o que torna os estudos de citação fundamentais para o entendimento da comunicação científica.

Uma das características da comunicação científica que a análise de citações possibilita mapear refere-se à natureza cumulativa do conhecimento:

os cientistas em geral precisam, ao realizar seus próprios estudos, estar cientes apenas dos trabalhos recentes. Ao contrário, as informações nas Ciências Sociais com frequência são menos facilmente codificadas, de modo que a literatura antiga continua sendo mencionada. As humanidades constituem um caso especial, pois a literatura antiga representa para elas muitas vezes a matéria-prima de suas investigações. (MEADOWS, 1999, p. 62).

Braga (1974) entende que a tendência de um campo a citar mais trabalhos antigos do que a literatura atual indica um tipo de “metabolismo humanístico”, onde é preciso digerir tudo o que já foi publicado, amadurecer o conhecimento adquirido para, então, se produzir novos textos, versando, aproximadamente, sobre os mesmos tipos de problemas.

Velho (1986a) apresenta um contraponto: se um campo de pesquisa é jovem, existem poucos trabalhos a serem citados e, assim, as citações se concentram em trabalhos recentes. A autora lembra, contudo, que os pesquisadores dos países ditos “periféricos” tendem a ignorar ou não ter acesso à literatura mais antiga. Desta forma, uma forte dependência de artigos científicos atuais reflete também uma característica de “periferalidade” em ciência.

A partir de vários estudos desenvolvidos na área, Velho (1986a) concluiu que as formas de distribuição da idade das citações variam entre as áreas científicas. A autora sugere que a proporção substancial de citações à literatura internacional antiga indica o passado educacional da amostra de cientistas, ou dos orientadores. Se os orientadores fizeram doutorado no exterior, é possível que as referências antigas sejam correspondentes a artigos que esses pesquisadores encontraram quando estudantes nas universidades em que se especializaram.

Seguindo com este raciocínio, Velho (1986b) conclui que os padrões de citação dos pesquisadores são influenciados de forma clara pelo seu passado educacional, ou seja, os hábitos adquiridos por um pesquisador durante o seu treinamento de pós-graduação o acompanham durante toda a sua vida profissional. Assim, o processo de leitura e produção intelectual de um pesquisador brasileiro está permeado pela literatura produzida e citada pelos colegas e instituições que ele conheceu neste período. Muito embora esse fenômeno tenha sido observado pela autora, ela não o nomeia explicitamente.

Em busca de um conceito que exprimisse claramente este comportamento de citação, encontrou-se em Lancaster, Burger e Rauchfuss (1992) a expressão *ideological proximity*. Os autores avaliaram a produção de pesquisadores de seis países do Leste Europeu, componentes do Pacto de Varsóvia, mostrando que essa produção não apresenta uma tendência política devido à proximidade física da União Soviética (*ideological proximity*), mas por outros fatores que exercem influência, como o local de publicação e o grau de familiaridade com um idioma.

Contudo, a expressão proposta não engloba todas as facetas do fenômeno, dessa forma, propõe-se, neste trabalho, um nome para a relação já verificada por Velho (1986b) e por Lancaster, Burger e Rauchfuss (1992): *proximidade paradigmática*. Trata-se de uma adaptação do conceito *ideological proximity*, porém a palavra ideologia foi substituída por representar idéia de convicção política e social. A palavra paradigma é usada no sentido proposto por Kuhn (1997). Rodrigues (2003) pontua a utilização que Kuhn fez do termo paradigma, basicamente em dois sentidos: como conquistas exitosas e inéditas na resolução de problemas científicos, e como o conjunto de pressupostos básicos compartilhados pela comunidade científica acerca de determinada disciplina.

O conceito kuhniano de paradigma foi alvo de muitas críticas, dado a sua pluralidade de significados (RODRIGUES, 2003). No posfácio de a **Estrutura das Revoluções Científicas**, Kuhn esclarece os principais significados atribuídos ao termo, afirmando que um deles indica “toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada”. (KUHN, 1997, p. 218).

Entende-se por *proximidade paradigmática* a relação que um pesquisador ou um grupo de pesquisadores mantém com determinados autores. Quando escolhe um programa de pós-graduação, seja ele nacional ou internacional, o pesquisador possui antecipadamente alguma familiaridade com o idioma, as teorias e as metodologias utilizadas, e, até mesmo, está de acordo com a linha de pensamento em vigor naquele programa. Os hábitos adquiridos e os pensamentos formulados durante a pós-graduação acompanham o pesquisador durante toda a sua vida profissional. Assim, a influência recebida de autores, teorias, paradigmas, metodologias, idiomas, bibliografias e tendências de pesquisa são incorporadas e transmitidas aos colegas e, de forma mais acentuada, aos alunos e aos orientandos que cercam este pesquisador. Assim, acredita-se que os orientandos participam da relação de *proximidade paradigmática*, em segundo grau, o que pode ser verificado através da produção intelectual dos mesmos.

Outro fenômeno observado nas práticas de citação refere-se à tendência de citação para autores “da casa”, ou seja, influência direta de pesquisadores que trabalham em um mesmo departamento ou mesma universidade, identifica-se, nesse caso, o comportamento *in-house citation* (MOED et al., 1985), traduzida no Brasil como *citação doméstica* (VELHO, 1986b). Este tipo de comportamento, quando levado ao seu limite, torna-se uma atividade

endógena, mas pode representar tão somente uma *proximidade paradigmática*, quando os pesquisadores alimentam-se do saber dos próprios colegas para fundamentar suas pesquisas.

Um dos maiores questionamentos a respeito da análise de citações está na identificação dos motivos que levaram determinado autor a citar outros pesquisadores. Para Solla Price (1976), não se pode supor que todos os autores tenham sido precisos, consistentes e conscienciosos em anotar as suas fontes de informação. Alguns o fazem de modo escasso, outros, de modo excessivo.

No sentido de identificar seus motivos, Weinstock (1971) enumerou as 15 funções da citação: prestar homenagem aos pioneiros; dar crédito a trabalhos relacionados; identificar metodologia, equipamento, etc.; oferecer leitura básica; retificar o próprio trabalho; retificar o trabalho de outros; analisar trabalhos anteriores; sustentar declarações; informar os pesquisadores de trabalhos futuros; dar destaque a trabalhos pouco disseminados, inadequadamente indexados ou desconhecidos (não citados); validar dados e categorias de constantes físicas e de fatos etc.; identificar publicações originais nas quais uma idéia ou um conceito são discutidos; identificar publicações originais que descrevam conceitos ou termos epônimos, ou seja, descobertas que receberam o nome do pesquisador responsável, por exemplo, Doença de Chagas; contestar trabalhos ou idéias de outros; debater a primazia das declarações de outros.

Segundo Alvarenga (1998), o ato de citar é permeado de todo um espectro de implicações psicológicas, sociológicas, políticas e históricas, além de influências de outras naturezas, como o narcisismo (autocitações), influências entre autores e instituições, adesão a paradigmas vigentes.

Na opinião de Carvalho (1975, p.119):

Não se pode esperar que todos os autores sejam cuidadosos, objetivos e conscientes no momento de mencionar suas fontes de consulta. Alguns pecam por excesso, outros por omissão. Vários fatores podem influenciar os autores na escolha das citações de seus trabalhos. Há autores de renome num campo, que são citados para realçar o trabalho de quem os cita. Há autores que são escolhidos para que a responsabilidade em assuntos controvertidos seja dividida. Há citações que indicam o apreço a colegas, hostilidade a concorrentes ou obediência à política editorial. A possibilidade de um documento ser citado dependerá também da acessibilidade, da procedência (país onde foi originalmente publicado), da língua, do tipo de material bibliográfico e da data de publicação.

Escolhendo um enfoque complementar de análise, Bavelas (1978) discute aspectos sociopsicológicos das citações. Ela ressalta que, no momento em que um autor escolhe trabalhos para citar, o elemento humano está presente no processo de citação e, conseqüentemente, sua subjetividade. O ato de citar é, em parte, um processo sociopsicológico, vulnerável a preconceitos e a pressões sociais. Por este motivo, a análise de citações não é considerada por alguns pesquisadores um método puramente objetivo, e os dados dele resultantes também não o são. Somente se esse processo é objetivo, livre de subjetividade, poderão os dados dele derivados ter a mesma característica desejada.

Bavelas (1978) reúne uma série de razões que levam um autor a citar outro pesquisador. Entre as motivações, a citação ocorreria: pela significância do uso de determinada teoria ou paradigma; para promover publicações de artigos, para se mostrar a par do trabalho desenvolvido na área; pela crença dos autores de que os pares acham que o que é citado é importante. No caso de trabalhos de dissertação, Bavelas (1978) reforça a idéia de que, por se tratar de um trabalho que exige revisão da literatura, o autor precisa mostrar, através das referências bibliográficas, que conhece a literatura existente a respeito do tema em questão. Neste caso, as citações têm como função mostrar familiaridade com o campo de pesquisa.

Case e Higgins (2000) realizaram uma pesquisa sobre os motivos que levam um autor a citar no campo da Comunicação. Primeiramente, utilizando outros dois trabalhos feitos na segunda metade da década de 90, identificaram os dois autores mais citados na área. Depois, através do Social Science Citation Index (SSCI) e do Arts and Humanities Citation Index (AHCI) identificaram a produção destes autores e as citações recebidas em 1995 e 1996, e enviaram um questionário por correio eletrônico aos autores citantes. Foram 32 questões a respeito do porquê determinado documento foi citado e sobre o relacionamento do autor citante com o documento. Os autores concluíram que os pesquisadores da Comunicação tendem a citar trabalhos considerados marcos conceituais; que revisam os trabalhos mais importantes na área; que servem de fonte de pesquisa sobre metodologias; que contribuem para legitimar o conteúdo do próprio trabalho; que sejam escritos por um autor reconhecido na área, a fim de promover a autoridade do autor citante para pensar e discutir a área; e, também, citam trabalhos que merecem censura, e servem para estabelecer a autoridade e o senso crítico do autor citante.

Uma característica importante verificada por Case e Higgins (2000) é a existência de uma relação entre os autores citados e os autores citantes. Muitos dos entrevistados responderam ter falado pessoalmente ou por telefone com os autores citados, e também ter trabalhado na mesma instituição que estes autores. Segundo Case e Higgins (2000), na Comunicação os autores estão mais propensos a terem trabalhado ou serem amigos dos autores citados. Isso reflete o reduzido tamanho do campo: poucos periódicos e poucos doutorados oferecidos à comunidade científica. Conseqüentemente, há poucas pessoas trabalhando com os mesmos problemas de pesquisa, o que faz com que existam poucos autores e trabalhos para serem citados, o que reforça o fenômeno de *proximidade paradigmática*.

Garfield (1979) contesta três críticas à análise de citações: citações negativas, autocitações e citações a trabalhos de metodologia. Para o autor, as citações negativas são tão importantes quanto às positivas, por fazerem parte do processo da comunicação científica. Se um trabalho é tão criticado a ponto de ser bastante citado, é um trabalho que possui algumas idéias que merecem a atenção de outros pesquisadores. Caso contrário, ele seria ignorado pela comunidade científica. Muitas teorias em vigor hoje na ciência foram criticadas inicialmente, e, a partir destas críticas, foram aprimoradas, e obtiveram sucesso. Garfield (1979) afirma que a análise de citações não tem como princípio medir o número de vezes em que um determinado autor está certo ou errado, mas medir o nível de contribuição de um pesquisador ou de uma instituição à ciência.

A análise de citação como medida de qualidade depende de como o conceito de qualidade é definido. Se um autor encontra uma idéia que pode ser utilizada em sua pesquisa, esta é uma idéia válida, uma idéia que tem qualidade para aquele autor. Desta forma, as citações não são medidas de qualidade de trabalhos, mas são medidas de qualidade definidas socialmente pela comunidade científica. (COLE; COLE, 1973).

Cole e Cole (1974) asseguram que é provável que um trabalho importante o suficiente para receber um grande número de citações críticas seja uma contribuição significativa à ciência, porque um grande número de cientistas não gastaria seu tempo com um erro tolo, e, desta forma, trabalhos triviais que recebem citações críticas não acumulam um grande número de citações. MacRoberts e MacRoberts (1989) e Cawkell (1977) reiteram que um trabalho sem valor que seja muito citado é uma raridade.

Na opinião de Nicolaisen (2002), as citações negativas são muito mais frequentes do que as citações a trabalhos medíocres. Desta forma, acabam gerando a relação entre qualidade de pesquisa e contagem de citações chamada *J-shaped*, quando a pesquisa sem qualidade é mais citada do que a pesquisa medíocre.

Quanto à autocitação, Garfield (1979) usa um argumento convincente: um pesquisador que objetiva aumentar o número de citações a si próprio precisa publicar para fazer seu nome aparecer. Contudo, para gerar um grande número de publicações, supõe-se que o pesquisador tenha muito a dizer, caso contrário a qualidade dos trabalhos será menor, e o autor só conseguirá publicar trabalhos em periódicos periféricos, não indexados nos índices de citação. Por esse motivo Garfield (1979) acredita que esta é uma das críticas que aparecem mais na teoria do que na prática.

Outro argumento em defesa da autocitação é apresentado por Tagliacozzo (1977), ao afirmar que a autocitação é um atributo comum e fundamental dos artigos científicos e sua função não é diferente das demais formas de citar, porque a autocitação é feita para conectar um trabalho a outro, principalmente trabalhos recentes a trabalhos mais antigos. Em pesquisa nas áreas de Fisiologia e Neurobiologia, a autora encontrou resultados indicando que, entre 10% e 20% das citações, são autocitações. O estudo aponta que os autores dessas áreas tendem a citar seu próprio trabalho mais abundantemente do que o trabalho de qualquer outro autor. Resultados semelhantes foram encontrados por Phelan (1999) na área da Educação: 11,1% de autocitação.

A terceira crítica combatida por Garfield (1979) diz respeito às citações a trabalhos que desenvolvem métodos de pesquisa, e não teorias. Segundo o autor, os trabalhos metodológicos não são menos importantes do que os teóricos, e, em determinados campos, como Química Analítica, metodologias tendem a ser muito citadas, devido à sua importância. Campos que não são orientados para metodologia não citarão este tipo de trabalho. Como exemplo, Moravcsik e Murugesan (1975), em estudo de artigos publicados no **Physical Review** entre 1968 e 1972, encontraram 43% das citações consideradas operacionais, ou seja, citações feitas a trabalhos que relatam instrumentos ou técnicas usadas na Física.

Por outro lado, em uma revisão sobre indicadores bibliométricos, Motta (1983) relata extensa literatura, argumentando que um estudo metodológico não pode ser dito como tendo tido um impacto intelectual, filosófico ou conceitual na Ciência ou no seu progresso. Peritz

(1992) tem a mesma opinião: Uma citação motivada pela conexão com o assunto deve ser quantitativamente diferente de uma citação indicando o uso ou a aplicação de um estudo. Dependendo do objetivo da análise de citações, pesos diferentes devem ser distribuídos de acordo com o tipo de citação. Phelan (1999) é um dos autores que discorda, afirmando que um estudo descritivo de técnicas muito usadas, ou ainda um trabalho de revisão, devem ser encarados como trabalhos de alta qualidade.

Os artigos de revisão dão início a uma outra discussão: citações a fontes secundárias. Em um estudo realizado por MacRoberts e MacRoberts (1996), das 55 citações analisadas pelos autores, 21 (38%) eram de fontes secundárias, principalmente de artigos de revisão. Quem acaba recebendo mérito nesse tipo de citação, é o autor que apenas faz um levantamento dos artigos publicados sobre um assunto, e não os pesquisadores que relataram suas pesquisas e resultados nestes artigos. Todavia, pode-se afirmar que nesses casos houve um engano ao citar, já que o artigo de revisão serve apenas para guiar o leitor e não como fonte primária de informação.

Outro problema é aquele causado por ambigüidades na identificação de autores. Phelan (1999) e MacRoberts e MacRoberts (1989) citam como exemplos os nomes grafados erroneamente, autores que possuem as mesmas iniciais, ou autores que trocam de nome durante sua vida profissional, especialmente no caso de mulheres que adotam o sobrenome do cônjuge e, ocorrendo uma separação, voltam a usar o sobrenome próprio. Todos estes problemas têm solução no exame cuidadoso de todas as citações, relacionando os autores com o campo de trabalho e endereços, a fim de minimizar dados incorretos.

Quanto às ocorrências que as contagens de citações não medem, Garfield (1979) cita as descobertas precoces, trabalhos que estão adiantados no seu tempo, ou seguem sem reconhecimento pelos pares por alguma razão, e só mais tarde são aplaudidos. O trabalho de Gregor Mendel, em Genética, é um exemplo, pois foi apresentado em 1865 e só foi redescoberto em 1900 pela comunidade científica. Cole e Cole (1973) afirmam que só o tempo pode revelar trabalhos subestimados pela comunidade científica. Conseqüentemente, quando estes trabalhos forem citados, os resultados se refletirão nos estudos de citação.

Outro aspecto abordado por Garfield (1979) é o fenômeno da obliteração, quando um pesquisador se torna tão integrado no corpo de conhecimento de um campo que as pessoas passam a não citá-lo explicitamente. Isso acontece quando um trabalho tem uma importância

fundamental no campo, e antes de acontecer, tanto a contagem de citações quanto a reputação do cientista são altas o suficiente e evidentes a toda comunidade científica, de forma que a análise de citações torna-se supérflua. Porém, Cole e Cole (1972) afirmam que apenas o trabalho de alguns cientistas atinge esse *status* e recebe, de qualquer forma, muitas citações, como, por exemplo, o trabalho de Einstein, citado 281 vezes na edição de 1970 do SCI.

A literatura comprova a hipótese de que as citações refletem a influência do autor citado no trabalho do citante. Entretanto, MacRoberts e MacRoberts (1989) relatam estudos em diversas disciplinas, onde os autores citaram apenas 64% das influências, prejudicando assim os estudos de citação, que se baseiam nestas referências. A situação se agrava quando se trata de influências informais, ou seja, principalmente a comunicação científica proveniente dos colégios invisíveis, não contemplados pelos estudos de citação.

Edge (1979) questionou sobre o uso isolado de métodos quantitativos na comunicação científica e na Sociologia da Ciência. Segundo o autor, as análises de citação têm de ser usadas de modo crítico, cuidadosamente, e dentro de um contexto. Os estudos de contagem de citações abrangem apenas a parte da comunicação científica denominada formal, efetuada, principalmente, por meio do periódico científico, deixando de analisar aspectos e formas da comunicação informal que refletem importantes aspectos da organização social e do ambiente de pesquisa.

Dependendo dos objetivos da análise de citação, outros problemas não relatados aqui podem surgir. Entre os mais importantes, está a exclusão de autores e periódicos provocada pelos índices de citação. Ao investigar o impacto de um trabalho, temos que considerar o periódico onde ele foi publicado. Periódicos de países em desenvolvimento, que não são indexados pelo ISI, não se tornam conhecidos e nem citados amplamente pelo fato de dificilmente chegarem às mãos de pesquisadores internacionais (KRAUSKOPF et al., 1995b; SANCHO, 1992).

Com base em análise de citações, estudos vêm sendo desenvolvidos em crescente progressão na avaliação de dissertações e teses, como a pesquisa feita por Noronha (1996, 1998) em Saúde Pública; por Rodrigues (1982), em Ciência da Informação; por Vanti (2001), em Antropologia; por McCain e Bobick (1981), em Biologia; por Gooden (2001), em Química; por Walcott (1992), em Geologia; por Herubel (1991), em Filosofia; por Laborie e Hasperin (1976), em Biblioteconomia; e por Cavalcanti (1989), em Comunicação, entre outros.

3 A UNIVERSIDADE, A PESQUISA CIENTÍFICA E A PÓS-GRADUAÇÃO

A prática da ciência, tal como se conhece hoje, iniciou-se no século XIV. De acordo com Meis e Leta (1996, p. 19): “A noção do método científico, lançada por Francis Bacon, que afasta o empirismo e o sobrenatural, propõe que para conhecer a natureza é preciso observar os fatos, classificá-los e determinar suas causas”. O método científico foi reconhecido com a publicação da obra fundamental da ciência moderna, **O Discurso sobre o Método**, de René Descartes, em 1637. Conforme Meis e Leta (1996), foi a partir do século XVII, com a instauração do método científico, que se iniciou a institucionalização da ciência. Desde então, na Europa e nos Estados Unidos, a ciência nasce nas universidades, e surgem as primeiras sociedades e academias científicas, que reúnem especialistas de diversas áreas do saber e publicam as primeiras revistas científicas.

No Brasil, o desenvolvimento da ciência, vinculado ao sistema de educação superior, começou no início do século XIX, quando, em 1808, a cidade de Salvador passou a sediar o curso de Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia. Antes disso, no período colonial, os estudantes da elite colonial portuguesa se deslocavam até a Universidade de Coimbra, que formou mais de 2500 brasileiros em Teologia, Direito Canônico, Direito Civil, Medicina e Filosofia. A primeira universidade brasileira, a Universidade do Rio de Janeiro, só foi criada em 1920, e a expansão do sistema de ensino superior só aconteceu durante a Nova República, quando foram criadas 22 universidades públicas federais e outras tantas privadas. (OLIVEN, 2002).

A tardia institucionalização do ensino superior, assim como as dificuldades econômicas do país, levaram a um crescimento lento e desorganizado da ciência. Meis e Leta

(1996) afirmam que o processo de institucionalização da pesquisa científico-tecnológica brasileira iniciou-se no século XX, portanto dois séculos após a Europa e os Estados Unidos, em consequência dos aspectos históricos da colonização. A primeira agência de fomento à ciência, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi criada na década de 50. (LETA; MEIS, 1996). Entretanto, o incentivo à pós-graduação representou um grande avanço para o desenvolvimento da ciência. Diversos autores, entre eles Witter (1989a), concordam que a produção científica de um país está relacionada à atuação dos cursos de pós-graduação, tanto pelo fazer científico dos mesmos quanto pelo seu papel na formação de pesquisadores que irão atuar em outras entidades universitárias.

Segundo Meadows (1999), a opinião de que os cargos docentes deveriam exigir competência tanto para ensinar quanto para pesquisar desenvolveu-se de forma gradativa ao longo do século XIX, tendo a Alemanha como pioneira na implantação de programas de formação de pesquisadores profissionais. Aos poucos, o exemplo foi seguido por outros países. Nos Estados Unidos, as escolas de pós-graduação foram criadas a partir de 1870. Na França, a pós-graduação tardou a surgir, tendo início somente no século XX.

A Lei 5.540/68, conhecida como a da “Reforma Universitária”, institucionaliza a pós-graduação no Brasil e favorece as condições para a realização das atividades de pesquisa. (NORONHA, 1996). De acordo com Castro (1986), os objetivos da lei da Reforma Universitária eram: formar professores para o ensino superior; preparar pessoal de alta qualificação para as empresas públicas e particulares; estimular estudos e pesquisa que buscassem o desenvolvimento do país. Na opinião de Arabela Oliven:

Ao estabelecer a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, o regime de tempo integral e a dedicação exclusiva dos professores, valorizando sua titulação e a produção científica, essa Reforma [a Universitária] possibilitou a profissionalização dos docentes e criou as condições propícias para o desenvolvimento tanto da pós graduação como das atividades científicas no país. (OLIVEN, 2002, p.39)

Conforme Castro (1986), a pós-graduação brasileira teve início na região Sudeste. Algumas áreas, como a Física e as Ciências Biológicas, estavam estabelecidas e ofereciam programas de mestrado e doutorado em 1965, três anos antes da promulgação da Lei 5.540. As Ciências Sociais contavam com um programa de mestrado e doutorado, e as áreas de Engenharia, Educação e as profissões agroindustriais ofereciam curso de mestrado.

No final do ano de 1996 foi aprovada a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que atualiza as diretrizes da Lei da Reforma Universitária para a graduação e pós-graduação, prevendo variados níveis de abrangência e especialização nos estabelecimentos públicos e privados de ensino superior.

A ciência, que principalmente no Brasil, é produto da pós-graduação, é relevante como veículo para a mudança da dependência para a interdependência científica, tecnológica e, conseqüentemente, econômica e política. Segundo Witter (1989a), esta é a justificativa para a preocupação com a análise, a avaliação e a reflexão sobre os cursos de pós-graduação:

De fato, muitos são os temas que merecem pesquisa e debate mais amplo no que tange à produção científica dos cursos de pós-graduação. Pesquisas nesta área podem fornecer elementos preciosos para a reflexão, a definição de estratégias políticas, a reformulação dos cursos. O crescente interesse pela avaliação do ensino superior, como vem ocorrendo no Brasil poderá, se aplicado à produção científica e a outros aspectos dos cursos de pós-graduação, gerar elementos para a melhoria tanto qualitativa quanto quantitativa de sua produção. (WITTER, 1989a, p. 29).

De acordo com Castro (1986), quanto mais ativo e produtivo o ambiente científico, mais freqüentes e rigorosas são as rotinas de avaliação vigentes. Segundo o autor, nos países que lideram o mundo da ciência se cultiva um emaranhado sistema de apreciação de propostas, instituições, grupos, pesquisas e cursos:

Há duas grandes vertentes nos processos de avaliação. A primeira, mais usual, é a avaliação pelos pares, fortemente ancorada na reputação adquirida pelo avaliado. A segunda deriva-se de critérios mais quantitativos, desembocando na bibliometria e cientometria. Previsivelmente, as alternativas mais interessantes parecem residir em combinações dos dois métodos. (CASTRO, 1986, p. 28).

No Brasil, os cursos de pós-graduação são avaliados pela CAPES. Trata-se de uma avaliação trienal, realizada por um comitê formado por sete consultores, sob presidência do representante da área a ser avaliada. Contudo, é feito um acompanhamento nos dois anos compreendidos entre as avaliações, através de um relatório enviado anualmente, como forma de permitir às coordenações dos programas identificar e corrigir falhas, detectar indicadores de estagnação ou queda de desempenho do programa, e, ainda, como forma de apresentar aos cursos os princípios orientadores da avaliação trienal, antes da realização desta.

Na opinião de Castro:

O grau de excelência imputado a um curso, qualquer que seja o momento ou área do conhecimento, tem a ver com alguns critérios estáveis: *competência profissional dos docentes* (evidenciada por sua titulação ou qualificações equivalentes); dedicação efetiva dos professores ao curso, sobretudo daqueles que atuam no próprio núcleo disciplinar do programa (em oposição àqueles de áreas instrumentais ou domínios conexos), *produção científica do curso* (qualidade, volume, regularidade de artigos, livros publicações em anais de congressos, relatórios de pesquisa). (CASTRO, 1986, p. 38).

A avaliação da CAPES fundamenta-se em critérios discutidos e aprovados pelas associações de programas de pós-graduação. No caso dos programas em questão neste estudo, os critérios são aprovados pela área de Comunicação, representada pela Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPÓS), e pela área de Ciência da Informação, representada pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB).

O resultado da avaliação da CAPES é expresso na proposição de uma nota, de dois a cinco, aos programas de pós-graduação. Alguns programas que apresentam notável excelência em sua área de atuação podem receber até uma nota sete⁷.

⁷ Informações extraídas do Documento de Área, Comunicação e Ciência da Informação, 1998/2000. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2003.

4 A PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Os cursos de pós-graduação em Comunicação no Brasil foram introduzidos em 1972, com o programa da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, há 19 programas em andamento, todos aprovados pela CAPES. Entre estes programas, estão o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), denominado Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação; o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); e o Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que serão abordados neste estudo.

Com esse objetivo, procurou-se obter junto às secretarias dos programas uma definição das suas linhas de pesquisa, entendidas aqui como a representação de temas aglutinadores de estudos científicos fundamentados em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si⁸. Outras informações pertinentes, como o número de professores orientadores e os periódicos publicados pelos programas também são apresentados e, posteriormente, analisados.

⁸ Definição do CNPq. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/diretorio>>. Acesso em: 02 jun. 2003.

4.1 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (PPGCOM/UFRGS)⁹

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul implantou seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação em 1995, com o curso de mestrado. No ano de 2000, foi incorporado a este o curso de doutorado. Comunicação e Informação são as áreas de concentração, cuja interdisciplinaridade articula conceitos e interesses originários tanto da área teórica da Comunicação como do campo da Informação.

O Programa conta, hoje, com 12 professores pesquisadores: sete destes categorizados pela CAPES como NRD6, categoria que inclui pesquisadores com 60% ou mais de seu tempo dedicado à Pós-Graduação; os outros cinco, como NRD5, ou seja, com menos de 60% de seu tempo à pós-Graduação.

O PPGCOM/UFRGS oferece três linhas de pesquisa: “Comunicação e Práticas Culturais”; “Informação, Tecnologia e Práticas Sociais”; e “Meios de Comunicação e Representações”. “Comunicação e Práticas Culturais” contempla pesquisas de cunho teórico e metodológico, vinculadas a processos e práticas culturais e a sua relação com os meios de comunicação: identidade e diversidade cultural; processos de identificação e consumo cultural; construção de imagens e discursos; redes de sociabilidade e cultura popular.

A linha de pesquisa “Informação, Tecnologia e Práticas Sociais” abrange estudos e pesquisas de cunho teórico, metodológico e aplicado. O enfoque é a geração, o desenvolvimento, a aplicação e o uso da informação e de tecnologias de informação e comunicação para a compreensão da pluralidade de fenômenos ligados à dinâmica da sociedade e das organizações. A terceira linha, “Meios de Comunicação e Representações”, agrupa estudos de cunho teórico e metodológico, vinculados às formas de representações e relações entre meios de comunicação e os processos políticos, sociais, culturais e institucionais. A linha pretende proporcionar também o entendimento das características e a circulação de poderes na contemporaneidade.

O Quadro 1, a seguir, nos permite visualizar as linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e os orientadores vinculados a elas em 2003:

⁹ Dados extraídos da **Ficha de Avaliação do Programa UFRGS, 1998-2000** (<http://www.capes.gov.br>), de informações disponíveis no sítio do PPGCOM (<http://www.ilea.ufrgs.br/ppgcom>), e dos Relatórios CAPES 1998, 1999 e 2000, disponibilizados pela secretaria do Programa.

Quadro 1 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 2003

Comunicação e Práticas Culturais	Informação, Tecnologia e Práticas Sociais	Meios de Comunicação e Representações
Doris Fagundes Haussen	Ida Regina Chittó Stumpf	Christa Berger
Ilza Tourinho Girardi	Marília Levacov	Flávia Seligman
Nilda Aparecida Jacks	Sérgio Capparelli	Marcia Benetti Machado
Valdir José Morigi	Sônia Elisa Caregnato	Maria Helena Weber

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UFRGS, em março de 2003.

Desde 1997, o PPGCOM/UFRGS publica a revista eletrônica **In Texto**, proporcionando aos alunos e aos professores do programa e à comunidade da área de Comunicação um veículo para divulgação de suas pesquisas. O periódico não mantém uma comissão executiva e uma comissão editorial fixa, de forma que, a cada novo número, os membros destas comissões são alterados.

Na avaliação da CAPES para o triênio 1998-2000, o programa recebeu a nota cinco, ou seja, foi considerado um programa de excelência na área. Nessa época, o número de professores era o seguinte: 12 professores em 1998, 7 como NRD6; 10 docentes em 1999, 8 como NRD6; 10 docentes em 2000, 8 deles como NRD6.

Durante aquele período, as linhas de pesquisa estavam organizadas de forma diversa da atual e recebiam a seguinte denominação: “Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul”; “Informação e Novas Tecnologias”; e “Mídia e Estudos Culturais”.

“Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul” tinha como proposta o estudo do processo de produção, circulação e de consumo de bens culturais no Brasil, na Argentina, no Chile, no Uruguai e no Paraguai, a partir da reorganização das relações políticas e econômicas internacionais.

A linha “Informação e Novas Tecnologias” desenvolveu estudos e pesquisas relacionadas à geração, à transferência e à utilização da informação nos ambientes científico, tecnológico e empresarial e na sociedade em geral.

A terceira linha, “Mídia e Estudos Culturais”, abrangia as investigações de fenômenos de mídias, destacando as abordagens da filosofia da linguagem, dos estudos de recepção, da

análise do discurso e das teorias críticas, nas relações que as práticas simbólicas cotidianas entrecruzam com as diversas esferas da sociedade.

Os Quadros 2, 3 e 4, a seguir, nos permitem visualizar as linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e os orientadores vinculados a elas durante o triênio 1998 – 2000.

Quadro 2 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 2000

Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul	Informação e Novas Tecnologias	Mídia e Estudos Culturais
Doris Fagundes Haussen	Ida Regina Chittó Stumpf	Christa Berger
Nilda Aparecida Jacks	Lilia Maria Vargas	Francisco Rüdiger
Sérgio Capparelli	Marília Levacov	Luis Milman Maria Helena Weber

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UFRGS, em março de 2003.

Quadro 3 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 1999

Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul	Informação e Novas Tecnologias	Mídia e Estudos Culturais
Doris Fagundes Haussen	Ida Regina Chittó Stumpf	Christa Berger
Nilda Aparecida Jacks	Lilia Maria Vargas	Francisco Rüdiger
Sérgio Capparelli	Marília Levacov	Luis Milman Maria Helena Weber

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UFRGS, em março de 2003.

Quadro 4 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UFRGS e orientadores - 1998

Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul	Informação e Novas Tecnologias	Mídia e Estudos Culturais
Doris Fagundes Haussen	Ida Regina Chittó Stumpf	Christa Berger
Nilda Aparecida Jacks	Lilia Maria Vargas	Francisco Rüdiger
Sérgio Capparelli	Marília Levacov	Luis Milman

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UFRGS, em março de 2003.

4.2 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PPGCOM/PUCRS)⁸

O Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul foi aberto em 1994, com o curso de mestrado, e, em 1999, foi implantado o curso de doutorado. O curso de mestrado em Comunicação Social busca capacitar docentes nas diversas áreas da Comunicação Social, qualificar pesquisadores profissionais e promover a pesquisa em Comunicação Social no Brasil. O curso de doutorado em Comunicação Social foi instituído em 1999, para oferecer melhores condições a seus alunos para a produção de novos conhecimentos e a aprendizagem de novos instrumentos, métodos e técnicas de pesquisa nessa área.

A área de concentração do programa é Comunicação, Cultura e Tecnologia, composta de duas linhas de pesquisa: “Comunicação e Práticas Sociopolíticas” e “Comunicação e Tecnologias do Imaginário”.

A linha “Comunicação e Práticas Sociopolíticas” engloba o estudo dos processos de comunicação nas relações sociopolíticas, considerando o tempo e o espaço nos quais estão inseridos, e a sua relação com a mídia. Investiga, também, os múltiplos papéis da Comunicação nas organizações. Já a linha “Comunicação e Tecnologias do Imaginário” coordena a reflexão e a investigação dos processos de comunicação e de suas transformações, face às mudanças que as novas tecnologias de informação e de representação vêm introduzindo nas culturas e nas sociedades contemporâneas através do imaginário de seus sujeitos.

Atualmente, o programa conta com 17 professores, distribuídos nas linhas de pesquisa conforme o Quadro 5:

⁸ Informações extraídas da Ficha de Avaliação do Programa PUCRS, período 1998/2000, disponível em <http://www.capes.gov.br>, de informações disponíveis em <http://www.pucrs.br/famecos/pos.htm>, e dos Relatórios CAPES 1998, 1999 e 2000 disponibilizados pela secretaria do Programa.

Quadro 5 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 2003

Comunicação e Práticas Sociopolíticas	Comunicação e Tecnologias do Imaginário
Antonio Hohlfeldt	Ana Carolina Escosteguy
Beatriz Dornelles	Eliana Pibernat Antonini
Claudia Peixoto de Moura	Flavio Vinicius Cauduro
Cleusa Maria Andrade Scroferneker	Francisco Menezes Martins
Doris Fagundes Haussen	Francisco Rüdiger
Jacques A. Wainberg	Juremir Machado da Silva
Mágda Rodrigues da Cunha	Maria Beatriz Furtado Rahde
Neusa Demartini Gomes	
Roberto José Ramos	
Roberto Porto Simões	

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/PUCRS, em março de 2003.

O PPGCOM/PUCRS edita a **Revista FAMECOS**, desde 1993. O periódico é semestral, e conta com grupo de professores de diversas universidades nacionais e estrangeiras que colaboram como avaliadores.

A avaliação da CAPES para o triênio 1998-2000 concedeu nota quatro ao PPGCOM/PUCRS, indicando uma forte consistência, mas também a presença de uma pequena margem de incompletude que impede o programa de se situar, plenamente, no patamar de excelência. Naquele período, o número de professores vinculados ao programa era o seguinte: 13 docentes em 1998, 8 como NRD6; 12 docentes em 1999, 9 como NRD6; 16 docentes em 2000, 11 como NRD6 (considerando o professor visitante Armand Mattelart como docente do programa).

De 1998 para 1999, o programa modificou o desenho das suas áreas de concentração e linhas de pesquisa. Em 1998, o programa possuía duas áreas de concentração: Comunicação e as Organizações e a outra, Cultura, Mídia e Tecnologia, esta última dividida em duas linhas de pesquisa: “Comunicação e Cultura Contemporânea” e “Comunicação e Tecnologia das Mídias”. Em 1999, ocorreram as mudanças na área de concentração e linhas de pesquisa que se mantém até hoje.

Adotando uma perspectiva interdisciplinar, a linha “Comunicação e Cultura Contemporânea” possuía como objetivo investigar e compreender os fenômenos de mídia no contexto das mudanças culturais e ideológicas que têm lugar na sociedade contemporânea. A linha “Comunicação e Poder nas Organizações” objetivava examinar o fenômeno do relacionamento da organização, com seus públicos inseridos na conjuntura sócio-cultural-política de uma região, país e mundo.

“Comunicação e Tecnologia das Mídias” teve como proposta desenvolver estudos históricos sobre processos tecnológicos de produção e difusão das mensagens audiovisuais, analisar o processo de produção e difusão das imagens através das mídias, e analisar os impactos e efeitos das novas tecnologias de comunicação.

As dissertações defendidas nas três linhas de pesquisa em 1998 foram encaixadas nas duas linhas em vigor em 2000, último ano do triênio, seguindo informações da secretaria do PPGCOM/PUCRS. Assim, dissertações defendidas nas linhas “Comunicação e Tecnologia das Mídias” e “Comunicação e Poder nas Organizações” foram classificadas na linha atual “Comunicação e Tecnologias do Imaginário”. As defendidas na linha “Comunicação e Cultura Contemporânea” foram classificadas na linha atual “Comunicação e Práticas Sociopolíticas”.

Os Quadros 6, 7 e 8 especificam os orientadores e sua distribuição nas linhas de pesquisa durante o triênio 1998 – 2000.

Quadro 6 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 2000.

Comunicação e Práticas Sociopolíticas	Comunicação e Tecnologias do Imaginário
Antonio Hohlfeldt	Ana Carolina Escosteguy
Claudia Peixoto de Moura	Eliana Pibernat Antonini
Cleusa Maria Andrade Scroferneker	Flavio Vinícius Cauduro
Doris Fagundes Haussen	Francisco Menezes Martins
Jacques A. Wainberg	Francisco Rüdiger
Neusa Demartini Gomes	Juremir Machado da Silva
Roberto José Ramos	Maria Beatriz Furtado Rahde
Roberto Porto Simões	

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/PUCRS, em março de 2003.

Quadro 7 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 1999

Comunicação e Práticas Sociopolíticas	Comunicação e Tecnologias do Imaginário
Antonio Hohlfeldt	Eliana Pibernat Antonini
Doris Fagundes Haussen	Flavio Vinícius Cauduro
Jacques A. Wainberg	Francisco Menezes Martins
Neusa Demartini Gomes	Francisco Rüdiger
Roberto José Ramos	Juremir Machado da Silva
Roberto Porto Simões	Maria Beatriz Furtado Rahde

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/PUCRS, em março de 2003.

Quadro 8 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/PUCRS e orientadores - 1998

Comunicação e Cultura Contemporânea	Comunicação e Tecnologia das Mídias	Comunicação e poder nas organizações
Antonio Hohlfeldt	Doris Fagundes Haussen	Neusa Demartini Gomes
Eliana Pibernat Antonini	Flavio Vinícius Cauduro	Roberto Porto Simões
Roberto José Ramos	Francisco Menezes Martins	
	Francisco Rüdiger	
	Jacques A. Wainberg	
	Juremir Machado da Silva	
	Luiza Carraveta	
	Maria Beatriz Furtado Rahde	

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/PUCRS, em março de 2003.

4.3 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (PPGCOM/UNISINOS)⁹

A UNISINOS conta com o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação desde 1994, quando deu início ao curso de mestrado. O curso de doutorado foi implantado em

⁹ Dados extraídos da Ficha de Avaliação do Programa UNISINOS, 1998/2000 (<<http://www.capes.gov.br>>), de informações disponíveis no site da universidade (<<http://www.unisinos.br>>), e dos Relatórios CAPES 1998, 1999 e 2000, disponibilizados pela secretaria do Programa.

1999. A área de concentração é em Processos Midiáticos, entendidos como conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam segundo diferentes linguagens, através de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia, publicidade, revista, produção editorial, produção eletrônica, comunicação organizacional, vídeo e outros processos emergentes.

As linhas de pesquisa apresentadas são: “Mídias e Processos de Significação” e “Mídias e Processos Socioculturais”. A primeira delas, “Mídias e Processos de Significação”, volta-se para os dispositivos midiáticos como instâncias produtoras de sentido, mediante o funcionamento de suas estratégias e enunciações, e segundo os discursos em situação de produção e de recepção social. O principal eixo teórico é estruturado a partir de conteúdos que envolvem os fundamentos teóricos da comunicação e dos processos intersemióticos; a análise dos discursos midiáticos; as relações texto/contexto; as dimensões enunciativas da linguagem; as dimensões estéticas da comunicação; as linguagens da mídia e a cognição nas linguagens midiáticas.

Por seu turno, “Mídias e Processos Socioculturais” contempla os dispositivos midiáticos como processos socioculturais que funcionam a partir de sistemas tecnoculturais. Em função de práticas culturais, são privilegiadas as inter-relações de contextos "cultura/situações de comunicação", especialmente as condições, processos e contextos sociais em que se desenrolam as estratégias de produção e recepção dos discursos sociais. A ênfase é dada, particularmente, aos processos simbólicos que a sociedade/mídia pratica, como forma de negociação, na tarefa de produção/recepção dos sentidos, bem como à emergência e à legitimação de novas tecnologias comunicativas nos contextos socioculturais.

De acordo com as definições do próprio Programa, as linhas de pesquisa distinguem-se entre si pela centralização: em aspectos microcomunicacionais, na linha de pesquisa “Mídia e Processos de Significação”, cujos parâmetros são cenários discursivos em que as manifestações das linguagens engendram e fazem circular a produção e recepção de sentido; em aspectos macrocomunicacionais, na linha de pesquisa “Mídias e Processos Socioculturais”, cujos parâmetros são o “chão social” da comunicabilidade, as condições e os elementos de fundo e os cenários sociais propriamente ditos.

Na época em que foi realizado este estudo, o programa contava com 14 professores, 11 deles NRD6. No Quadro 9, abaixo, está exposto o contexto dos professores com as linhas de pesquisa em 2003:

Quadro 9 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores - 2003

Mídias e Processos de Significação	Mídias e Processos socioculturais
Adayr M. Tesche	Alberto Efendy Maldonado
Édison Luis Gastaldo	Antonio Fausto Neto
Elizabeth Bastos Duarte	Denise Cogo
Ione M. G. Bentz	José Luiz Braga
Maria Lília Dias de Castro	Pedro Gilberto Gomes
Miriam de Souza Rossini	Suely Fragoso
Ronaldo Henn	Valério Cruz Brittos

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UNISINOS, em março de 2003.

O PPGCOM UNISINOS publica a **Revista Fronteiras** desde 1999. Com periodicidade anual, a revista está voltada para reflexões e para publicação de pesquisas e ensaios na área de concentração do PPGCOM/UNISINOS: processos midiáticos. Este direcionamento inclui duas perspectivas complementares entre si que configuram as duas linhas de pesquisa na área de concentração: processos socio-significacionais e processos socioculturais. Os editores consideram a diversidade interna do campo da Comunicação e a ausência de fronteiras nítidas entre suas subáreas de conhecimento, e, portanto, o enfoque em processos midiáticos não é apresentado como uma especialidade fechada, no que se refere à temática. Embora a ênfase seja dada ao estudo dos meios, estudo da recepção, interpretação semiótica, são aceitas contribuições de qualquer uma das subáreas da Comunicação.

O PPGCOM/UNISINOS recebeu nota 5 na avaliação do triênio 1998-2000 da CAPES, sendo considerado um programa de excelência na área. Naquele período, o número de professores vinculados ao programa era o seguinte: 13 docentes em 1998, 8 como NRD6; 12 docentes em 1999, 10 como NRD6; 14 professores em 2000, 12 como NRD6.

O triênio é caracterizado por uma reformulação na área de concentração e linhas de pesquisa. Em 1998, a área de concentração em Semiótica mudou para Processos Midiáticos,

área atual. Desta forma, as quatro linhas de pesquisa mantidas em 1998, “Cognição e Informática: novas tecnologias”; “Discurso, mídia e Recepção”; “Comunicação, Linguagens e Mídia”, e “Dimensões Estéticas da Comunicação”, foram substituídas por duas linhas em 1999, “Mídias e Processo de Significação” e “Mídias e Processos Socioculturais”, mantidas até dezembro de 2003, quando do encerramento deste estudo.

A linha “Cognição e Informática: novas tecnologias” tinha como objetivo as linguagens verbais e não verbais na perspectiva da cognição e da informática e de suas relações com as tecnologias - multimídia, hipermídia e outros temas compatíveis científica e tecnologicamente com Semiótica e Comunicação.

“Discurso, Mídia e Recepção” reuniu trabalhos que se concentraram no processo de produção de sentido e nas teorias que buscam explicar o sentido no âmbito dos vários contextos em que se institui: nos meios físicos em que circulam as mensagens.

“Comunicação, Linguagens e Mídia” estudou as diversas linguagens utilizadas na produção de textos veiculados pela mídia impressa e eletrônica. Seu interesse era centrado no processo de construção de sentido e na dimensão comunicacional das mensagens.

“Dimensões Estéticas da Comunicação” abordou as investigações que assumiram como objeto, sob o viés teórico ou aplicado, as linguagens literária e/ou cinematográfica enquanto sistemas e processos de instauração do sentido.

As dissertações defendidas nas quatro linhas de pesquisa em 1998 foram encaixadas nas duas linhas de pesquisa em vigor a partir de 1999, de acordo com as informações da secretaria do PPGCOM/UNISINOS.

A seguir, os Quadros 10, 11 e 12 mostram a distribuição dos professores nas linhas de pesquisa nos anos 2000, 1999 e 1998:

Quadro 10 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores - 2000.

Mídias e Processos de Significação	Mídias e Processos socioculturais
Adayr Tesche	Alberto Efendy Maldonado
Dinorá Fraga da Silva	Antonio Fausto Neto
Elizabeth Bastos Duarte	Denise Cogo
Ione M.G. Bentz	José Luiz Braga
Lêda Terezinha Martins	Pedro Gilberto Gomes
Marcelo Fernandes Aquino	Suely Fragoso
Maria Lília Dias de Castro	
Ronaldo Henn	

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UNISINOS, em março de 2003.

Quadro 11 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores - 1999.

Mídias e Processos de Significação	Mídias e Processos socioculturais
Adayr Tesche	Alberto Efendy Maldonado
Dinorá Fraga da Silva	Antonio Fausto Neto
Elizabeth Bastos Duarte	José Luiz Braga
Ione M.G. Bentz	Pedro Gilberto Gomes
Lêda Terezinha Martins	Suely Fragoso
Marcelo Fernandes Aquino	
Maria Lília Dias de Castro	

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UNISINOS, em março de 2003.

Quadro 12 - Linhas de pesquisa do PPGCOM/UNISINOS e orientadores - 1998

Cognição e Informática: novas tecnologias	Discurso, Mídia e Recepção	Comunicação, Linguagens e Mídia	Dimensões Estéticas da Comunicação
Dinorá F. da Silva	Maria L.D. Castro Lêda T. Martins Pedro G. Gomes Adayr M. Tesche A. Fausto Neto	Ione M.G. Bentz Elizabeth B. Duarte Elvio Funck José A. Guerzoni	Dino de S. Del Pino Juracy Saraiva Renata Vieira

Fonte: Informações fornecidas pela secretaria do PPGCOM/UNISINOS, em março de 2003.

Este é um panorama da situação em que se encontra a Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul. Os três programas apresentados eram os únicos da Região Sul do país até 2000. Recentemente, no ano de 2001, foi criado o curso de mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, situado em Curitiba¹⁰.

4.4 OS ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Os estudos de caráter bibliométrico e de análise de conteúdo sobre a comunicação científica no campo da Comunicação são recentes (DICK; BLAZEK, 1995). No Brasil, alguns dos trabalhos existentes foram escritos por Stumpf e Capparelli (2000), que publicaram, entre outros estudos, **Produção discente dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 1992-1996**. Os autores analisaram o número total e as temáticas das teses e dissertações defendidas entre os anos de 1992 e 1996 nos programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil, observando também a composição das bancas a fim de verificar a integração entre os programas. O estudo revelou que houve um grande aumento no número de teses e dissertações defendidas na década de 90 em comparação com a de 80. Quanto às temáticas, verificou-se que aquelas que criam interfaces com a Comunicação, como Semiótica, Literatura, Arte e Educação apareceram com prioridade, suplantando temas tradicionais da Comunicação como o Jornalismo e a Televisão. Na opinião dos autores, a profusão de

¹⁰ Informações extraídas do **Documento de Área, Comunicação e Ciência da Informação, 1998/2000** (<<http://www.capes.gov.br>>).

enfoques, perspectivas teóricas e objetos de estudo evidenciavam a complexidade da área e, também, a falta de um corpus teórico próprio até então.

Mostafa (2002) também tem se dedicado à temática, especialmente à abordagem teórica do campo e a sua epistemologia. Entre outros trabalhos publicou “Citações Epistemológicas no Campo da Educomunicação”, onde analisou 21 fascículos do periódico **Comunicação & Educação**, de 1994 a 2001. A análise das citações constantes nestes artigos revelou que o campo da Educomunicação está sendo formado por autores diretamente ligados a ele, como Baccega, Soares e Citelli, e por teóricos oriundos de diversas áreas das Ciências Sociais, como Filosofia, História, Psicologia, Sociologia, com destaque para: Eco, Baudrillard, Adorno, Mattelart, Martín-Barbero, Ianni, Marx, Morin, Pêcheux, Lévy, entre outros. Mostafa (2002) complementa a análise quantitativa com comentários sobre as teorias que fundamentam os autores mais citados e de que forma os mesmos contribuem para o campo da Educomunicação.

Bonin (1999) publicou **Projeções e apropriações do pensamento de Martín-Barbero em revistas brasileiras de Comunicação**, onde discute a influência das idéias de Jesús Martín-Barbero no Brasil a partir do estudo da disseminação da sua obra em revistas nacionais. A autora utilizou a bibliometria como método de investigação, e obteve resultados que revelaram que os periódicos da Escola de Comunicação e Artes da USP e os periódicos da Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação são cenários significativos de articulação do diálogo entre Martín-Barbero e os pesquisadores brasileiros, dado o número de publicações do autor nestes periódicos. Outros tipos de documentos, como a literatura cinzenta, são pouco significativos na disseminação do pensamento do autor. Entretanto, ao analisar as citações feitas a Martín-Barbero, Bonin (1999) observou que o autor vem sendo incorporado em trabalhos procedentes de várias escolas de Comunicação do Brasil, tendo como mais citados os artigos publicados no periódico **Dialogos de la Comunicación** e do livro **De los Medios a las Mediaciones**.

O levantamento sobre as obras e autores mais importantes na área da Comunicação, intitulado **Contribuições bibliográficas para a pesquisa sobre o campo da Comunicação**, foi publicado por Fadul, Dias e Kuhn (2001). O estudo teve como objetivo selecionar e examinar as obras sobre a Comunicação enquanto um campo científico. Nele, foram incluídas publicações sobre métodos e técnicas de pesquisa utilizadas e epistemologia da Comunicação. Os autores consideraram livros, capítulos de livros, artigos de periódicos, bibliografias

temáticas, enciclopédias e dicionários. Apesar de não se tratar de um levantamento exaustivo, dado o limite de espaço de uma publicação em formato de artigo de periódico, a pesquisa contribui para esclarecer a Comunicação e suas subáreas, suas obras e autores mais importantes, sob o ponto de vista de seus próprios pesquisadores. Por reunir, de forma sistemática, a bibliografia básica no campo da Comunicação, esse levantamento é de muito valor para bibliotecas e centros de informação.

Em sua dissertação de mestrado, Cavalcanti (1989) faz a análise de citação das dissertações apresentadas à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), de 1982 a 1987. A pesquisadora encontrou os seguintes resultados: o livro como canal de comunicação mais utilizado (71,20%), o idioma predominante é o português (71,35%), seguido do francês (15,42%) e o periódico mais citado pelos mestrados é a revista **Veja**. Cavalcanti (1989) compara os resultados encontrados por Rodrigues (1982) em Ciência da Informação e conclui que se tratam de áreas com características completamente diferentes.

Como vimos, os estudos existentes revelaram características importantes, tornando a área da Comunicação no Brasil mais aparente. Este estudo objetiva complementar as pesquisas já existentes, ampliando o conhecimento sobre o campo em questão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda a metodologia utilizada para desenvolver um estudo de citações das dissertações defendidas no PPGCOM/UFRGS, no PPGCOM/PUCRS e no PPGCOM/UNISINOS durante o triênio 1998-2000.

5.1 UNIVERSO DE ESTUDO

Os dados referentes às dissertações defendidas, necessários a este estudo, foram coletados junto às secretarias dos programas de pós-graduação em Comunicação. O primeiro contato foi feito para obter o número de dissertações defendidas, o ano de defesa e as linhas de pesquisa onde as mesmas foram apresentadas. Através das listas fornecidas pelas secretarias dos programas, pôde-se calcular o número total de dissertações defendidas desde a criação dos programas até dezembro de 2002: PPGCOM/UFRGS, 49 dissertações; PPGCOM/PUCRS, 120 dissertações; e PPGCOM/UNISINOS, 73 dissertações. Na Tabela 1, o número de dissertações defendidas está estratificado por ano e por programa:

Tabela 1- Dissertações defendidas por ano e programa de pós-graduação

Ano	PPGCOM UFRGS	PPGCOM PUCRS	PPGCOM UNISINOS	Total por ano
1997	-	30	09	39
1998	04	11	04	19
1999	11	15	15	41
2000	13	15	13	41
2001	08	27	13	48
2002	13	22	19	54
Total por programa	49	120	73	242

Nota: o sinal - indica que ainda não estavam sendo defendidas dissertações, já que o programa foi criado em 1996.

Fonte: Informações fornecidas pelas secretarias dos programas, em novembro de 2002.

5.1.1 Amostra Intencional

Dado o número extenso de dissertações defendidas nos programas, optou-se por estudar as dissertações defendidas entre os anos 1998 e 2000, conforme comentado na “Introdução” deste estudo. Desta forma, a amostra intencional (MARCONI; LAKATOS, 1999) foi composta de 101 dissertações, sendo 41 defendidas no PPGCOM/PUCRS, correspondente a 40,6% do total das dissertações a serem analisadas; 32 defendidas no PPGCOM/UNISINOS, correspondente a 31,7% do total da amostra; e 28 defendidas no PPGCOM/UFRGS, correspondente a 27,7% das dissertações analisadas.

A composição da amostra intencional é mostrada a seguir:

Tabela 2 - Composição da amostra intencional

Programa	1998	1999	2000	Total por programa	%
PPGCOM	04	11	13	28	28
UFRGS					
PPGCOM	11	14*	15	40	40
PUCRS					
PPGCOM	04	15	13	32	32
UNISINOS					
Total por ano	19	40	41	100	100

Fonte: Informações fornecidas pelas secretarias dos programas, em novembro de 2002.

* Uma dissertação não foi incluída no estudo por apresentar a seção de referências incompleta.

Entre as dissertações do programa da UFRGS uma apresentou a seção de referências bibliográficas incompleta, faltando uma folha. Tentou-se em vão recuperar esta página em outras cópias da dissertação no programa e na biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Através de correio eletrônico foi enviado um pedido de cópia ao autor, que não foi respondido. Mesmo faltando uma página, optou-se pela não-exclusão desta dissertação, pois se considera que uma página não altera de maneira significativa os resultados deste estudo.

Já no programa da PUCRS uma das dissertações não pode ser incluída no presente estudo por apresentar somente uma página da seção de referências. Tentou-se recuperar as outras páginas em todas as cópias disponíveis na biblioteca da Universidade e na secretaria do programa, e também através de contato com o autor. Sem êxito nestas buscas, optou-se por excluir esta dissertação do estudo, a fim de não alterar os resultados de média e desvio padrão. Desta forma, a amostra da PUCRS é composta por 40 dissertações ao invés das 41 defendidas no programa durante o triênio.

5.2 DEFINIÇÃO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS (VARIÁVEIS)

Reúnem-se, a seguir, os indicadores a serem analisados e suas definições.

5.2.1 Tipologia dos Documentos Citados

Os documentos citados serão classificados nos seguintes tipos:

- a) **artigo de periódico nacional**: Por artigo de periódico, entende-se a contribuição escrita de uma ou várias pessoas publicada em um periódico que se caracteriza como publicação editada em fascículos, com o mesmo título, em intervalos regulares ou não, durante período não definido (HARROD¹¹ *apud* NORONHA, 1996). Esta categoria destina-se aos artigos de periódicos publicados no Brasil;
- b) **artigo de periódico estrangeiro**: Essa categoria contempla os artigos de periódicos publicados em outros países;

¹¹ HARROD's librarians glossary of terms used in librarianship, documentation and the book crafts. 5.ed. Aldershot: Gower, 1984.

- c) **artigo de periódico eletrônico nacional:** Nessa categoria, foram incluídos todos os artigos de periódicos nacionais consultados eletronicamente e referenciados desta forma. Quando o documento não foi referenciado como artigo científico, causando dúvida quanto a sua classificação, foi considerado como documento eletrônico;

- d) **artigo de periódico eletrônico estrangeiro:** Aqui buscou-se contemplar todos os artigos de periódicos publicados em outros países consultados eletronicamente e referenciados desta forma;

- e) **livro e capítulo de livro nacional:** Foram considerados como livros as publicações que desenvolvem informações de um ou vários temas congêneres, agrupados em capítulos, ou em vários volumes, de um ou com a colaboração de vários autores, publicados no Brasil. (HARROD *apud* NORONHA, 1996);

- f) **livro e capítulo de livro estrangeiro:** Essa categoria inclui os livros e capítulos de livros publicados em outros países;

- g) **comunicação em evento nacional:** Nesta categoria, incluem-se os artigos ou trabalhos apresentados em eventos técnico-científicos, como congressos, simpósios, jornadas, seminários, colóquios, fóruns, reuniões e encontros ocorridos no Brasil, publicados comumente na forma de anais (CAMPELLO, 2000b).

- h) **comunicação em evento estrangeiro:** Aqui incluem-se as comunicações em eventos ou anais publicados em outros países;

- i) **dissertação e tese:** Documentos originados das atividades dos cursos de pós-graduação. A dissertação está associada à obtenção do título de mestre, enquanto a tese está associada ao título de doutor. (CAMPELLO, 2000a). Nesta categoria estão incluídas as dissertações e teses defendidas em quaisquer instituições de ensino no Brasil ou no exterior;

- j) **documento eletrônico**: Documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico, como bases de dados, listas de discussão, sítios, arquivos em disco rígido, programas e mensagens eletrônicas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002);
- k) **artigos de revistas e jornais de atualidades**: Publicações periódicas de cunho popular, vendidas em bancas de jornais. (MEADOWS, 1999). Nessa categoria, inserem-se os jornais diários e revistas de atualidades publicados no Brasil e no exterior. Quando foi referenciado acesso eletrônico a esses documentos, foram classificados como documento eletrônico;
- l) **comunicação pessoal, entrevista, depoimento**: Conversa entre duas ou mais pessoas com o intuito de se obter informações sobre algo. (HOUAISS, 2001);
- m) **outras publicações**: Foram incluídos, nessa categoria, todos os documentos, convencionais ou não-convencionais, que não se enquadraram nas categorias anteriormente citadas. Citações incompletas e que não puderam ser identificadas foram enquadradas aqui.

5.2.2 Idioma dos Documentos Citados

As referências foram classificadas em português, espanhol, inglês, francês, alemão e outros idiomas. Para caracterizar o idioma, foi levado em consideração o local da publicação. Os documentos traduzidos para o português foram considerados como da língua portuguesa.

5.2.3 Temporalidade dos Documentos

A temporalidade dos documentos foi medida através da determinação do ano das publicações citadas. Quando não foi possível identificar o ano da publicação citada, a mesma foi agrupada na categoria *sem data*.

5.2.4 Tipo de Autoria

Os documentos foram classificados segundo o tipo de autoria. Documentos produzidos sob a responsabilidade de um único autor pessoal foram classificados como autoria única; quando sob a responsabilidade intelectual de dois ou mais autores pessoal, em autoria múltipla; quando produzidos em nome de uma instituição foram classificados em autoria institucional; e sem autoria quando a mesma não foi mencionada ou identificada.

5.2.5 Autoria dos Documentos Citados

Todos os autores individuais foram contabilizados. Quando o documento citado era de autoria múltipla de até três autores, foram classificados os três autores na ordem em que apareceram na referência bibliográfica, como primeiro autor, e autores secundários. Quando o documento citado era de autoria múltipla com mais de três autores, somente o primeiro autor, na ordem em que apareceu na referência, foi contabilizado.

A autocitação não foi desprezada, ou seja, mesmo que a referência citada era de autoria ou co-autoria do próprio autor da dissertação, foi contabilizada.

Foi identificado o país de origem dos autores mais citados, para verificar as influências de ordem geográfica nas dissertações defendidas no PPGCOM/UFRGS, PPGCOM/PUCRS e PPGCOM/UNISINOS. Através da análise destas influências, foi pensado um modelo de *proximidade paradigmática* para o campo da Comunicação e, também, puderam ser identificadas as citações domésticas.

5.2.6 Periódicos Citados

No caso de citação de artigo de periódico, o título do mesmo foi classificado visando identificar o núcleo de periódicos mais citados pelos discentes. O registro foi feito pelo título completo e por extenso. Em caso de dúvidas, os títulos dos periódicos foram identificados no

Catálogo Coletivo Nacional (CCN). Quando de fato não foi encontrado nenhuma ocorrência para o mesmo no CCN, este foi considerado *outros documentos*.

Foram considerados os títulos atuais dos periódicos que tiveram seus títulos mudados. Além disso, foi identificado o país de origem dos periódicos mais citados, para se verificar a influência geográfica sobre os periódicos.

5.2.7 Total de Referências Bibliográficas

O total de referências citadas em cada trabalho foi identificado com o objetivo de se obter médias de citações nos programas.

5.2.8 Ano de Defesa

Como ano de defesa das dissertações, foi considerado o ano impresso na folha de rosto das mesmas. Estas datas foram identificadas para se obter médias de produtividade anuais.

5.2.9 Orientador

O orientador de cada dissertação foi identificado na folha de rosto do trabalho. Assim, o orientador foi cotejado com indicadores de autores e periódicos mais citados, a fim de se traçar laços de *proximidade paradigmática*.

5.2.10 Linhas de Pesquisa

Para possibilitar comparações, estabelecer diferenças e semelhanças na comunicação científica entre os discentes das linhas de pesquisa nos três programas, foi identificada a linha de pesquisa onde foi defendida a dissertação.

5.3 COLETA DOS DADOS QUANTITATIVOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados quantitativos foram extraídos da seção de referências bibliográficas existente nas dissertações. Para documentar o estudo, foi feita uma cópia xerográfica destas referências

e da folha de rosto das dissertações, disponíveis nas bibliotecas da UFRGS, PUCRS e UNISINOS.

Para a tabulação e análise dos dados foi criado um banco de dados no *software* Statistics Packet for Social Science (SPSS) versão 8.0. A fim de documentar o processo de utilização do software SPSS em estudo bibliométrico – fato não observado ainda na literatura brasileira – e, desta forma, auxiliar futuros usuários, preceder-se-á a uma descrição detalhada do emprego do mesmo nesta pesquisa.

O pacote estatístico SPSS é uma das ferramentas disponíveis para análise de dados de fácil manuseio, que dispõe de técnicas estatísticas básicas e avançadas. Apesar de ser um *software* apropriado para análise de dados quantitativos, permite, através da codificação das variáveis, que todas elas, quantitativas ou categóricas, sejam trabalhadas e apresentadas em tabelas e gráficos. (BIASOLI; FACHEL; CAMEY, 2001; BARBETTA, 2002). A Figura 1 apresenta a tela inicial do SPSS:

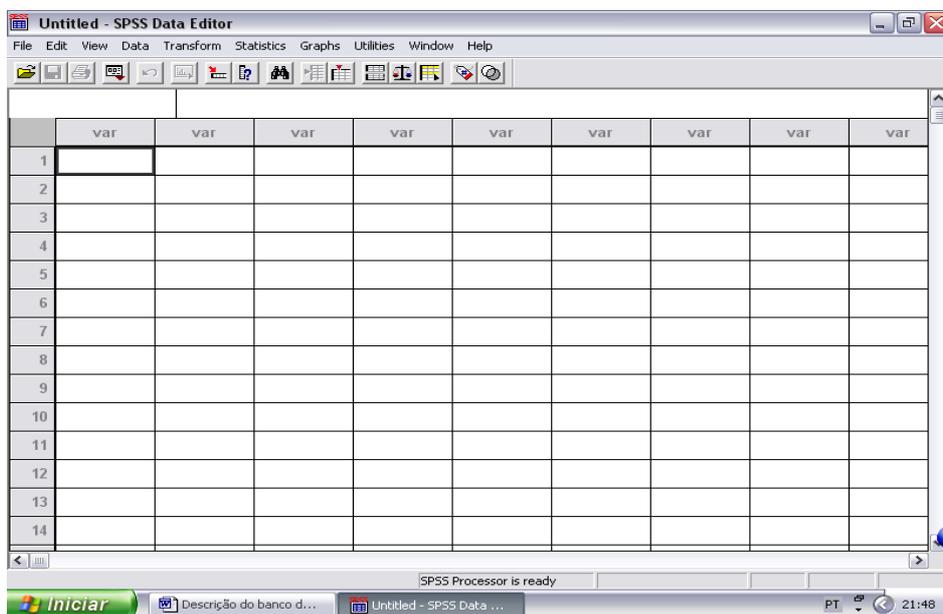


Figura 1 – Tela inicial do SPSS 8.0 for windows

No SPSS, as linhas (1, 2, 3...) correspondem aos casos em estudo, e as colunas (var) correspondem as variáveis ou itens de um questionário. Neste estudo, cada linha corresponde a uma referência bibliográfica, e cada coluna corresponde a um indicador em estudo.

O objetivo deste trabalho incluiu a identificação de sete indicadores nas referências citadas nas dissertações. Estes indicadores são considerados variáveis categóricas, ou seja, expressam uma característica dos documentos citados.

Para que o SPSS contabilize os resultados, é necessário codificar os campos. Os sete indicadores e respectivos campos no banco de dados são os seguintes: tipologia do documento (DOCUM, codificado de 0 a 12), idioma (IDIOMA, codificado de 0 a 5), temporalidade (ANO), tipo de autoria (TIPOAUT, codificado de 0 a 3), autoria (AUTOR 1, AUTOR 2 e AUTOR 3), título de periódico (PERIODIC) e densidade das dissertações (ID, de 1 a 100). No princípio, além destas sete variáveis, foi criado um campo de identificação para a linha de pesquisa (LINHA, codificado de 0 a 6), orientador (ORIENT, codificado de 0 a 40), data de defesa (DEFESA) e Universidade onde a dissertação foi defendida (IES, codificado de 0 a 2), a fim de possibilitar as análises bivariadas, ou seja, verificar se duas variáveis, universidade e autor citado, por exemplo, se apresentavam associadas. Assim, a análise bivariada permite construir uma distribuição conjunta de freqüências, a fim de observar simultaneamente as duas variáveis. Neste estudo, utilizou-se a opção de análise bivariada *Crosstabs*, disponível no menu *Statistics*.

Entretanto, ao longo da alimentação do banco de dados foram detectadas algumas impossibilidades de análise, como a distribuição de freqüência de dissertação por Universidade. Se em cada casela da variável IES era preenchido o código referente à universidade onde a dissertação foi defendida, quando a freqüência era solicitada o resultado que o SPSS gerava era o número de citações por universidade.

Para possibilitar a freqüência de dissertações por universidade, linha de pesquisa, orientador, ano e até mesmo a freqüência de quantidade de dissertações em estudo, foi criada uma segunda coluna para cada um destes indicadores, nomeado de CAT. Então, IESCAT, LINHACA, DEFESACA, ORIENTCA, IDCAT só foram preenchidos na primeira linha de cada dissertação para possibilitar a distribuição de freqüências, ou seja, organizar os dados (as dissertações, por exemplo) de acordo com as ocorrências dos diferentes resultados observados (Universidades, por exemplo).

Desta forma, o banco de dados constitui-se de 18 campos (colunas) a serem preenchidos para cada referência bibliográfica citada nas 100 dissertações em estudo, conforme figuras abaixo:

	ies	iescat	id	idcat	defesa	defesaca	linha	linhacat	orient	orientca	docum	idior
1	0	0	1	1	1999	1999	0	0	1	1	5	
2	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	
3	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	5	
4	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	
5	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	5	
6	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	
7	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	8	
8	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	5	
9	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	
10	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	
11	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	5	
12	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	0	
13	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	12	
14	0	.	1	.	1999	.	0	.	1	.	4	

Figura 2 – Banco de dados em SPSS 8.0

	idioma	ano	periodic	tipoaut	autor1	autor2	autor3
1	1	1998		0	LOZANO, J.		
2	0	1990		0	ERTI, V.		
3	1	1990		0	ALFARO, R.		
4	0	1999		1	ALVES-MAZZOTI,	GEWANDSZNAJDER, F	
5	2	1993		0	BACHELARD, G.		
6	0	1992		0	BAKHTIN, M.		
7	0	1988		0	BEM, A.		
8	1	1993		0	BERTAUX, D.		
9	0	1995		0	BORELLI, S.		
10	0	1996		0	BOURDIEU, P.		
11	1	1995		1	BOURDIEU, P.	WACQUANT, L.	
12	0	1983	BOLETIM INFOR	1	CAMARGO, A.	HIPPOLITO, L.	LIMA, V.
13	0	1998		1	CAPPARELLI, S.	JACKS, N.	TUFTE, T.
14	0	1985		0	CASSERER, E.		

Figura 3 – Banco de dados em SPSS 8.0 (cont.)

As referências de uma mesma dissertação tiveram de ser identificadas através da coluna denominada ID, onde foi digitado o número correspondente da dissertação (de 1 a 100). Então, para cada referência bibliográfica de uma mesma dissertação, o número identificador se repetiu, obrigatoriamente. Através do preenchimento do ID foi possível fazer o cálculo de quantas referências bibliográficas foram utilizadas em cada dissertação,

solicitando-se uma distribuição de frequências da variável ID. Esta variável também possibilitou análises bivariadas entre dissertação e autores citados, por exemplo.

O campo ANO fixou a data de publicação do documento citado. Quando a referência não possuía data, foi determinado o código 9999 (*missing values*), de forma que todas as caselas foram obrigatoriamente preenchidas. Os dados relativos à temporalidade dos documentos foram apresentados de maneira categorizada. Como o número de classes a ser usado em uma tabela de frequência é uma escolha arbitrária, e o conjunto de dados relativos ao ano de publicação é grande, agrupou-se anos em décadas com o objetivo de evidenciar as características relevantes.

PERIODIC foi o campo destinado ao título de periódico, quando o documento é um artigo de periódico. Portanto, não era um campo obrigatório. Os títulos foram grafados em letras maiúsculas, e as diferentes grafias existentes nas dissertações foram sendo corrigidas ao longo da digitação: através de uma distribuição de frequência foi possível visualizar erros de grafia.

Os campos AUTOR 1, AUTOR 2 e AUTOR 3 identificaram o autor do documento. Foram grafados o sobrenome do autor e a primeira letra do prenome. No caso de sobrenomes muito populares, foi grafada também a primeira letra do segundo nome. Aconselha-se a grafia da primeira letra do prenome e do segundo nome para todos os autores, facilitando a identificação de autores muito conhecidos.

Como o SPSS não permite que se mantenha mais de uma base de dados aberta ao mesmo tempo, sempre que foi necessário copiar e colar dados, utilizou-se o Excel para o transporte dos dados.

Neste estudo, seguiu-se a recomendação dada por Biasoli, Fachel e Camey (2001), que afirmam que o primeiro passo para analisar qualquer banco de dados é analisar uma por uma das variáveis (análise univariada). Quando as variáveis eram quantitativas, como o número de citações por dissertação, utilizou-se a estatística descritiva (média, desvio padrão, valor mínimo e máximo). Quando as mesmas eram qualitativas, utilizaram-se as distribuições de frequência e gráficos.

Calcular médias em um banco de dados onde cada linha é uma referência e um conjunto de linhas caracterizava uma dissertação não foi possível de forma direta no SPSS. Para o cálculo de médias de citação, solicitou-se uma tabela de frequência de ID, copiou-se o

resultado desta tabela para o Excel e, através das fórmulas do *software*, calculou-se média e desvio padrão.

No momento da manipulação dos dados, tornou-se necessário separar algumas variáveis do banco de dados, como no momento de ordenar as citações por título de periódico, quando foi preciso trabalhar somente com as referências que eram artigos de periódicos. Um dos recursos do SPSS mais utilizados é o *Sort Cases*, para ordenar os casos segundo uma ou mais variáveis. Já para separar os casos de interesse, pode-se utilizar a opção *Select Cases*. A variável pode ser ordenada de forma crescente ou decrescente, através das opções *descending* e *ascending*, permitindo que o pesquisador visualize os dados de interesse agrupados. *Sort Cases* também é muito útil para a correção de erros de digitação.

Os testes estatísticos foram considerados desnecessários, porque o estudo trabalha com população ao invés de amostra, possibilitando que os resultados falem por si. No momento em que os resultados apontaram Umberto Eco como o autor mais citado entre os três programas, não fez sentido calcular o nível de significância das citações que o autor recebeu.

5.4 COLETA DOS DADOS QUALITATIVOS

Como conclui-se no referencial teórico, o ideal é o uso equilibrado de indicadores quantitativos dentro de um contexto. Por esse motivo, os resultados oriundos da análise quantitativa dos dados foram cotejados com informações qualitativas, obtidas através de entrevistas.

Motivos que instigaram uma entrevista com os orientadores, coordenadores dos programas e autores das dissertações não faltaram, entretanto, a restrição de tempo para fazer e analisar as entrevistas tornou real a impossibilidade de conversar com todos os atores envolvidos nas dissertações em estudo. Assim, optou-se por uma seleção, realizada de acordo com critérios como o número de orientações realizadas, formação do orientador ou algum indício de relacionamento com os autores mais citados. O item formação foi pesquisado através do item Formação Acadêmica/titulação do Currículo Lattes, disponível em <http://www.lattes.cnpq.br>.

Assim, foram selecionados sete professores dos três programas que se acredita, tiveram impacto nos resultados deste estudo, podendo, portanto, explicá-los. Um professor do

PPGCOM/UNISINOS figura no *ranking* de autores mais citados, e por este motivo foi entrevistado: Antonio Fausto Neto. O pesquisador é pós-doutor pela UFRJ, e cursou doutorado na França, país de origem da maioria dos autores mais citados nos três programas.

Alguns professores receberam orientação de autores citados durante seus mestrados e doutorados, fato que pode justificar a influência destes autores nos programas que integram seus ex-orientandos. É o caso de Christa Berger, orientadora do PPGCOM/UFRGS, doutorada pela USP, sob orientação de Maria Immacolata Lopes, uma das autoras nacionais mais citadas nos três programas. Juremir Machado da Silva, coordenador do PPGCOM/PUCRS, cursou mestrado e doutorado na França, sob orientação de Michel Maffesoli, um dos autores mais citados entre os três programas. Nilda Jacks, coordenadora do PPGCOM/UFRGS, foi orientada por Klaus Jensen no seu pós-doutorado na Dinamarca.

O número de orientações durante o período também contribui para escolha dos entrevistados. Assim, Ione Bentz, além de coordenadora do Centro de Ciências Sociais da UNISINOS, é pós-doutora na área de Comunicação e responsável pelo maior número de orientações no triênio. Roberto Porto Simões é o professor com maior número de orientações no PPGCOM/PUCRS durante o triênio. Marília Levacov, doutorada em Boston, é umas das professoras com maior número de orientações no triênio no PPGCOM/UFRGS.

Como se observa, foi escolhido um orientador de cada linha de pesquisa para participar da entrevista.

Planejou-se um tópico guia para que a entrevista fosse bem sucedida, de modo que as questões dessem conta dos fins e objetivos da pesquisa. O tópico guia, como sugere o título, apenas guiou a conversa com os entrevistados, não permitindo que fossem esquecidos tópicos de interesse a serem questionados. Dessa forma, à medida que surgiram abordagens não exploradas, mas percebidas como de importância para o estudo, o tópico guia foi usado com flexibilidade, permitindo e até convidando o entrevistado a falar longamente, “com suas próprias palavras e com tempo para refletir”. (GASKELL, 2003, p.73).

O tópico guia elaborado para o presente estudo é descrito no Apêndice A. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os relatos foram analisados qualitativamente e incorporados no texto, juntamente com a discussão da análise quantitativa.

6 RESULTADOS

A tabulação e a análise qualitativa dos dados estão expressas nos resultados descritos abaixo. Para facilitar a leitura de tabelas e gráficos, os nomes das linhas de pesquisa foram abreviados como segue: “Comunicação e Indústrias Culturais no Cone Sul” (CICC/UFRGS), “Informação e Novas Tecnologias” (INT/UFRGS), “Mídia e Estudos Culturais” (MEC/UFRGS), “Comunicação e Práticas Sociopolíticas” (CPS/PUCRS), “Comunicação e Tecnologias do Imaginário” (CTI/PUCRS), “Mídias e Processos de Significação” (MPS/UNISINOS) e “Mídias e Processos Socioculturais” (MPC/UNISINOS). A Tabela 3 mostra a frequência de orientações dos professores dos três programas entre 1998-2000:

Tabela 3 - Frequência de orientações no triênio 1998-2000

Orientadores	Frequência orientações	% de orientações	Σ % de orientações
Ione Bentz	12	12,0	12,0
Sérgio Capparelli	8	8,0	20,0
Roberto Porto Simões	8	8,0	28,0
Roberto José Ramos	7	7,0	35,0
Marília Levacov	5	5,0	40,0
Flavio Vinicius Cauduro	5	5,0	45,0
Elizabeth Bastos Duarte	5	5,0	50,0
Luiza Carravetta	5	5,0	55,0
Juracy Saraiva	5	5,0	60,0
Doris Fagundes Haussen	4	4,0	64,0
Nilda Aparecida Jacks	4	4,0	68,0
Christa Berger	4	4,0	72,0
Dinorá Fraga da Silva	4	4,0	76,0
Antonio Fausto Neto	4	4,0	80,0
Jacques A. Wainberg	3	3,0	83,0
Eliana Pibernat Antonini	3	3,0	86,0
Ida Regina Chittó Stumpf	2	2,0	88,0
Francisco Rüdiger	2	2,0	90,0
Maria Lília Dias de Castro	2	2,0	92,0
Pedrinho Guareschi	2	2,0	94,0
Maria Schuler	2	2,0	96,0
Lilia Maria Vargas	1	1,0	97,0
Francisco Menezes Martins	1	1,0	98,0
Juremir Machado da Silva	1	1,0	99,0
Maria Beatriz Furtado Rahde	1	1,0	100,0
TOTAL	100	100,0	

6.1 DENSIDADE DAS DISSERTAÇÕES

A coleta de dados nas 100 dissertações defendidas no três PPGCOMs da região Sul, no período de 1998-2000, resultou em 7.648 citações, distribuídas da seguinte forma: PPGCOM/UFRGS, 2.785 citações em 28 dissertações; PPGCOM/PUCRS, 3.106 citações em 40 dissertações; e no PPGCOM/UNISINOS, 1.757 citações em 32 dissertações.

Verifica-se, através da Figura 4, que os programas apresentam diferentes médias de citação nas dissertações para o período 1998-2000:

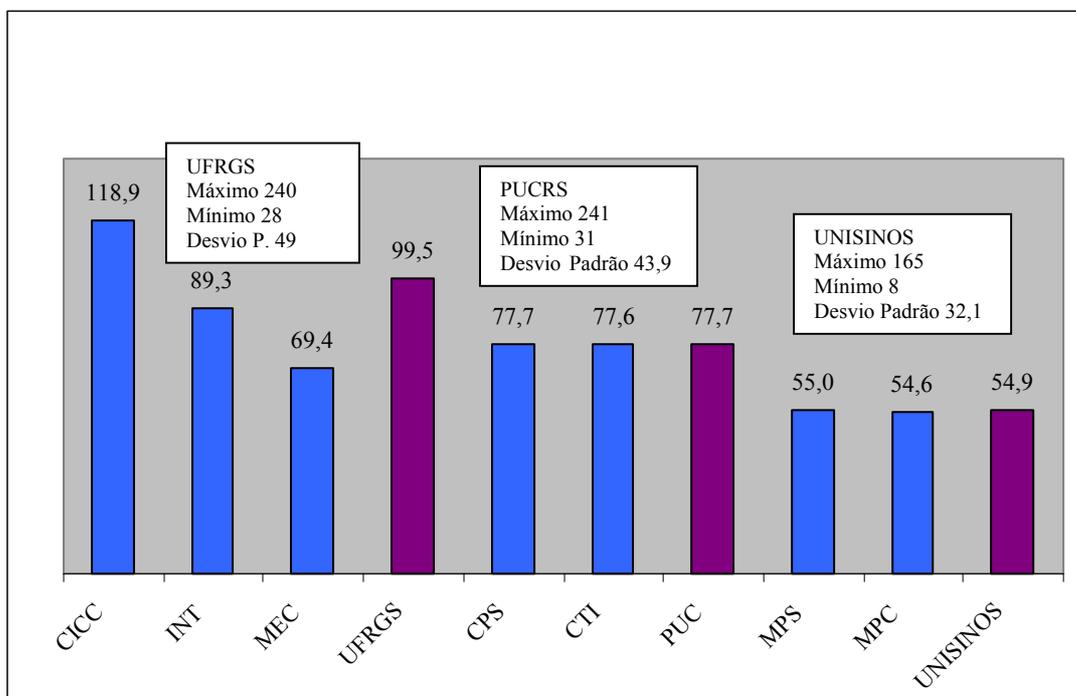


Figura 4 - Médias, número máximo e mínimo de citação e desvio padrão

O PPGCOM/UFRGS apresenta a maior média de citação por dissertação entre os três programas. A linha CICC/UFRGS apresenta uma média de 118,8 citações por dissertação, constituindo a maior média entre todas as linhas; a linha INT/UFRGS apresenta a média de 89,3 citações por dissertação; e a linha MEC/UFRGS apresenta a menor média do programa, 69,4 citações por dissertação. A média geral do PPGCOM/UFRGS é 99,5 citações por dissertação, com um número mínimo de 28 e máximo de 240 citações, o que resulta em um desvio padrão 49, o maior entre os três programas, indicando forte heterogeneidade entre as linhas de pesquisa quanto às médias de citação.

O PPGCOM/PUCRS tem praticamente a mesma média de citações em suas duas linhas de pesquisa: 77,7 para a linha CPS/PUCRS e 77,6 citações para a linha CTI/PUCRS. Desta forma, 77,7 citações constitui a média do programa. Entretanto, apesar de médias homogêneas, o PPGCOM/PUCRS apresenta um desvio padrão de 43,9 citações, o que demonstra uma grande diferença entre o número mínimo, 31, e o máximo, 241 citações, o maior número de citações entre os três programas.

O PPGCOM/UNISINOS também é uniforme quanto às médias de citação das linhas e do programa. A linha MPS/UNISINOS apresenta média de 55 citações, enquanto a linha MPC/UNISINOS apresenta a média de 54,6, totalizando média geral de 54,9 citações. Porém, o programa apresenta oito citações em uma dissertação, constituindo o menor número de citações entre os três programas. O número máximo neste programa é 165 citações por dissertação, discrepante dos PPGCOMs UFRGS e PUCRS, que tiveram seu máximo em 240 e 241. O programa apresenta o menor desvio padrão, 32,1 citações.

Através da observação dos totais de citação das dissertações da UNISINOS conclui-se que oito citações em uma dissertação não constitui uma exceção, já que outra dissertação apresenta 10 referências, seguida de dissertações com 22, 28 citações consecutivamente.

Rodrigues (1982) encontrou uma média de 37,27 citações por dissertação na área da Ciência da Informação, enquanto Noronha (1996), na área de saúde pública, encontrou a média de 90,6 citações em dissertações. Assim, constata-se que com relação à média de citações por dissertação, o campo da Comunicação está mais próximo às Ciências da Saúde do que outras disciplinas componentes da área das Ciências Sociais Aplicadas. Embora, deva-se levar em conta a data do trabalho relativo a Ciência da Informação. Com o amadurecimento científico da área no Brasil, é possível que hoje, mais de duas décadas depois, o número seja superior àquele encontrado por Rodrigues.

6.2 TIPO DE DOCUMENTO

A Tabela 4 apresenta a frequência dos tipos de documento nos três programas:

Tabela 4 – Frequência por tipo de documento

Tipo de documento	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
Livro e capítulo de livro nacional	3.954	51,7	51,7
Livro e capítulo de livro estrangeiro	1.592	20,8	72,5
Artigo de revistas e jornais de atualidades	536	7,0	79,5
Artigo de periódico nacional	329	4,3	83,8
Outras publicações	319	4,2	88,0
Documento eletrônico	271	3,5	91,5
Artigo de periódico estrangeiro	266	3,5	95,0
Comunicação pessoal, entrevista e palestra	171	2,2	97,3
Dissertação e tese	118	1,5	98,8
Comunicação em evento nacional	70	0,9	99,7
Comunicação em evento estrangeiro	19	0,2	100,0
Artigo de periódico eletrônico estrangeiro	3	0,0	100,0
Artigo de periódico eletrônico nacional	-	-	100,0
TOTAL	7.648	100,0	

Nota: O sinal - indica que não há citações para este tipo de documento

Observa-se que livro e capítulo de livro perfazem 72,5% do total de citações, confirmando a preferência das Ciências Sociais por este tipo de documento. Cavalcanti (1989) encontrou resultados semelhantes (71,2%) em seu estudo nas dissertações de Comunicação defendidas na ECO/UFRJ.

Segundo Castro (1986) a incidência de livros varia de área para área, sendo mínima nas Ciências Básicas (biológicas, exatas e da terra). Para o autor e também para Meadows (1999), o estilo mais compacto dos artigos e comunicações não satisfaz a todas as necessidades das Ciências Sociais, já que a natureza da pesquisa nesta área requer uma publicação mais extensa, que se traduz em forma de livro.

A preferência por livros encontra, também, outras explicações. Sob o ponto de vista de Kuhn (1997), o livro é o canal de comunicação científica das Ciências nos seus primeiros estágios de desenvolvimento, anteriores ao surgimento do paradigma. A mudança no uso de

canal de comunicação revela que um campo de estudo tornou-se uma ciência, quando os livros, dirigidos a possíveis interessados, são substituídos por artigos breves orientados aos pares. Velho (1997) concorda com Kuhn, afirmando que a preferência por determinados canais de comunicação é também influenciada pelo estágio de consolidação teórica e metodológica da área em questão.

Segundo Velho (1997), existem diferenças entre as áreas do conhecimento não só no que diz respeito ao uso de fontes de informação, mas também no sentido de divulgação dos resultados de pesquisa. As Ciências Sociais se dedicam a um objeto de estudo voltado à explicação de fenômenos decorrentes, geralmente, da realidade cotidiana, e, por isso, os resultados de uma pesquisa nesta área exigem ampla divulgação, através de canais diferenciados:

[...] devido ao objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais fazerem parte da realidade da vida diária, os resultados da pesquisa nessas áreas são, muitas vezes, de interesse para um público muito mais amplo que a comunidade acadêmica. Assim, os pesquisadores dessas áreas têm que cobrir um número maior de audiências, que possuem marcos de referência que podem chegar a ser divergentes em suas formas interpretativas e para as quais se requer o emprego de formas de expressão também diferentes. [...] Assim, a produção de artigos de divulgação científica é, de modo geral, muito mais significativa nas áreas sociais que nas exatas. (VELHO, 1997, *on-line*).

Ao analisar os resultados do estudo aqui apresentado, Christa Berger afirmou, em entrevista, que a área da Comunicação não tem tradição de revistas científicas de renome nacional ou internacional, facilmente identificadas pela comunidade. Ainda segundo ela, o esforço que está sendo despendido pelos programas de pós-graduação na criação destas revistas e dos conselhos editoriais indica que o futuro é a publicação de artigos em periódicos. Entretanto, permanece hoje a tradição de publicação em formato de livro: é isso que todo o pesquisador da área almeja, publicar suas pesquisas em um livro, “detentor de um estatuto de verdade e resultado de trabalho com afinco”.

O terceiro tipo de documento mais citado nos PPGCOMs é artigos de revistas e jornais de atualidades, somando 7% do total de citações. Observou-se que as 536 citações foram feitas por 61 dissertações, ou seja, 61% das dissertações citaram este tipo de documento, o que configura o uso de artigos de revistas e jornais de atualidades uma característica das dissertações estudadas. Entretanto, apenas seis dissertações perfizeram 50,9% do total de 536 citações, indicando acentuada frequência de citações a este tipo de documento em algumas dissertações.

Entre estas dissertações, a responsável pelo maior número de citações a artigos de revistas e jornais de atualidades (74 citações) e também uma das responsáveis pelas citações a documentos sem autoria (48 citações) aborda um estudo sobre a distribuição cinematográfica de Porto Alegre. A dissertação responsável pela maior quantidade de citações para documentos sem autoria (73 citações) e 72 citações para artigos de revistas e jornais de atualidades tem como temática o estudo da Comunicação na pós-modernidade através da análise do Parque Mini Mundo.

Observa-se, desta forma, que a ocorrência de citações para artigos de revistas e jornais de atualidades ocorre, geralmente, junto a citações para documentos sem autoria. As temáticas destas dissertações são variadas, entretanto, observa-se grande incidência de dissertações relacionadas ao estudo de mídias, entre elas o rádio e a televisão.

Na opinião da professora Christa Berger, é necessário que o mestrando conheça a diferença entre documentos que são fonte de idéia e material empírico. Esta preocupação da entrevistada é refletida nos resultados de sua linha de pesquisa, MEC/UFRGS, já que apesar de a linha trabalhar com análise de discurso, área que utiliza documentos como material empírico, o percentual de citação para este tipo de documento é inferior ao geral (Tabela 5). A professora Ione Bentz também acredita que o alto número de citações para artigos de jornal e revistas de atualidades seja um engano cometido pelos mestrandos no momento de citar.

Uma defesa para a citação de artigos de jornais e revistas de atualidades é feita pela professora Nilda Jacks, que trabalha com estudos de recepção e práticas culturais:

Eu uso frequentemente dados de jornal [...] tudo o que sai na **Zero Hora** e no **Correio do Povo** sobre cultura regional gaúcha eu recolho porque faz parte do meu objeto de estudo [...] uso entrevistas de um tradicionalista, um antropólogo ou um publicitário, o que for que se refira a temática [...] então eu imagino que dependa do objeto de estudo, se é um objeto que tenta ver as relações entre as práticas dos leitores, práticas dos telespectadores e do consumo cultural ou de questões como a da identidade, é nesse contexto que vem a utilização de informações [...] jornais e revistas são materiais da

história do presente, o que está acontecendo está registrado, por isso é uma fonte muito importante de informações. (JACKS, 2004).

Uma opinião que parece sintetizar as duas versões é oferecida pelo professor Juremir Machado da Silva. A Comunicação, segundo ele, tem como objeto de estudo os processos midiáticos, jornais, revistas, emissoras e programas de televisão e, por isso, o grande número de citações para este tipo de documento pode ser considerado um engano por parte dos mestrandos, ou seja, os alunos citam o próprio objeto de pesquisa. Entretanto, o entrevistado admite que, mesmo não sendo tão legitimados quanto um livro, estes documentos servem como excelentes fontes de pesquisa.

Lima (2003) revela que, no campo da Comunicação, são utilizados dados e informações já conhecidos, mas reorganizados, revelando um panorama mais amplo do que anteriormente revelado. O autor aborda o assunto em uma das suas publicações, e, apesar do comentário sobre as fontes utilizadas ser específico para o trabalho desenvolvido por ele, nos fornece subsídios para análise dos resultados desta dissertação:

Com relação às fontes de dados e informações utilizadas no texto, o leitor observará que nos valemos fartamente da imprensa escrita, jornais (**Folha de S. Paulo, FSP; O Estado de S. Paulo, OESP; Gazeta Mercantil, GZM; Valor Econômico; Agência Carta Maior**) e revistas (**Carta Capital, CC; Meio e Mensagem, MM; Pay TV, PTV; Revista Imprensa; Advertising Age Global, AAG**). Essa imprensa, por sua vez, quando ela mesma não produz os dados que divulga, vale-se de instituições de pesquisa profissionais que fornecem informações sobre o desempenho da economia para o mercado brasileiro e internacional (IBOPE, KGPM Corporate Finance, Bloomberg News, Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação, EPCOM). Algumas vezes os dados também são originários de empresas do setor (GLOBOPAR), entidades de classe (ABTA, ABRACO) ou de agências e instituições públicas (ANATEL, IBGE). [...] Como se observa, ao contrário de outros campos do conhecimento, são ainda raras as instituições universitárias que geram informações básicas para pesquisa no setor de comunicações no Brasil. (LIMA, 2003, p. 10).

Conforme afirma Lima (2003), o campo da Comunicação utiliza diversos tipos de documentos como fonte de pesquisa. Constataram-se relatórios, boletins e informações fornecidas por entidades de classe, folhetos, monografias, CDs, programas de rádio e televisão, livros no prelo, bancos de dados, disquetes, informativos, projetos, editais, manuais, estatísticas, mimeografados, polígrafos, fitas cassete, *long play*, cópias xerográfica, censos e anotações de aula, reunidos neste estudo na categoria outras publicações, responsável por 4,2% do total de citações.

Outro tipo de documento recebeu destaque através dos resultados deste trabalho, apresentando 2,2% do total de citações: comunicações pessoais e entrevistas. Este dado, aliado ao grande número de citações para artigos de jornais e atualidades e aos “outros” documentos, já comentados, pode ser reflexo do número limitado de publicações brasileiras especializadas. Analisando os resultados, há indícios de que o número limitado de publicações nacionais que tratam da temática não dão conta da necessidade dos pesquisadores, gerando a necessidade de relatos pessoais para fundamentar a pesquisa, como a opinião de profissionais ou a própria história de um veículo de comunicação, ainda não publicada, mas viva na memória dos que dela participaram.

Em relação a um tipo de documento mais recente, artigo de periódico eletrônico, não se constatou nenhuma ocorrência nacional, apesar da iniciativa brasileira da biblioteca eletrônica SCIELO desde 1997, disponibilizando títulos de periódicos nacionais de interesse aos PPGCOMs estudados, como a **São Paulo em Perspectiva e Ciência da Informação**.

Os periódicos eletrônicos estrangeiros receberam apenas três citações no *ranking* geral. Quando somado o percentual recebido pelos documentos eletrônicos, 3,5% do total de citações, conclui-se que, mesmo sendo a tecnologia um dos objetos de estudo em dois programas analisados, ela ainda não é utilizada, dado o número quase insignificante de citações recebidas para estes tipos de documento. Em sua entrevista, a professora Ione Bentz se refere ao pouco uso que a Comunicação faz de documentos eletrônicos disponíveis na *Web* e a falta de periódicos nacionais e estrangeiros disponíveis eletronicamente. Segundo ela, a Comunicação deveria ser tecnologicamente avançada, mas o que se percebe é que a área é plantada em livros.

As dissertações e teses e comunicações em eventos também obtiveram baixo índice de citações nos três programas, 1,5% e 1,1%, respectivamente, refletindo a escassa divulgação deste tipo de documento para o campo da Comunicação. Noronha (1996) encontrou resultados semelhantes na área de saúde pública: baixa porcentagem de uso de teses e dissertações (3,4%) e de comunicações em eventos (4,2%). A autora relaciona estes índices ao fato dos documentos constituírem a literatura cinzenta, “cuja identificação e acesso são dificultados pela inexistência de fontes específicas de divulgação e pelo próprio desconhecimento de sua existência por parte dos pesquisadores”. (NORONHA, 1996, p.93). Salienta-se que, em 1998, foi publicado por Stumpf e Capparelli o catálogo “**Teses e Dissertações em Comunicação no Brasil (1992-1996): resumos**”, que consiste em uma importante fonte para identificação da

literatura cinzenta na área. Portanto, pode-se concluir que a dificuldade pode estar no acesso a estes documentos, entre outros fatores, como a não percepção da importância dos mesmos como uma fonte de informação.

Quando a frequência de tipos de documento é analisada por linha de pesquisa, mantém-se o percentual obtido no *ranking* dos três programas, com pequenas diferenças. Livro e capítulo de livro nacional e estrangeiro encabeçam em todas as linhas a lista dos mais citados, porém, observa-se na CICC/UFRGS uma queda percentual em relação ao *ranking* geral. Conclui-se que as linhas de pesquisa são no geral homogêneas quanto à tipologia de documentos citados, apresentando pequenas peculiaridades.

No PPGCOM/UFRGS, a frequência por tipo de documento se apresenta da seguinte maneira:

Tabela 5 – Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/UFRGS

Tipo de documento	CICC		INT		MEC		GERAL PPGCOMs
	Freq. cit.	%	Freq. cit.	%	Freq. cit.	%	%
Artigo de periódico nacional	71	4,6	54	6,0	24	6,9	4,3
Artigo de periódico estrangeiro	85	5,5	78	8,7	18	5,2	3,5
Artigo de periódico eletrônico estrangeiro	-	-	1	0,1	-	-	0,0
Livro e capítulo de livro nacional	586	37,9	368	41,2	185	53,3	51,7
Livro e capítulo de livro estrangeiro	336	21,7	225	25,2	65	18,7	20,8
Comunicação em evento nacional	21	1,4	18	2,0	2	0,6	0,9
Comunicação em evento estrangeiro	11	0,7	5	0,6	-	-	0,2
Dissertação e tese	36	2,3	11	1,2	5	1,4	1,5
Documento eletrônico	68	4,4	64	7,2	7	2,0	3,5
Artigo de revistas e jornais de atualidades	183	11,8	30	3,4	8	2,3	7,0
Comunicação pessoal, entrevista e palestra	68	4,4	16	1,8	7	2,0	2,2
Outras publicações	80	5,2	23	2,6	26	7,5	4,2
TOTAL	1545	100,0	893	100,0	347	100,0	100,0

Nota: o sinal - indica que não há citações para este tipo de documento

Na Tabela 5 observa-se que a linha de pesquisa CICC/UFRGS utiliza 14% menos livro e capítulo de livro nacional quando se compara com o percentual que este tipo de documento recebe no total geral entre os três programas. A característica da linha é a citação para artigos de periódico estrangeiro, bem como citações para artigo de revistas e jornais de atualidades, comunicação pessoal, entrevista e palestra e comunicações em eventos.

A linha INT/UFRGS é a linha que contempla especificamente as temáticas da Ciência da Informação no PPGCOM/UFRGS. Observa-se nesta linha a tendência de citação para

artigos nacionais e estrangeiros em detrimento a outras publicações e comunicação pessoal, entrevista e palestra, se comparado ao total geral. Como previsto pela própria ementa da linha, que se propõe a trabalhar com informação e tecnologia, o número de citações para documento eletrônico é superior quando comparado ao percentual geral.

Os resultados se assemelham aos encontrados por Rodrigues (1982) no estudo de citações realizado nas dissertações em Ciência da Informação defendidas no IBICT de 1972 a 1979. Neste estudo, os artigos de periódicos foram responsáveis por 47,7% do total de citações. Estes dados reforçam que a Comunicação e a Ciência da Informação, apesar de participarem da mesma grande área chamada Ciências Sociais Aplicadas, possuem peculiaridades e distinções, até mesmo no que se refere ao uso das fontes de informação.

Também na linha MEC/UFRGS percebe-se a tendência de citação para artigos, porém o percentual de citações para livro e capítulo de livro nacional e estrangeiro se mantém. O percentual de citações para artigo de revistas e jornais de atualidades e documentos eletrônicos é bem menor quando comparado ao percentual geral. Observa-se o aumento do percentual de citações para outras publicações.

No PPGCOM/PUCRS, a frequência por tipo de documento acontece como apresentado na Tabela 6:

Tabela 6 – Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/PUCRS

Tipo de documento	CPS		CTI		GERAL PPGCOMs
	Freq. Cit.	%	Freq. Cit.	%	%
Artigo de periódico nacional	68	4,6	63	3,9	4,3
Artigo de periódico estrangeiro	49	3,3	16	1,0	3,5
Artigo de periódico eletrônico estrangeiro	-	-	2	0,1	0,0
Livro e capítulo de livro nacional	819	55,5	901	55,3	51,7
Livro e capítulo de livro estrangeiro	241	16,3	307	18,8	20,8
Comunicação em evento nacional	4	0,3	14	0,9	0,9
Comunicação em evento estrangeiro	1	0,1	1	0,1	0,2
Dissertação e tese	28	1,9	26	1,6	1,5
Documento eletrônico	32	2,2	70	4,3	3,5
Artigo de revistas e jornais de atualidades	162	11,0	90	5,5	7,0
Comunicação pessoal, entrevista e palestra	24	1,6	28	1,7	2,2
Outras publicações	48	3,3	112	6,9	4,2
TOTAL	1.476	100,0	1.630	100,0	100,0

Nota: o sinal - indica que não há citações para este tipo de documento

A linha CPS/PUCRS apresenta suas citações de forma semelhante ao *ranking* geral entre os três programas. Observa-se um índice percentual superior ao geral para artigo de revistas e jornais de atualidades.

A linha CTI/PUCRS também apresenta suas citações de forma semelhante ao *ranking* geral entre os três programas. Observa-se a diminuição de citações para artigo de periódico estrangeiro e um leve aumento das citações para documentos eletrônicos e artigos de periódicos eletrônicos quando comparado com o ranking geral, o que pode ser explicado pelo próprio objeto de estudo desta linha: as novas tecnologias da Comunicação.

No PPGCOM/UNISINOS a frequência por tipo de documento apresenta-se da seguinte forma:

Tabela 7 – Frequência de tipo de documento por linha de pesquisa no PPGCOM/UNISINOS

Tipo de documento	MPS		MPC		GERAL PPGCOMs
	Freq. cit.	%	Freq. cit.	%	%
Artigo de periódico nacional	44	3,3	5	1,1	4,3
Artigo de periódico estrangeiro	11	0,8	9	2,1	3,5
Artigo de periódico eletrônico estrangeiro	-	-	-	-	-
Livro e capítulo de livro nacional	877	66,4	218	49,9	51,7
Livro e capítulo de livro estrangeiro	319	24,2	99	22,7	20,8
Comunicação em evento nacional	3	0,2	8	1,8	0,9
Comunicação em evento estrangeiro	-	-	1	0,2	0,2
Dissertação e tese	4	0,3	8	1,8	1,5
Documento eletrônico	10	0,8	20	4,6	3,5
Artigo de revistas e jornais de atualidades	42	3,2	21	4,8	7,0
Comunicação pessoal, entrevista e palestra	-	-	28	6,4	2,2
Outras publicações	10	0,8	20	4,6	4,2
TOTAL	1.320	100,0	437	100,0	100,0

Nota: o sinal - indica que não há citações para este tipo de documento

Observa-se na linha MPS/UNISINOS o forte predomínio de citações para livro, seja estrangeiro ou nacional, sendo este tipo de documento o único a apresentar médias superiores ao *ranking* geral, todos os outros tipos ficaram com percentuais de uso abaixo do *ranking* geral.

A linha MPC/UNISINOS apresenta um importante percentual de citações para comunicação pessoal, entrevista e palestra e também um percentual superior ao geral para comunicações em eventos. Com relação às citações para artigos de periódicos, a linha apresenta um percentual menor do que o geral (3,3% e 7,8% respectivamente).

6.3 AUTORES CITADOS

Nas 100 dissertações analisadas neste estudo, constatam-se 3435 diferentes autores citados. A Tabela 8 apresenta os autores que receberam as 30 maiores frequências de citação nas dissertações dos três programas em ordem decrescente de citações recebidas e o número de dissertações citantes em cada programa:

Tabela 8 – Frequência de autores citados (geral e por programa), e quantidade de dissertações que citaram o autor

	GERAL (100 dissert.)		UFRGS (28 dissert)		PUCRS (40 dissert.)		UNISINOS (32 dissert.)	
	Freq. citações	% de citações	Freq. citações	Freq. Dissert.	Freq. citações	Freq. Dissert.	Freq. citações	Freq. Dissert.
SEM AUTOR	515	6,7	199	19	266	26	50	7
ECO, U.	83	1,1	16	7	26	11	41	19
BARTHES, R.	81	1,1	3	2	30	8	48	15
BOURDIEU, P.	67	0,9	46	10	12	11	9	7
MORIN, E.	65	0,8	5	3	42	12	18	6
FOUCAULT, M.	53	0,7	2	2	13	7	38	14
BAUDRILLARD, J.	51	0,7	1	2	34	11	16	8
MAFFESOLI, M.	49	0,6	0	0	45	13	4	2
MATTELART, A.	41	0,5	7	7	17	10	17	12
LÉVY, P.	39	0,5	12	6	18	8	9	6
GREIMAS, A.	39	0,5	0	0	0	0	39	15
CAPPARELLI, S.	39	0,5	27	11	12	7	0	0
MACHADO, A.	35	0,5	14	5	15	11	6	3
FREUD, S.	35	0,5	2	3	21	2	12	5
BENJAMIN, W.	34	0,4	22	3	3	2	9	7
ORTIZ, R.	34	0,4	19	13	14	7	1	1
LOPES, M.	30	0,4	20	13	9	8	1	1
CANCLINI, N.	28	0,4	11	5	11	8	6	5
MARTIN BARBERO, J.	28	0,4	13	5	10	6	5	3
MELO, J.M.	27	0,4	8	5	17	8	2	2
HJELMSLEV, L.	26	0,3	0	0	0	0	26	18
FAUSTO NETO, A.	25	0,3	5	2	6	6	14	5
MARCONDES FILHO, C.	25	0,3	8	4	16	9	1	1
ADORNO, T.	24	0,3	12	4	6	3	6	4
DELEUZE, G.	23	0,3	2	2	1	1	20	8
GUARESCHI, P.	22	0,3	7	4	14	9	1	1
HARVEY, D.	21	0,3	8	8	9	9	4	4
SANTAELLA, L.	20	0,3	8	2	8	5	4	4
RODRIGUES, A.	20	0,3	1	1	4	3	15	7
ORLANDI, E.	20	0,3	10	5	7	2	3	2
52 autores freq. 10 a 19 cita	700	9,2
906 autores freq. 2 a 9 cita	2901	37,9
2448 autores freq.1 cita.	2448	32,0
TOTAL 3435 autores	7648	100

Nota: o sinal ... indica que os dados numéricos não estão disponíveis

No núcleo de autores mais citados observa-se um grande número de citações para trabalhos sem autoria, perfazendo 6,7% do total de citações. Em sua maioria, trata-se de artigos de jornais e revistas de atualidades que não são assinados e constituem fonte de pesquisa para a Comunicação como já mencionado anteriormente. Tanto a UFRGS quanto a PUCRS apresentam mais de 50% de suas dissertações citando documentos sem autoria, enquanto na UNISINOS apenas 7 de 32 dissertações citam documentos sem autor. Através das Tabelas 9, 13 e 16 verifica-se que todas as linhas de pesquisa dos três programas citam documentos sem autoria.

A Figura 5 apresenta dados agrupados sobre autores citados:

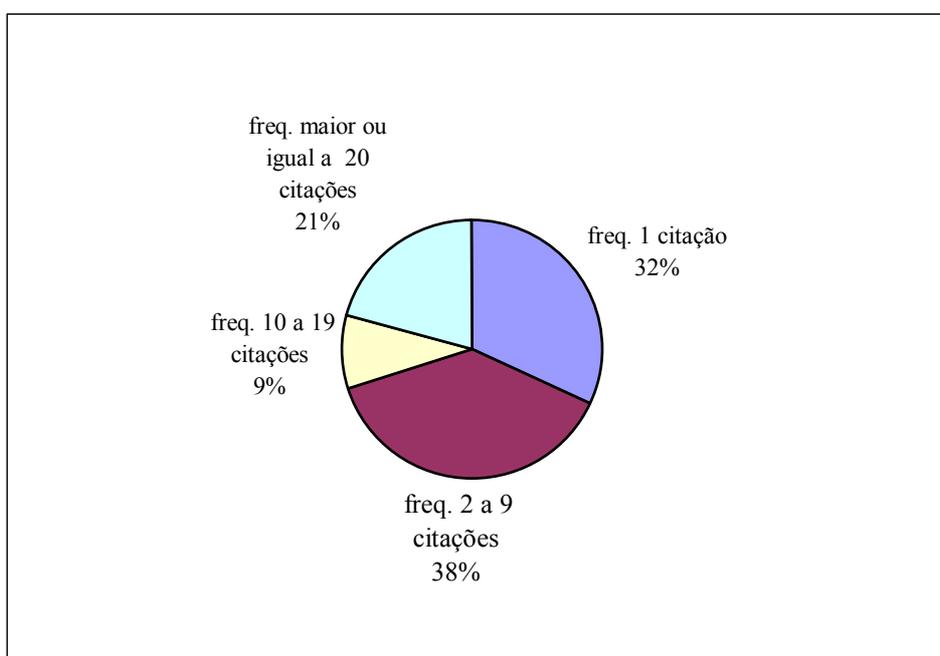


Figura 5 – Gráfico de frequência de citações

Os resultados mostram a inexistência de um grupo de autores fortemente citado, já que 38% das citações se concentram em autores citados de 2 a 9 vezes, e 32% das citações representam autores citados uma única vez. O autor mais citado, o italiano Umberto Eco, recebeu 83 citações, apenas 1,1% do total de citações.

A inexistência de um grupo de autores muito citado pode ser consequência da amplitude do campo científico, visto que a Comunicação abrange variadas temáticas, como televisão, rádio, novas tecnologias, estudos culturais, pós-modernidade, entre outras, todas elas contempladas pelos programas de pós-graduação em questão. Na opinião de Kunsch (1997, p.15):

Outra consideração que se pode fazer, ao notar a ocorrência ampliada dos estudos interdisciplinares, é a evidência, primeiro, da complexidade da área e, segundo, de que ainda não existe um corpus teórico capaz de centralizá-la como objeto principal de pesquisa, fazendo-se ainda necessário avançar numa discussão sobre como buscar para a Comunicação um legitimidade acadêmica frente às demais ciências, configurando-a como um campo autônomo do conhecimento.

Para Velho (1995), a Comunicação encontra-se em um pequeno grau de desenvolvimento paradigmático. Talvez por ser recente enquanto ciência, não possuindo ainda tradição de pesquisa. A literatura aponta a pós-graduação como a responsável pelo início da pesquisa científica no Brasil (MEIS E LETA, 1996; CASTRO, 1986; WITTER, 1989a; KUNSCH, 1997). Se considerarmos válida esta afirmativa, a pós-graduação em Comunicação, iniciada em 1972 com o curso da USP, é responsável pelo começo da pesquisa no País. A busca por documentos sem autoria, grande parte proveniente de artigos de jornais e atualidades, demonstra a necessidade que os pesquisadores têm de buscar informações em fontes não legitimadas cientificamente, conseqüência da reduzida literatura científica nacional na área, afinal, 30 anos de pós-graduação é tempo insuficiente para o amadurecimento de um campo científico.

Segundo o professor Muniz Sodré, quando entrevistado por Cavalcanti (1989), “a Comunicação é a aproximação entre os diversos campos das Ciências Sociais e Humanas sob a égide do discurso e da passagem da informação; portanto, a Comunicação é um campo transdisciplinar”. Esta característica reconhecida por Muniz Sodré se revela na lista dos autores mais citados, onde encontramos, entre outros, autores provenientes de diversos campos, como a Filosofia, Sociologia, Educação e Lingüística.

Outros estudos realizados apontaram resultados semelhantes, como os realizados por Beniger (*apud* CAVALCANTI, 1989; FORD, 1994)¹². Através de fontes de referência como o Arts and Humanities Citation Index e o Handbook of Communication Science, o pesquisador concluiu que, nos 14 autores mais citados na área, estão incluídos: seis filósofos, três lingüísticos, dois psicanalistas, dois filósofos da ciência e um antropólogo. Na opinião de

¹² BENIGER, J. Information and Communication: the new convergence. **Communication Research**, v.15, n. 2, p. 198-218. 1988.

Ford (1994), o campo da Comunicação está em constituição, entretanto, se encontra navegando caoticamente em um conjunto de disciplinas, sem um horizonte transdisciplinar claro. Paiva (2002) também relaciona métodos que apóiam a Comunicação e a Informação, incluindo campos como a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia e a História.

No presente estudo, entre os 29 autores mais citados observam-se 10 autores nacionais: Sérgio Capparelli (UFRGS), Antonio Fausto Neto (UNISINOS), Pedrinho Guareschi (PUCRS), Arlindo Machado (PUC-SP), Renato Ortiz (UNICAMP), Maria Immacolata Lopes (USP), José Marques de Melo (UMESP), Ciro Marcondes Filho (USP), Lucia Santaella (PUC-SP), e Eni Orlandi (UNICAMP). Os três primeiros são professores orientadores nos programas estudados, o que demonstra o prestígio do corpo docente, mas, por outro lado, pode indicar a reduzida quantidade de publicações sobre o objeto de pesquisa da Comunicação. Como Case e Higgins (2000) concluíram em seu estudo, o campo é pequeno, não deixando alternativas para os mestrandos além de citar seus próprios professores, evidenciando nos estudos de citação as citações domésticas. Maria Immacolata Lopes orientou três atuais professores dos programas, um em cada Universidade. Pesquisadores orientados por Marques de Melo atuam no PPGCOM PUCRS e no da UNISINOS, e Antonio Fausto Neto tem um professor orientado por ele na UFRGS.

A análise dos autores estrangeiros mais citados nos três programas evidencia a influência da escola francesa sobre as dissertações. Dos 19 autores estrangeiros, oito são franceses (Barthes, Bourdieu, Morin, Foucault, Baudrillard, Maffesoli, Lévy, Deleuze), e dois deles não nasceram na França. Greimas se naturalizou e viveu na França até morrer, e o belga Armand Mattelart, vive atualmente naquele país. Vários destes autores são considerados clássicos¹³, ou são candidatos a sê-lo, muitos deles são indicados para leitura nas disciplinas dos programas e, até mesmo, são bibliografia sugerida para as provas de seleção.

A fim de contextualizar a interpretação destes dados foram levantados elementos da biografia dos autores mais citados. As informações foram extraídas do Portal Infoamérica, que é o resultado de um projeto de investigação na Universidade de Málaga, na Espanha, sob

¹³ Neste trabalho, o conceito de literatura clássica utilizado fundamenta-se no conceito desenvolvido por Price no artigo “Networks of Scientific Papers”, publicado na *Science* em 1965: trabalhos com mais de 15 anos, citados quatro vezes ou mais em um ano são considerados clássicos. Entretanto, não se seguiu rigorosamente a contagem do número de citações recebidas durante um ano, considerou-se apenas o fato de o trabalho continuar a ser citado depois de transcorrido aquele tempo desde a publicação. Utilizou-se aqui uma noção menos quantitativa e mais qualitativa, onde é considerado o reconhecimento do autor pela comunidade científica, expresso tanto nas citações bem como na comunicação informal nas conversas no colégio invisível e em sala de aula.

direção do professor Bernardo Kiaz Nosty, e financiado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da Espanha. O projeto tem como objetivo identificar e definir os atores que integram o sistema dos meios de comunicação no espaço cultural iberoamericano. As informações resultantes deste projeto estão disponíveis no Portal Infoamérica desde o seu lançamento no dia 3 de maio de 2002, no endereço <http://www.infoamerica.org/teoria>. Os autores não encontrados no Portal foram buscados na Enciclopédia disponível do Portal Yahoo francês, disponível em <http://fr.encyclopedia.yahoo.com>. A consulta a estas fontes foi realizada no dia 14 de dezembro de 2003.

Entre os autores mais citados nos três programas encontra-se Armand Mattelart, que foi professor visitante do PPGCOM/PUCRS no ano 2000, recebendo 17 citações daquele programa, de um total geral de 41 citações. Mattelart é de origem belga. Sua formação inicial se deu em Direito e Ciência Política, posteriormente ele estudou Demografia em Paris, onde vive atualmente. Em 1963, mudou-se para o Chile, criando laços com a América Latina que nunca mais foram desfeitos. Assim, a obra de Mattelart em torno da Comunicação é determinada por sua experiência chilena, marcada pela reflexão epistemológica frente à sedução tecnológica, permeada por propostas de novas formas de investigação e pensamento.

O italiano Umberto Eco aparece em todos os programas, predominantemente na UNISINOS, onde 60% das dissertações o citaram. Eco é considerado um dos intelectuais mais importantes da Europa na segunda metade do século XX. Sua obra se aproxima do mundo da Comunicação por várias vertentes, através de sua experiência de trabalho com televisão, com a banalização midiática e com cultura popular.

Roland Barthes, francês, foi muito citado pela UNISINOS, recebendo 48 citações deste programa, provenientes de 46% das dissertações. A ênfase deste programa no autor é consequência da contribuição teórica de sua obra, que alcança os campos da Literatura, da Comunicação, Filosofia e Sociologia. Barthes é considerado um dos fundadores da Semiótica. No PPGCOM/PUCRS, o autor recebeu 30 citações homogêneas e apenas três do PPGCOM/UFRGS.

O alemão Walter Benjamin também foi citado pelos três programas, entretanto recebeu 15 de suas 34 citações de uma única dissertação do PPGCOM/UFRGS, cuja proposta era analisar sua obra literária. O pensador, cuja obra é considerada fragmentada e incompleta por alguns autores, abordou em seu trabalho a comunicação e as indústrias da cultura, desde

cultura de massas, moda e linguagem. Outro dos pensadores da Escola de Frankfurt citados é o alemão Theodor Adorno, porém, o teórico foi citado de forma homogênea pelos três programas.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu foi citado predominantemente na UFRGS, totalizando 46 citações neste programa, sendo 26 citações feitas por uma única dissertação. Os pesquisadores nacionais Maria Immacolata Lopes e Sérgio Capparelli, também foram citados predominantemente por este programa, entretanto receberam citações de forma homogênea. Arlindo Machado, Renato Ortiz, José Marques de Melo, Antonio Fausto Neto, Ciro Marcondes Filho, Pedrinho Guareschi, Lucia Santaella e Eni Orlandi, também autores nacionais, são citados nos três programas.

Martín-Barbero, Canclini, Lévy e Harvey são autores citados de forma homogênea pelos três programas. Nestor García Canclini e o espanhol Jesús Martín-Barbero abordam a temática dos estudos culturais latino-americanos. Já o francês Pierre Lévy trabalha com as novas tecnologias da comunicação. David Harvey, nascido na cidade de Wiltshire, na Inglaterra, concentra-se em temáticas ligadas à globalização, à cultura e à pós-modernidade.

Maffesoli; Morin e Baudrillard são citados predominantemente pelo PPGCOM/PUCRS. Nascido em Paris, na França, Edgar Morin é considerado um pesquisador inter, trans e multidisciplinar, interessado em temas que trafegam desde História à Epistemologia, de Sociologia ao cinema, da cultura de massas à Filosofia erudita. É autor de mais de 30 livros, considerados clássicos contemporâneos. O francês Jean Baudrillard desenvolve apontamentos teóricos pertinentes às Ciências Sociais, onde se observam incursões ao mundo da Comunicação e dos meios. O sociólogo francês Michel Maffesoli é considerado um observador da sociedade contemporânea e do estilo pós-moderno, contribuindo para as Ciências Sociais com uma importante produção intelectual.

Freud, alemão considerado o pai da teoria psicanalítica, foi citado 35 vezes nos três programas, 13 delas por uma única dissertação do PPGCOM/PUCRS.

Entre os autores citados somente no PPGCOM/UNISINOS estão os teóricos da lingüística: Algirdas Julien Greimas (39 citações em 47% das dissertações do programa); e o dinamarquês Louis Hjelmslev (26 citações em 56% das dissertações do programa).

Os filósofos franceses Gilles Deleuze e Michel Foucault e o português Adriano Duarte Rodrigues, são citados predominantemente no PPGCOM/UNISINOS.

No estudo de citações realizado no periódico **Comunicação & Educação**, Mostafa (2002) aponta Pierre Lévy, o filósofo do ciberespaço, como o autor mais citado nos artigos publicados na revista. Segundo Mostafa (2002), Eco, Baudrillard, Adorno, Deleuze, Mattelart, Martín-Barbero, Bourdieu, Benjamin, Maffesoli e Morin são autores oriundos de diversas áreas das Ciências Sociais, e constituem embasamento para o campo da Comunicação porque são analistas da cultura de seu tempo.

Fadul, Dias e Kuhn (2001), em seu levantamento sobre as obras e os autores mais importantes na área da Comunicação, destacaram alguns nomes que também são citados pelos programas de pós-graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul. Entre os que figuram como mais citados, Bourdieu, Mattelart, Jensen, Orozco, e entre os pesquisadores nacionais, Lopes, Capparelli e Marques de Melo.

A Tabela 9 apresenta o *ranking* de autores mais citados no PPGCOM/UFRGS:

Tabela 9 - Frequência de autores citados no PPGCOM/UFRGS

Autor	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
SEM AUTOR	199	7,1	7,1
BOURDIEU, P.	46	1,7	8,8
CAPPARELLI, S.	27	1,0	9,8
BENJAMIN, W.	22	0,8	10,6
LOPES, M.	20	0,7	11,3
ORTIZ, R.	19	0,7	12,0
GALINDO CÁCERES, L.	17	0,6	12,6
ECO, U.	16	0,6	13,1
MACHADO, A.	14	0,5	13,6
JACKS, N.	13	0,5	14,1
MARTÍN-BARBERO, J.	13	0,5	14,6
ADORNO, T.	12	0,4	15,0
IANNI, O.	12	0,4	15,4
LÉVY, P.	12	0,4	15,9
MANOVICH, L.	11	0,4	16,3
CANCLINI, N.	11	0,4	16,7
ORLANDI, E.	10	0,4	17,0

(continua...)

Tabela 9 - Frequência de autores citados no PPGCOM/UFRGS (continuação...)

Autor	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
PESAVENTO, S.	10	0,4	17,4
OROZCO GOMES, G.	10	0,4	17,7
GONZÁLES, J.	9	0,3	18,1
IBGE	9	0,3	18,4
LUKÁCS, G.	8	0,3	18,7
RAMOS, M.	8	0,3	19,0
MELO, J.M.	8	0,3	19,2
SANTAELLA, L.	8	0,3	19,5
MARCONDES FILHO, C.	8	0,3	19,8
HARVEY, D.	8	0,3	20,1
JENSEN, K.	8	0,3	20,4
NEGROPONTE, N.	8	0,3	20,7
RÜDIGER, F.	8	0,3	21,0
CUNHA, L.A.	8	0,3	21,3
338 autores freq. 2 a 7 cita	946	34,0	55,3
1.247 autores freq. 1 cita	1.247	44,8	100,0
TOTAL	2.785	100,0	

O PPGCOM/UFRGS se destaca pela tendência a citar autores que oferecem aporte aos Estudos Culturais, como Martín-Barbero e Canclini. Alguns autores desta corrente de pesquisa são citados unicamente por este programa, como Jacks, Galindo Cáceres, Manovich, Gonzáles e Jensen. Com o objetivo de verificar as peculiaridades de cada linha de pesquisa deste programa, as tabelas 10, 11 e 12 apresentam o *ranking* de autores citados que obtiveram as dez maiores pontuações em cada linha:

Tabela 10 - Frequência de autores citados na linha CICC/UFRGS

Autor	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
SEM AUTOR	165	10,7	10,7
CAPPARELLI, S.	23	1,5	12,2
BOURDIEU, P.	18	1,2	13,3
ORTIZ, R.	17	1,1	14,4
GALINDO CÁCERES, L.	17	1,1	15,5
BENJAMIN, W.	16	1,0	16,6
LOPES, M.	15	1,0	17,5
JACKS, N.	13	0,8	18,4
CANCLINI, N.	11	0,7	19,1
MARTÍN-BARBERO, J.	11	0,7	19,8
IANNI, O.	10	0,6	20,5
PESAVENTO, S.	10	0,6	21,1
847 autores	1.219	78,9	100,0
TOTAL	1.545	100,0	

Observa-se na linha CICC/UFRGS muitos representantes dos Estudos Culturais figurando entre os autores mais citados, plenamente de acordo com a abrangência temática da linha. Também figuram entre os mais citados dois orientadores da linha, Sérgio Capparelli (que ocupa o primeiro lugar no *ranking*) e Nilda Jacks. O percentual de citações para documentos sem autor, 10,7%, é maior do que o percentual apresentado pelo programa como um todo: 7,1%. A professora entrevistada na linha, Nilda Jacks, fez as seguintes constatações quando confrontada com os dados da Tabela 10: Ortiz, Bourdieu, Canclini e Martín-Barbero são os autores fundamentais dentro da perspectiva de pensar a Comunicação no espaço das práticas culturais. Já Sérgio Capparelli não trabalha diretamente com recepção e cultura, mas é um autor pioneiro na pesquisa de meios, principalmente a televisão, e, por isso, seus estudos contribuem para várias linhas. Maria Immacolata Lopes é autora de um dos raros trabalhos sobre metodologia da pesquisa em Comunicação, e, por isso, “ela é insubstituível”. Sandra Pesavento e Octavio Ianni estão pensando a cidade e a globalização, temáticas que envolvem a formação de práticas culturais, e, por isso, inserem-se nos trabalhos da área de Comunicação. Sobre si mesma, a professora supõe que recebe este número de citações porque há mais de 10 anos investe na pesquisa de recepção.

Um dos autores mais citados na linha de pesquisa, o mexicano Jesus Galindo Cáceres, não é um teórico de inserção internacional. De acordo com Nilda Jacks, Galindo Cáceres possui uma metodologia própria para estudo de Comunicação e Cultura que agrada aos

professores da UFRGS, PUCRS e UNISINOS. Assim, existe uma relação de troca de conhecimento e intercâmbio entre o autor e os três programas.

Tabela 11 - Freqüência de autores citados na linha INT/UFRGS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SEM AUTOR	28	3,1	3,1
MACHADO, A.	12	1,3	4,5
MANOVICH, L.	11	1,2	5,7
LÉVY, P.	11	1,2	6,9
CUNHA, L.A.	8	0,9	7,8
NEGROPONTE, N.	7	0,8	8,6
ECO, U.	6	0,7	9,3
LAUREL, B.	6	0,7	10,0
GIL, A.	6	0,7	10,6
SCHULER, M.	6	0,7	11,3
641 autores	792	88,7	100,0
TOTAL	893	100,0	

Os mais citados na linha INT/UFRGS são teóricos que tratam das novas tecnologias. A linha apresenta um percentual de citações para documentos sem autor (3,1%) menor do que o do programa (7,1%). Conforme a professora Marília Levacov, os resultados expressam a ampla proposta da linha. Os orientadores e as linhas de pesquisa constroem, de modo implícito ou explícito, uma bibliografia que deve constar e o aluno atende a essa solicitação. Para a orientadora, o ideal é a mistura de autores consagrados com autores novos, originais e instigantes.

Tabela 12 - Freqüência de autores citados na linha MEC/UFRGS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
BOURDIEU, P.	27	7,8	7,8
CHAMPAGNE, P.	6	1,7	9,5
SEM AUTOR	6	1,7	11,2
BENJAMIN, W.	6	1,7	13,0
ADORNO, T.	5	1,4	14,4
INDURSKY, F.	3	0,9	15,3
JAMESON, F.	3	0,9	16,1
BARTHES, R.	3	0,9	17,0
KERSHAW, I.	3	0,9	17,9
PINTO, C.	3	0,9	18,7
INSTITUTO GOETHE	3	0,9	19,6
WEBER, M.	3	0,9	20,5
GRAMSCI, A.	3	0,9	21,3
247 autores	273	78,7	100,0
TOTAL	347	100,0	

Na linha MEC/UFRGS, há um percentual de documentos sem autoria (1,7%) bem menor do que o do programa (7,1%). Segundo Christa Berger, o *ranking* dos mais citados é coerente com a proposta da linha. Para ela, Bourdieu é o mais citado por ter trabalhos, recentes e traduzidos, considerados de referência internacional para entender a Comunicação. O conceito de campo usado pela Comunicação e aplicado às pesquisas da área existe, possivelmente, em função do conceito de campo de Bourdieu. Ainda conforme Christa Berger, como a linha trabalha com análise de discurso, alguns autores são citados para fundamentar o trabalho e a análise do material empírico oriundo de jornais e de produção televisiva, são eles: Indursky, Barthes e Pinto. Os autores da Escola de Frankfurt, Benjamin, Adorno e Gramsci não se contrapõe a Bourdieu, fornecendo coerência a noção de campo, de uma perspectiva crítica.

De acordo com Christa Berger, Freda Indurski e Celi Pinto são professoras da Letras e da Ciência Política, respectivamente. Ambas trabalham na UFRGS, e tem sua produção intelectual na sua área do conhecimento, com enfoque no campo da Comunicação, por isso, participam de banca mestrado e doutorado no PPGCOM/UFRGS.

Tabela 13 - Frequência de autores citados no PPGCOM/PUCRS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SEM AUTOR	266	8,6	8,6
MAFFESOLI, M.	45	1,4	10,0
MORIN, E.	42	1,4	11,4
BAUDRILLARD, J.	34	1,1	12,5
BARTHES, R.	30	1,0	13,4
ECO, U.	26	0,8	14,3
FREUD, S.	21	0,7	14,9
LÉVY, P.	18	0,6	15,5
MELO, J.M.	17	0,5	16,1
MATTELART, A.	17	0,5	16,6
MARCONDES FILHO, C.	16	0,5	17,1
REDE GLOBO	16	0,5	17,6
MACHADO, A.	15	0,5	18,1
DEMO, P.	15	0,5	18,6
ORTIZ, R.	14	0,5	19,1
GUARESCHI, P.	14	0,5	19,5
SILVA, J.	13	0,4	19,9
CAUDURO, F.	13	0,4	20,3
LE MOS, A.	13	0,4	20,8
SIMÕES, R.	13	0,4	21,2
FOUCAULT, M.	13	0,4	21,6
HABERMAS, J.	13	0,4	22,0
DOMINGUES, D.	12	0,4	22,4
CAPPARELLI, S.	12	0,4	22,8
BOURDIEU, P.	12	0,4	23,2
CANCLINI, N.	11	0,4	23,5
MEDINA, C.	11	0,4	23,9
MINAYO, M.	11	0,4	24,2
MARTÍN-BARBERO, J.	10	0,3	24,6
SODRÉ, M.	10	0,3	24,9
LYOTARD, J.	10	0,3	25,2
WOLF, M.	10	0,3	25,5
BARDIN, L.	10	0,3	25,9
RAMOS, R.	10	0,3	26,2
NEGROPONTE, N.	10	0,3	26,5
377 autores freq. 2 a 9 citações	1.163	37,4	63,9
1.120 autores freq. 1 citações	1.120	36,1	100,0
TOTAL	3.106	100,0	

As Tabelas 14 e 15 apresentam o *ranking* de autores citados por linha de pesquisa do PPGCOM/PUCRS:

Tabela 14 - Frequência de autores citados na linha CPS/PUCRS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SEM AUTOR	150	10,2	10,2
MAFFESOLI, M.	33	2,2	12,4
MORIN, E.	28	1,9	14,3
BARTHES, R.	26	1,8	16,1
BAUDRILLARD, J.	22	1,5	17,5
ECO, U.	17	1,2	18,7
GUARESCHI, P.	12	0,8	19,5
DEMO, P.	11	0,7	20,3
MATTELART, A.	11	0,7	21,0
FOUCAULT, M.	10	0,7	21,7
HABERMAS, J.	10	0,7	22,4
MARCONDES FILHO, C.	10	0,7	23,0
776 autores	1.136	77,0	100,0
TOTAL	1.476	100,0	

Na linha CPS/PUCRS, há um percentual de citações de documentos sem autoria (10,2%) maior do que o do programa (8,6%). Estes índices não foram explicados por Roberto Porto Simões, que afirmou que, em linhas gerais, os líderes do *ranking* são seguidos por muitos colegas da linha, mas não por ele, que trabalha com um paradigma popperiano, em uma perspectiva onde as hipóteses devem ser testadas em práticas empíricas. Apesar possuir o maior número de orientações no triênio, Simões não identificou os autores do paradigma norte-americano, adotados por ele e outros colegas da Comunicação Organizacional, entre os mais citados.

Tabela 15 - Frequência de autores citados na linha CTI/PUCRS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SEM AUTOR	116	7,1	7,1
REDE GLOBO	16	1,0	8,1
MORIN, E.	14	0,9	9,0
FREUD, S.	13	0,8	9,8
CAUDURO, F.	13	0,8	10,6
MACHADO, A.	12	0,7	11,3
BAUDRILLARD, J.	12	0,7	12,0
MAFFESOLI, M.	12	0,7	12,8
LÉVY, P.	11	0,7	13,4
DOMINGUES, D.	11	0,7	14,1
ORTIZ, R.	10	0,6	14,7
CAPPARELLI, S.	10	0,6	15,3
CANCLINI, N.	10	0,6	16,0
931 autores	1.370	84,0	100,0
TOTAL	1.630	100,0	

A Rede Globo foi citada por apenas duas dissertações do programa da PUCRS, sendo que recebeu 15 das suas 16 citações de uma única dissertação. Outro autor citado somente pelo PPGCOM/PUCRS é Diana Domingues, sendo que, das 12 citações recebidas 10, são feitas em uma única dissertação.

De acordo com o professor Juremir Machado da Silva, alguns autores que figuram entre os mais citados são evidentes e louváveis, como Edgar Morin, Baudrillard, Maffesoli e Pierre Lévy. São autores internacionais com quem o programa se relaciona, recebe colaborações e também autores que freqüentam o PPGCOM/PUCRS. Entre os autores nacionais aparecem Flavio Cauduro, orientador do programa; Diana Domingues, que mantém uma produção relevante para a linha de pesquisa, e Sérgio Capparelli, pesquisador admirado no programa. Segundo Juremir, os três são autores locais, profissionais mais próximos dos alunos, visto que orientam, participam de bancas, freqüentam seminários promovidos pela Universidade. Entretanto, o professor não conseguiu explicar nomes como Freud, Ortiz e Canclini no *ranking* dos mais citados na linha CTI/PUCRS.

A Tabela 16 apresenta o *ranking* de autores citados na UNISINOS:

TABELA 16 - Freqüência de autores citados no PPGCOM/UNISINOS

Autor	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
SEM AUTOR	50	2,8	2,8
BARTHES, R.	48	2,7	5,6
ECO, U.	41	2,3	7,9
GREIMAS, A.	39	2,2	10,1
FOUCAULT, M.	38	2,2	12,3
HJELMSLEV, L.	26	1,5	13,8
DELEUZE, G.	20	1,1	14,9
MORIN, E.	18	1,0	15,9
MATTELART, A.	17	1,0	16,9
BAUDRILLARD, J.	16	0,9	17,8
RODRIGUES, A.	15	0,9	18,7
FAUSTO NETO, A.	14	0,8	19,5
VERÓN, E.	13	0,7	20,2
FREUD, S.	12	0,7	20,9
PIAGET, J.	12	0,7	21,6
BAKHTIN, M.	11	0,6	22,2
BARROS, D.	10	0,6	22,8
LÉVI-STRAUSS, C.	10	0,6	23,3
JUNG, C.	10	0,6	23,9
LANDOWSKI, E.	9	0,5	24,4

(continua...)

TABELA 16 - Frequência de autores citados no PPGCOM/UNISINOS (continuação)

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
BOURDIEU, P.	9	0,5	24,9
BENJAMIN, W.	9	0,5	25,4
LÉVY, P.	9	0,5	26,0
TOURAINÉ, A.	8	0,5	26,4
PEIRCE, C.	8	0,5	26,9
GENETTE, G.	8	0,5	27,3
JAKOBSON, R.	7	0,4	27,7
JAMESON, F.	7	0,4	28,1
DUCROT, O.	7	0,4	28,5
METZ, C.	7	0,4	28,9
205 autores freq. 2 a 6 citações	581	33,1	62,0
668 autores freq. 1 citações	668	38,0	100,0
TOTAL	1.757	100,0	

Pelos resultados do PPGCOM/UNISINOS fica evidente o enfoque na Semiologia e Semiótica durante o triênio estudado.

Os autores Jakobson e Jung são citados somente no PPGCOM/UNISINOS, pelas duas linhas de pesquisa.

As Tabelas 17 e 18 apresentam os autores mais citados por linha de pesquisa no PPGCOM/UNISINOS:

Tabela 17 - Frequência de autores citados na linha MPS/UNISINOS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
BARTHES, R.	46	3,5	3,5
FOUCAULT, M.	37	2,8	6,3
ECO, U.	36	2,7	9,0
SEM AUTOR	31	2,3	11,4
GREIMAS, A.	30	2,3	13,6
DELEUZE, G.	20	1,5	15,2
HJELMSLEV, L.	19	1,4	16,6
BAUDRILLARD, J.	14	1,1	17,7
FREUD, S.	12	0,9	18,6
MATTELART, A.	11	0,8	19,4
672 autores	1.064	80,6	100,0
TOTAL	1.320	100,0	

A lista de autores mais citada está plenamente de acordo com a proposta da linha MPS/UNISINOS, e é consequência da formação dos professores, no entendimento da professora entrevistada, Ione Bentz. Autores como Barthes, Eco, Greimas, Deleuze e

Hjelmslev são fundamentais para os trabalhos desenvolvidos na linha, e outros como Baudrillard e Mattelart são considerados periféricos, mas importantes, pois fazem o diálogo da Comunicação com outras áreas como a Sociologia e a Antropologia. Porém, sob o ponto de vista da professora, a linha não comporta citações a Freud.

Tabela 18 - Frequência de autores citados na linha MPC/UNISINOS

Autor	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SEM AUTOR	19	4,4	4,4
PIAGET, J.	12	2,8	7,1
VERÓN, E.	11	2,5	9,6
FAUSTO NETO, A.	11	2,5	12,1
RODRIGUES, A.	10	2,3	14,4
MORIN, E.	10	2,3	16,7
GREIMAS, A.	9	2,1	18,8
HJELMSLEV, L.	7	1,6	20,4
MATTELART, A.	6	1,4	21,7
BAKHTIN, M.	5	1,1	22,9
ASSES. COM. GOVE	5	1,1	24,0
ECO, U.	5	1,1	25,2
271 autores	327	74,8	100,0
TOTAL	437	100,0	

Observa-se que a linha MPC/UNISINOS apresenta 4,4% das citações para documentos sem autoria, percentual maior do que o apresentado pelo programa (2,8%).

De acordo com o professor entrevistado Antonio Fausto Neto, os resultados refletem o triênio estudado, caracterizado como um período de transição. Inicialmente a ênfase era Semiótica, fundada na teoria de Greimas e Hjelmslev, e, aos poucos, percebeu-se que o fenômeno da Comunicação era maior que o da Semiótica, então criou-se espaço para autores que estudam a produção de sentido ligado a processos socioculturais, como Adriano Rodrigues e Véron, e também autores contemporâneos como Mattelart e Morin. Fausto Neto afirma a existência de relações entre os autores citados e os programas, no âmbito de contratos como professor visitante, e também colaboração técnica, co-autoria de livros entre autores citados e orientadores.

A existência de uma relação entre os autores citados e os autores citantes é uma característica observada neste estudo que já foi verificada por Case e Higgins (2000). De acordo com os resultados encontrados pelos pesquisadores, na Comunicação os autores estão mais propensos a terem trabalhado ou serem amigos dos autores citados.

Observando o *ranking* de autores mais citados nos programas de pós-graduação em estudo, fica evidente a relação de cada programa com determinados autores. Por intermédio dos orientadores que cursaram doutorado ou pós-doutorado em instituições nacionais e internacionais, e que estabeleceram relação de amizade além das relações de trabalho, o intercâmbio de informações se mantém ao longo dos anos, gerando seminários e convites para estes teóricos nos programas de pós-graduação. Desta forma, observa-se empiricamente a relação de *proximidade paradigmática*, conceituada no capítulo 2, entre os autores citados e os orientadores e programas estudados.

6.4 TIPO DE AUTORIA

A Tabela 19 apresenta o tipo de autoria dos documentos, visando conhecer o percentual de trabalhos individuais e em colaboração citados pelos mestrandos. Verifica-se que a maioria (81,5%) dos documentos citados é publicado por um único autor, reforçando a idéia de que os documentos das Ciências Sociais e Humanidades não são publicados em cooperação. (MEADOWS, 1999).

Tabela 19 - Tipo de autoria do documento

	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
Única	6.231	81,5	81,5
Múltipla	682	8,9	90,4
Sem autor	515	6,7	97,1
Institucional	220	2,9	100,0
TOTAL	7.648	100,0	

É importante salientar que as pesquisas sobre autoria são feitas a partir da observação do conjunto de publicações de um determinado grupo de pesquisa. Os resultados aqui apresentados foram retirados de uma análise de citações, ou seja, são resultados que dependem da veracidade das informações fornecidas pelo autor da citação. Desta forma, são resultados que servem apenas para reforçar a idéia já existente na comunidade científica, pois, se quase não existem publicações em cooperação, da mesma forma quase não existem citações para este tipo de publicação.

Noronha (1996) também apresenta dados sobre autoria de publicações resultantes de análise de citações. A autora encontrou 46,8% dos documentos citados escritos por um único autor em teses e dissertações em Saúde Pública, seguidos de 38,8% de autoria múltipla, e 9,4% de autoria institucional. Documentos sem autor somaram 5% ao total de documentos citados.

6.5 PERIÓDICOS CITADOS

As 598 citações a periódicos nacionais, estrangeiros e eletrônicos foram feitas a um total de 249 periódicos. A Tabela 20 apresenta o núcleo dos periódicos mais citados, escolhidos por terem recebido as 10 maiores pontuações de citação nos três programas. Observa-se cinco periódicos nacionais, sendo um deles editado pelo PPGCOM/PUCRS, e cinco periódicos estrangeiros:

Tabela 20 - Frequência de periódicos citados no PPGCOM UFRGS, PUCRS e UNISINOS

Periódico	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
REVISTA FAMECOS	37	6,2	6,2
COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE	23	3,9	10,0
TELOS	20	3,3	13,4
COMUNICAÇÃO & POLÍTICA	20	3,3	16,7
DIÁLOGOS DE LA COMUNICACIÓN	20	3,3	20,1
SCREEN	19	3,2	23,2
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	16	2,7	25,9
ESTUDIOS SOBRE LAS CULTURAS CONTEMPORÁNEAS	15	2,5	28,4
CULTURA VOZES	13	2,2	30,6
JOURNAL OF MARKETING	12	2,0	32,6
239 periódicos	403	67,4	100,0
Total 249 periódicos	598	100,0	

Apenas quatro periódicos componentes deste núcleo foram citados em cinco ou mais linhas de pesquisa: **Revista Famecos, Comunicação & Sociedade, Diálogos de la Comunicación, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.**

A fim de contextualizar o núcleo de periódicos mais citados foram buscadas informações referentes a eles em diferentes fontes. Partiu-se do Catálogo de Revistas Acadêmicas em Comunicação, publicado em 2001 por Stumpf e Capparelli. Em um segundo momento utilizou-se o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), mantido pelo IBICT, que disponibiliza a data de início das publicações e o assunto abordado. O CCN está disponível para acesso através do endereço <http://www.ibict.br>¹⁴. Também foram verificados os editoriais das revistas impressas disponíveis na biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Por fim, foi realizada uma consulta ao Qualis da CAPES, processo de classificação dos periódicos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Os periódicos são enquadrados em categorias indicativas da qualidade: A – alta; B – média; ou C - baixa.

A **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia** é uma publicação quadrimestral do PPGCOM/PUCRS, e figura entre as revistas de excelência na área de Comunicação, tendo conceito A Nacional no Qualis. O periódico veicula artigos inéditos sobre a Comunicação a partir de qualquer perspectiva teórica julgada pertinente pelo Conselho Editorial.

A revista **Comunicação & Sociedade** começou a ser editada em 1978 no curso de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É uma publicação semestral, com conceito A Nacional no Qualis, que publica artigos sobre as Ciências da Comunicação.

Telos: Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad é editada desde 1985 pela Universidade Internacional Menendez y Pelayo, em Madrid. A revista se dedica à análise e ao debate da evolução das novas tecnologias de informação e comunicação, suas conseqüências econômicas, sociais, políticas e culturais.¹⁵

Comunicação & Política teve seu primeiro número editado em 1983 no Rio de Janeiro pela editora Forense. Atualmente é publicada pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos (CEBELA). Tem periodicidade quadrimestral, e divulga artigos referentes à Comunicação e as Ciências Políticas e Sociais.

Diálogos de la Comunicación é editada pela Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (FELAFACS), em Lima, desde 1987, dando seguimento

¹⁴ As consultas ao CCN foram realizadas nos dias 26 e 27 de dezembro de 2003.

¹⁵ Informações extraídas no endereço <http://www.campusred.net/telos/>

ao boletim publicado anteriormente pela instituição. Seu conceito no Qualis é B Internacional¹⁶.

Screen é publicada pela Society for Education in Film and Television, em Londres, desde 1959. A revista tem periodicidade trimestral e aborda o cinema.

A **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** é editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) desde 1984. O periódico semestral apresenta conceito A Nacional no Qualis, e abrange toda a amplitude da temática Ciências da Comunicação.

Estudios Sobre las Culturas Contemporáneas é publicada pelo Centro Universitário de Investigaciones Sociales da Universidade de Colima, no México, desde 1987. De periodicidade semestral, é uma das revistas mais significativas no campo dos Estudos Culturais.

A **Cultura Vozes** é uma publicação bimestral da Editora Vozes. Teve seu primeiro fascículo editado em 1907, como **Vozes de Petrópolis**, e em 1957 passou a se chamar **Vozes: Revista Católica de Cultura**. Em 1970 alterou novamente o nome, passando a se chamar **Revista de Cultura Vozes**. O nome atual foi adotado em 1992. Divulga artigos sobre a ampla temática da cultura.¹⁷

Da área de Administração, encontra-se entre os mais citados o **Journal of Marketing**, que teve seu primeiro volume publicado em 1936, pela American Marketing Association, em Chicago. A sua periodicidade é trimestral.

Meadows (1999) afirma que “[...] os periódicos de prestígio aos quais a comunidade científica atribui maior peso encontram-se, sobretudo, entre os títulos publicados pelas sociedades científicas” (MEADOWS, 1999, p. 128). Este dado é confirmado na área de Comunicação, já que entre os dez periódicos mais citados nos programas de pós-graduação abordados neste estudo, cinco deles são editados por instituições universitárias, quatro por sociedades e associações, e somente um por editora comercial.

No estudo realizado por Cavalcanti (1989), a autora encontra um *ranking* de periódicos citados completamente diferente do apresentado aqui. Entre os mais citados nacionais, a revista **Veja, Mais Um, Briefing, Isto É, Lugar em Comunicação, Lugar e**

¹⁶ Informações extraídas no endereço <http://www.felafacs.org/dialogos>

¹⁷ Informações extraídas no endereço <http://www.culturavozes.com.br>

Jus, O Correio da Unesco, Revista de Domingo do Jornal do Brasil, Revista Civilização Brasileira, Senhor, Manchete, Ceres e Ciência e Cultura. Entre os mais citados estrangeiros, **Communications, Ottagono, Ornicar, Index on censorship, Comunicaciones, Scilicet, Analytiques, Investigacion y Ciência, Semiótica.** Observa-se que vários destes periódicos são considerados neste estudo como revista de atualidades. Entretanto, entre os poucos periódicos científicos citados não encontramos semelhança no *ranking*, o que revela ou uma diferença entre os programas estudados ou uma mudança nos padrões de uso da literatura entre os anos 80 e o final dos 90, retratando o aumento da produção científica na área da Comunicação e conseqüente diversidade de periódicos científicos.

Fadul, Dias e Kuhn (2001) em seu levantamento sobre as obras e autores mais importantes na área da Comunicação destacam a revista **Comunicação & Política** como um dos periódicos nacionais mais significativos.

A seguir os resultados são apresentados por linha de pesquisa. A Tabela 21 apresenta os periódicos mais citados pela linha CICC/UFRGS:

Tabela 21 - Frequência de periódicos citados na linha CICC/UFRGS

Periódico	Freq. citações	%	Σ % de citações
TELOS	18	11,5	11,5
ESTUDIOS SOBRE LAS CULTURAS CONTEMPORANEAS	15	9,6	21,2
DIÁLOGOS DE LA COMUNICACIÓN	14	9,0	30,1
COMUNICAÇÃO & POLÍTICA	11	7,1	37,2
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	10	6,4	43,6
COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE	9	5,8	49,4
JOURNAL OF COMMUNICATION INQUIRY	6	3,9	53,2
TRANS/FORM/AÇÃO	4	2,6	55,8
52 periódicos	69	44,2	100,0
TOTAL	156	100,0	

Observa-se que a linha CICC/UFRGS é caracterizada pelas citações a periódicos estrangeiros. Na lista dos mais citados aparecem quatro periódicos estrangeiros, três deles encabeçando a lista: **Telos, Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, e Diálogos de la Comunicación.**

A Tabela 22, a seguir, apresenta os periódicos citados pela linha INT/UFRGS:

Tabela 22 - Frequência de periódicos citados na INT/UFRGS

Periódico	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
JOURNAL OF MARKETING	12	9,0	9,0
JOURNAL OF MARKETING RESEARCH	11	8,3	17,3
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	5	3,8	21,1
COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE	4	3,0	24,1
THE ELETRONIC LIBRARY	4	3,0	27,1
JOURNAL OF RETAILING	4	3,0	30,1
SERHUMANO	3	2,3	32,3
REVUE FRANÇAISE DU MARKETING	3	2,3	34,6
EDUCAÇÃO & SOCIEDADE	3	2,3	36,8
69 periódicos	84	63,2	100,0
TOTAL	133	100,0	

Na linha INT/UFRGS observou-se a tendência para citação de periódicos. Os dois periódicos mais citados abordam a área de Administração, e são publicados pela American Marketing Association. As 23 citações recebidas por estes dois periódicos, bem como as três citações para a **Revue Française du Marketing**, são de responsabilidade de uma única dissertação que abordou o tema satisfação de serviços de um provedor de *Internet*.

A Tabela 23 mostra o *ranking* de periódicos citados na linha MEC/UFRGS:

Tabela 23 - Frequência de periódicos citados na linha MEC/UFRGS

Periódico	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES	11	26,2	26,2
COMUNICAÇÃO & POLÍTICA	5	11,9	38,1
IMAGENS	2	4,8	42,9
CULTURA VOZES	2	4,8	47,6
THEORY, CULTURE & SOCIETY	2	4,8	52,4
VOCES Y CULTURAS	2	4,8	57,1
REVISTA DE COMUNICAÇÃO	2	4,8	61,9
VERITAS	2	4,8	66,7
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	2	4,8	71,4
12 periódicos	12	28,6	100,0
TOTAL	42	100,0	

Também na linha MEC/UFRGS foi observada a tendência para citação de artigos de periódicos quando comparada ao percentual geral, entretanto, por ser uma linha com apenas

cinco dissertações defendidas no período estudado, os números não evidenciam esta inclinação. O periódico **Actes de la Recherche en Sciences Sociales** é publicado desde 1975 em Paris, abordando assuntos como História, Sociologia e Educação. As 11 citações contabilizadas para este periódico foram feitas por uma única dissertação.

A Tabela 24 apresenta os periódicos mais citados pela linha CPS/PUCRS:

Tabela 24 - Frequência de periódicos citados na linha CPS/PUCRS

Periódico	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
SCREEN	19	16,2	16,2
REVISTA FAMECOS	14	12,0	28,2
COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE	8	6,8	35,0
SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE	5	4,3	39,3
STUDIO INTERNATIONAL	3	2,6	41,9
54 periódicos	68	58,1	100,0
TOTAL	117	100,0	

A revista **Screen**, mais citada da linha CPS/PUCRS, foi citada por uma única dissertação.

A Tabela 25 apresenta os periódicos mais citados pela linha CTI/PUCRS:

Tabela 25 - Frequência de periódicos citados na linha CTI/PUCRS

Periódico	Freq. citações	% de citações	∑ % de citações
REVISTA FAMECOS	17	21,0	21,0
IMAGENS	5	6,2	27,2
CONTATO	4	4,9	32,1
LEONARDO	3	3,7	35,8
LUA NOVA	3	3,7	39,5
40 periódicos	49	60,5	100,0
TOTAL	81	100,0	

Na linha CTI/PUCRS, observa-se a diminuição das citações para artigos de periódicos estrangeiros, quando comparado ao percentual geral. A lista dos periódicos mais citados confirma a frequência desse tipo de documento, já que os mais citados, com exceção da revista inglesa **Leonardo**, são todos periódicos nacionais.

Diversos periódicos citados pelo programa da UNISINOS aparecem somente nas dissertações deste programa, evidenciando as peculiaridades das suas duas linhas de pesquisa.

A Tabela 26 apresenta a frequência de periódicos citados na linha MPS/UNISINOS:

Tabela 26 - Frequência de periódicos citados na linha MPS/UNISINOS

Periódico	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
CULTURA VOZES	9	16,4	16,4
PERSPECTIVA ECONÔMICA	5	9,1	25,5
CADERNOS DO CEAS	3	5,5	30,9
ESTUDOS HISTÓRICOS	2	3,6	34,6
INTERNATIONAL JOURNAL MANAGEMENT-MACHINE	2	3,6	38,2
ACM	2	3,6	41,8
SEMIÓTICA	2	3,6	45,5
REVISTA INTERNACIONAL DE SEMIÓTICA	2	3,6	49,1
28 periódicos	28	50,9	100,0
TOTAL	55	100,0	

Observa-se que a linha MPS/UNISINOS apresenta poucas citações para artigos de periódicos, sendo o mais citado, **Cultura Vozes**, uma revista conhecida pela comunidade científica; e o segundo da lista, **Perspectiva Econômica**, editado pelo Centro de Ciências Econômicas da própria UNISINOS:

A linha MPC/UNISINOS apresenta o menor percentual de citações para artigos no *ranking* geral entre os três programas, o que fica evidenciado pela lista dos periódicos mais citados:

Tabela 27 - Frequência de periódicos citados na linha MPC/UNISINOS

Periódico	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
COMMUNICATIONS	2	14,3	14,3
DIÁLOGOS DE LA COMUNICACIÓN	2	14,3	28,6
REVISTA DE COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS	2	14,3	42,9
8 periódicos	8	57,1	100,0
TOTAL	14	100,0	

6.6 IDIOMA

A distribuição dos documentos citados nas dissertações segundo o idioma de publicação pode ser visualizado na Tabela 28:

Tabela 28 – Percentual de citação geral para idioma

Idioma	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
Português	5.820	76,1	76,1
Espanhol	735	9,6	85,7
Inglês	753	9,8	95,6
Francês	189	2,5	98,0
Alemão	106	1,4	99,4
Outros idiomas	45	0,6	100
TOTAL	7.648	100	

Quanto ao idioma dos documentos citados, todas as linhas citam predominantemente documentos em português, totalizando 76,1% das citações. Resultados semelhantes foram encontrados por Cavalcanti (1989), 71,35% de citações em português para documentos originais ou traduzidos.

A preferência pelo uso de publicações escritas em português também pode ser reflexo da temática desenvolvida, voltada à história de veículos de comunicação nacionais, ou desenvolvimento de programas de rádio e televisão nacionais, estudos de recepção realizados no País, entre outras temáticas. Justificando o número de citações em português, o entrevistado Fausto Neto acrescenta que o país está vivendo uma explosão de publicações nos programas de pós-graduação através das teses e dissertações, através da COMPÓS e das próprias agências como CAPES e CNPq, entidades que mantêm um perfil pró-publicações.

Entretanto, este indicador deve ser analisado com cautela, quando comparado com a lista de autores mais citados, onde se encontra uma maioria de autores estrangeiros. Os dados sugerem que as publicações em idiomas estrangeiros são preteridas pelos mestrands pelo não-domínio de outras línguas, e muitos documentos citados não são publicações originais, mas sim traduções.

Christa Berger concorda com a afirmativa de que a Comunicação enquanto Ciência nasceu com a pós-graduação e, portanto, é muito recente no País. A pesquisa ainda é incipiente, considerada conjuntural, e não uma prática coletiva, em espaço físico condizente,

etc. Assim, a pesquisa é fundamentada em livros em português, porque o pesquisador pode esperar a publicação de um livro, e sua posterior tradução, ao contrário do que se observa em outras áreas, onde a urgência faz com que os resultados de uma pesquisa sejam publicados em formato de artigo, para agilizar a divulgação, e o mesmo é lido no idioma de publicação, pois a demora para tradução não é aceitável. Desta forma, somente a prática da pesquisa demanda leitura em outro idioma. A professora complementa afirmando que existe mercado para as traduções na área da Comunicação, e, por isso, as editoras têm trabalhado neste sentido com qualidade. Portanto, autores internacionais, notórios em sua área, já estão traduzidos no Brasil, tornando desnecessário que um aluno de mestrado busque bibliografia em outro idioma.

A problemática investigada é que determina o país de origem da bibliografia, na opinião de Nilda Jacks. As áreas de Comunicação, Recepção e Práticas Culturais têm influência latino-americana, e, portanto, autores que revolucionaram o estudo de Comunicação nos anos 80 continuam repercutindo ainda hoje. Assim, a bibliografia ou está em espanhol, ou foi traduzida para o português. Entretanto, publicações nacionais sobre o assunto “não enchem uma mão, são trabalhos de teses e dissertações, resultado da incorporação desses autores”. Para Nilda, em outras áreas da Comunicação, o Brasil já tem uma pesquisa mais consolidada, como a pesquisa em Economia Política, que nasceu na década de 70, vinculada a uma tradição marxista. Por isso, há autores nacionais sendo tão citados, como é o caso de Capparelli.

Ainda na Tabela 28, como segundo idioma mais citado aparece o inglês, com 9,8% das citações, e logo abaixo o espanhol, com 9,6 % das citações. O francês surge com apenas 2,5% das citações. Apesar deste baixo percentual, consequência das traduções dos originais, a idéia da afiliação de pesquisadores da Comunicação à escola francesa é reforçada pela lista dos autores mais citados, onde os teóricos franceses despontam diversas vezes nos primeiros lugares. Em seu estudo em 1989, Cavalcanti encontrou 15,42% das citações em francês, talvez pelo reduzido número de traduções na época daquela pesquisa, obrigando os autores a lerem obras em seu idioma original.

A Tabela 29 apresenta o percentual de citação por idioma em cada linha de pesquisa:

Tabela 29 – Percentual de citação por idioma em relação ao total de citação da linha

	UFRGS			PUCRS		UNISINOS	
	CICC %	INT %	MEC %	CPS %	CTI %	MPS %	MPC %
Português	70,9	59,1	71,8	82,6	80,6	80,8	79,9
Espanhol	13,0	11,9	10,1	7,3	7,2	9,6	9,2
Inglês	5,8	25,9	8,1	8,9	10,4	6,7	3,7
Francês	2,8	2,7	6,9	1,1	1,4	2,3	6,2
Alemão	5,7	0,4	3,2	0,1	0,1	-	-
Outros idiomas	1,7	-	-	0,1	0,3	0,5	1,1
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100

Nota: o sinal - indica que não há citações para este idioma.

Observa-se que o menor percentual de citação para o idioma português foi da linha INT/UFRGS, com 59,1% de citações. A linha foi a que apresentou maior índice de citações em inglês, 25,9%, demonstrando a proximidade de sua temática com autores acessíveis somente naquele idioma, ou que realizam suas pesquisas em países em que essa língua é utilizada. Em se tratando de tecnologias, não é possível esperar por uma tradução pela velocidade com que a temática evolui.

Segundo revelação da professora Marília Levacov:

as novas tecnologias são produtoras de informação dinâmica e rapidamente “obsoletizante” [sic.]. O ciclo entre a produção e o consumo deste tipo de informação se torna cada vez menor (mais curto, mais rápido, como quiseres) e muitas vezes não se pode esperar até um documento mais extenso e cuidadoso, revisado, traduzido, etc. ser impresso e distribuído num livro para ser conhecido e consumido.

Na linha CICC/UFRGS, uma única dissertação é responsável pela totalidade de citações em francês (44) e outros idiomas (27), e por 86 citações das 88 citações existentes em alemão. Na categoria outros idiomas, foram contabilizados documentos em italiano na sua maioria.

6.7 TEMPORALIDADE

A seguir, a Tabela 30, apresenta a data de publicação dos documentos citados:

Tabela 30 – Frequência de data agrupada das publicações citadas

Datas	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
Século 18	1	,0	,0
De 1900 a 1909	2	,0	,0
Década de 10	2	,0	,1
Década de 20	21	,3	,4
Década de 30	25	,3	,7
Década de 40	29	,4	1,1
Década de 50	56	,7	1,9
Década de 60	169	2,2	4,2
Década de 70	808	10,6	15,2
Década de 80	1.511	19,8	35,7
Ano 1990	303	4,0	39,9
Ano 1991	274	3,6	43,6
Ano 1992	297	3,9	47,6
Ano 1993	423	5,5	53,4
Ano 1994	477	6,2	59,9
Ano 1995	634	8,3	68,5
Ano 1996	645	8,4	77,3
Ano 1997	636	8,3	85,9
Ano 1998	571	7,5	93,7
Ano 1999	362	4,7	98,7
Ano 2000	99	1,3	100,0
Total	7.345	96,0	
Sem Data	303	4,0	
TOTAL	7.648	100,0	

Publicações da década de 90 cobrem 60,4% das citações, evidenciando a contemporaneidade das obras citadas. Porém, estes dados não são conclusivos, já que o tipo de documento mais citado é o livro, passível de reedições e também de traduções. Ao observar o núcleo de autores mais citados, verifica-se que ele é liderado por diversos autores clássicos. Sendo assim, as datas recentes das publicações citadas indicam apenas a data da edição lida, seja uma tradução ou a última edição do livro.

Quando são analisadas dissertações, como no caso deste estudo, Velho (1986a, p. 7) chama atenção ao fato de que “quando um estudante está fazendo a sua dissertação, ele é aconselhado a fazer uma revisão extensiva da literatura relativa ao seu tópico, retroativa a pelo menos quinze ou vinte anos”. Obviamente, toda esta revisão histórica aparece citada nas dissertações, como prova fundamental do aprendizado do autor enquanto aluno de um curso de mestrado.

Segundo Case e Higgins (2000), os trabalhos mais citados tendem a ser antigos na Comunicação: os autores comprovaram que os oito artigos mais citados de sua amostra

tinham entre sete e 22 anos, sendo que os dois mais citados tinham nove e 19 anos de existência.

Com o objetivo de fazer um paralelo entre a tabela geral de temporalidade dos documentos, passível de inclusão de documentos traduzidos e reeditados, foi criada uma tabela de idade dos artigos de periódicos citados. A Tabela 31 apresenta a data de publicação dos mesmos:

Tabela 31 – Frequência de data agrupada dos artigos de periódico citados

Datas	Freq. citações	% de citações	Σ % de citações
De 1900 a 1909	1	0,2	0,2
Década de 30	2	0,3	0,5
Década de 50	3	0,5	1,0
Década de 60	9	1,5	2,6
Década de 70	56	9,4	12,1
Década de 80	109	18,2	30,7
Ano 1990	29	4,8	35,6
Ano 1991	35	5,9	41,6
Ano 1992	23	3,8	45,5
Ano 1993	34	5,7	51,3
Ano 1994	51	8,5	60,0
Ano 1995	44	7,4	67,5
Ano 1996	64	10,7	78,4
Ano 1997	47	7,9	86,4
Ano 1998	49	8,2	94,7
Ano 1999	28	4,7	99,5
Ano 2000	3	0,5	100,0
Total	587	98,2	
Sem data	11	1,8	
TOTAL	598	100,0	

Ao comparar os resultados podem ser percebidas muitas semelhanças. Observa-se que 67,6% dos artigos citados foram publicados na década de 90, reforçando então a contemporaneidade das publicações citadas pelos mestrados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta de dados realizada nas 100 dissertações defendidas nos três PPGCOMs da Região Sul, no período de 1998-2000, resultou em 7.648 citações, distribuídas da seguinte forma: PPGCOM/UFRGS, 2.785 citações em 28 dissertações; PPGCOM/PUC, 3.106 citações em 40 dissertações; e no PPGCOM/UNISINOS, 1.757 citações em 32 dissertações. As médias de referências por dissertação foram as seguintes: PPGCOM/UFRGS, 99,5 citações; PPGCOM/PUCRS, 77,7 citações; e PPGCOM/UNISINOS 54,9 citações por dissertação. As análises desenvolvidas com base nestas referências bibliográficas permitiram estabelecer um perfil da literatura citada nas dissertações estudadas:

A elevada incidência de citações para livros e capítulos de livro (72,5%) coloca em evidência a importância deste tipo de documento para a área de Comunicação. Artigos de periódicos nacionais e estrangeiros obtiveram apenas 7,8% das citações. Artigos de revistas e jornais de atualidades perfizeram o elevado índice de 7% das citações. Citação a outro tipo de documento chamou atenção: Comunicação pessoal, entrevista e palestra, responsável por 2,2% das citações entre os três programas.

O idioma português predominou em 76,1% das citações. Como segundo idioma mais citado aparece o inglês, com 9,8% das citações, seguido do espanhol, com 9,6% das citações. O francês surge com apenas 2,5% das citações. No entanto, esse resultado não indica que a maioria dos textos é de autores brasileiros, pelo contrário, a lista de autores mais citados supõe que textos traduzidos, principalmente do francês, são muito usados.

A distribuição das citações por data de publicação revelou que 60,4% dos documentos citados foram publicados na década de 90. Entretanto, no núcleo de autores mais citados, encontramos autores clássicos em sua maioria. Portanto, reforçando os indícios de que as obras citadas são traduções e reedições dos originais.

A predominância de autoria individual (81,5%) nos documentos citados confirma a manutenção do antigo modelo de ciência nas Ciências Sociais, onde o pesquisador trabalha e publica sozinho seus resultados de pesquisa.

Foram citados 3.435 autores nos três PPGCOMs. Os resultados mostram a inexistência de um grupo de autores fortemente citados, já que 38% das citações se concentram em autores citados de 2 a 9 vezes, e 32% das citações representam autores citados uma única vez. O autor mais citado, o italiano Umberto Eco, recebeu 83 citações, representando apenas 1,1% do total. O núcleo de autores citados pelos mestrandos inclui ainda entre os 10 mais citados: Barthes, Bourdieu, Morin, Foucault, Baudrillard, Maffesoli, Mattelart, Lévy e Greimas, a maioria deles franceses.

O *ranking* de autores mais citados nos programas de pós-graduação realça a relação de cada programa com determinados autores, evidenciando a relação de *proximidade paradigmática* entre os autores citados e os orientadores e programas estudados.

As citações domésticas foram observadas em todos os PPGCOMs, através dos autores Sérgio Capparelli (UFRGS), Antonio Fausto Neto (UNISINOS) e Pedrinho Guareschi (PUCRS), que figuraram entre os mais citados.

Foram citados 249 periódicos nos três PPGCOMs. Entre os 10 mais citados aparecem: **Revista Famecos, Comunicação & Sociedade, Telos, Comunicação & Política, Diálogos de la Comunicación, Screen, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Estudios sobre las Culturas Contemporáneas, Cultura Vozes e Journal of Marketing.**

Finalmente, sobre a metodologia empregada, acredita-se que o pacote SPSS atendeu as necessidades de análise deste estudo, possibilitou economia de tempo e foi ágil para trabalhar com grande quantidade de dados. Todo o processo de alimentação do banco de dados e análises foi vigiado, visando controlar o andamento da pesquisa. A idéia que inicialmente existia, de que o *software* iria, como um oráculo, responder a todas as questões, logo foi substituída pela realidade da pesquisa empírica com grande quantidade de dados. Com esforço, o SPSS responde a muitas, senão todas as perguntas do pesquisador, entretanto, é

necessário formular adequadamente os objetivos e questões de pesquisa, zelar pelos dados, ter criatividade e bom senso.

Acredita-se que os indicadores quantitativos são uma ferramenta muito importante na prospecção de dados sobre C & T. Entretanto, as análises qualitativas possibilitaram um novo olhar sobre os resultados da análise quantitativa, enriquecendo e fundamentando as conclusões. As entrevistas realizadas neste estudo permitiram um maior entendimento dos resultados, e, por isso, fica a sugestão para que a metodologia qualitativa seja aliada aos estudos de citação. Conhecer as impressões dos orientadores envolvidos, sob o ponto de vista das linhas de pesquisa, contribuiu para elucidar aspectos importantes na análise.

A análise de citações realizada no presente estudo permitiu identificar outros pontos sobre as dissertações que, embora não sejam objeto de estudo deste trabalho, merecem ser discutidos entre a comunidade científica dos programas, alunos de mestrado e doutorado, bibliotecários das instituições e todos aqueles envolvidos nos trabalhos dos cursos de pós-graduação. As considerações são relatadas a seguir:

A importância de livros e capítulos de livro ficou evidenciada nos resultados dos três programas estudados. Resta saber se as estatísticas de empréstimo de documentos das bibliotecas dos programas estudados apresentam percentuais semelhantes. Assim, as análises aqui apresentadas podem servir como subsídio para tomada de decisão por parte de bibliotecas especializadas na política de seleção de acervos.

Constataram-se diversas peculiaridades na área estudada, entre elas as citações para jornais e revistas de atualidades, comunicação pessoal, entrevistas e palestras. Estas características instigam a criação de serviços que atendam este tipo de necessidade do usuário da biblioteca da área da Comunicação e Informação, como ciclos de palestras com profissionais da área, justificados pelo interesse que os pesquisadores têm de ouvir relatos de profissionais. Fica a sugestão para manutenção e até ampliação das assinaturas de periódicos não-científicos, respaldada pelas inúmeras citações para este tipo de documento.

Quanto aos artigos de periódicos nacionais e estrangeiros, recomenda-se o incentivo, por parte das bibliotecas e dos orientadores, para o uso das coleções disponíveis nas bibliotecas das três Universidades e, também, para utilização do Portal de Periódicos da CAPES, ferramenta importante para a pesquisa nacional, disponível nas bibliotecas da UFRGS e da PUCRS.

A identificação de diferentes tipos de documentos citados, como os artigos de jornais e revistas de atualidades, entrevistas, programas de rádio e televisão, pode dar início a uma reflexão por parte da comunidade científica em relação ao que está sendo citado pelos mestrandos. Estes documentos constituem os chamados “processos midiáticos”, e são analisados pela área da Comunicação, através de metodologias tais como a análise do discurso, constituindo o objeto de estudo de uma pesquisa, e não fonte de idéias, que fundamentam o texto da dissertação. Se estes documentos constituem material empírico do trabalho, não é correto mencioná-los na lista de referências.

Cabe ressaltar que os estudos de citação, ao contrário do que pensam muitos pesquisadores da área, são feitos predominantemente com base em referências, e não com base nas citações mencionadas no interior do texto. Sendo assim, referência e citação são tratadas como sinônimo nos estudos de citação. Portanto, é necessário o controle dos documentos mencionados na seção de referências. De acordo com as normas da ABNT, as referências constituem uma lista ordenada dos documentos citados pelo autor no texto. Já a bibliografia, outro termo utilizado erroneamente como sinônimo de referência, é a relação alfabética, cronológica ou sistemática de documentos sobre determinado assunto ou de determinado autor. De acordo com a prática acadêmica, todos os documentos mencionados na obra devem obrigatoriamente figurar na lista de referências. Outros documentos lidos para enriquecer o conhecimento do autor, porém não citados, podem ser referenciados em outras seções do trabalho, como bibliografia recomendada, documentos ou obras consultadas. Quando os documentos constituírem material empírico para a pesquisa, devem ser mencionados apenas na seção de metodologia ou como apêndices.

Como todo trabalho de divulgação científica, as dissertações devem ser apresentadas conforme uma estrutura formal padronizada. Apesar dos inúmeros manuais de normalização disponíveis no mercado, dos manuais criados e distribuídos pelos próprios programas¹⁸, das disciplinas de metodologia da pesquisa científica e das exigências dos cursos de pós-graduação, verifica-se que muitos documentos apresentam deficiências quanto à normalização. A seção de referências bibliográficas, objeto de pesquisa neste estudo, é parte integrante fundamental de qualquer trabalho científico, e, por isso, a ela também se aplica a normalização, tanto na sua forma quanto na sua adequada utilização.

¹⁸ Ver Stumpf (1999) e manual disponível em <http://www.pucrs.br/biblioteca>

Conforme detectado por Noronha (1996) na área de Saúde Pública e, também, por Carvalho (1975) na área de Química, a maioria dos autores faz uso das expressões latinas *et alli* ou *et al.* para substituir os nomes dos autores secundários. Neste trabalho, o uso destas expressões para suprimir o nome de todos os autores foi verificado na maioria das dissertações analisadas. Por esse motivo, muitos autores que escrevem em colaboração, mas não tem seu nome como primeiro autor, não foram contabilizados no *ranking* de autores citados. Esta forma de citação é sugerida pela NBR 6023: informação e documentação: referências, elaborada em agosto de 2002. A ABNT deixa claro em uma nota que: “Em casos específicos (projetos de pesquisa científica, indicação de produção científica em relatórios para órgãos de financiamento, etc) nos quais a menção dos nomes for indispensável para certificar a autoria, é facultado indicar todos os nomes”. (ASSOCIAÇÃO..., 2002, p.14). Entretanto, em um momento onde parece predominar a idéia de que a ciência é feita em grupo, e não por um pesquisador isoladamente, a ABNT mantém uma postura antiquada quando sugere a supressão dos nomes dos co-autores quando estes forem mais de três.

Para o desenvolvimento da análise dos periódicos citados foi encontrada uma dificuldade em relação ao CCN, catálogo inicialmente planejado para servir de fonte de informação básica sobre periódicos neste estudo. Diversos dados constantes no catálogo apresentavam divergências, como periodicidade das revistas, data de início das publicações, títulos desatualizados e até mesmo erros quanto ao país de publicação de um periódico. Fica a sugestão para a atualização e manutenção de um catálogo auxiliar na busca de coleções de periódicos, tão importante para os pesquisadores e bibliotecas do país.

Por fim, é pertinente abordar algumas considerações para o campo da Comunicação e Informação. Acredita-se que a comunidade científica está ciente da necessidade dos estudos de citação para produção de indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação. Sendo assim, presume-se que este trabalho contribui para a produção destes indicadores, e também é útil para os programas, orientadores e linhas de pesquisa para monitoração e avaliação de seu desempenho.

A avaliação da produção científica nacional deveria passar pelas dissertações dos cursos de pós-graduação existentes, porque elas constituem produto destes cursos, e muitas vezes produto do investimento de verbas públicas, na forma de bolsas de estudo. O projeto da

Biblioteca de Teses e Dissertações da Capes¹⁹ abre o acesso para consulta de resumos e outras informações de 125 mil teses e dissertações, apresentadas nos programas de pós-graduação do país, entre 1987 e 2001. O banco de dados disponibiliza ferramentas de busca que permite a pesquisa por autor, título, palavra-chave e palavras constantes do resumo. Esta iniciativa, no momento em que desenvolver uma metodologia própria para acesso às citações, poderá fomentar outros estudos como este, primeiramente pela facilidade de acesso as dissertações e teses, via *Web*, e, em um segundo momento, pelo fato de os dados já estarem digitados.

A área da Comunicação reconhece a inexistência de um *corpus* teórico próprio, entretanto, os estudos sobre a literatura utilizada nas publicações nacionais ainda são incipientes. Os estudos de citação permitem que se conheça e se monitore quais são os autores citados no período de formação teórica em que a Comunicação se encontra. É necessário que a área conheça a si mesmo para tomada de decisões, e, se for o caso, decida por uma mudança na trajetória.

O grande número de citações para livros, no geral escritos por autores estrangeiros, aponta indícios da inexistência de publicações nacionais, fato mencionado também por alguns orientadores entrevistados. Este resultado pode servir como estopim para os pesquisadores refletirem a respeito das publicações da área, que se concretizam lentamente no formato de um livro. Se analisados, os resultados podem servir como motivação para a área na continuidade do já iniciado desenvolvimento de periódicos científicos, que é a arena adequada para o debate entre os pesquisadores, e também motivar o passo inicial na rápida divulgação dos resultados de uma pesquisa, como acontece em outras áreas.

É importante lembrar que o estudo expressa a realidade das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação da UFRGS, PUCRS e UNISINOS no triênio 1998-2000. Outros estudos poderiam dar continuidade a este, para complementar e também mapear outros programas, identificando e consolidando o conceito de *proximidade paradigmática*. Apesar das limitações, este trabalho contribui revelando as tendências de citação na área da Comunicação.

¹⁹ Informações disponíveis em <http://www.capes.gov.br>

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lídia. Bibliometria e Arqueologia do Saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, set./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 out. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências, elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: UFSC, 2002. 340p.

BARRÉ, R. The European Perspective on S&T Indicators. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 38, n. 1, p. 57-70, 1997.

BAVELAS, Janet Beavin. The Social Psychology of Citations. **Canadian Psychological Review**, Calgary, v.19, n.2, p. 158-163, 1978.

BENTZ, Ione G.M. **Ione G.M. Bentz**: depoimento [jan. 2004]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2004. 1 cassete sonoro.

BERGER, Christa. **Christa Berger**: depoimento [jan. 2004]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2004. 1 cassete sonoro.

BIASOLI, Patrícia Klaser; FACHEL, Jandira Maria Guimarães; CAMEY, Suzi Alves. **Introdução aos Métodos Estatísticos Utilizando o Software SPSS Versão 8.0**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 52p. Apostila.

BONIN, Jiani Adriana. Projeções e Apropriações do Pensamento de Martín-Barbero em Revistas Brasileiras de Comunicação. In: MELO, José Marques de (org.). **Comunicação, Cultura, Mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero**. São Bernardo do Campo: UESP, 1999. p. 169-185.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, Ciência, Política Científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 155-177, 1974.

CAMPELLO, Bernardete Santos. Materiais Não-convencionais em Bibliotecas Especializadas: relatórios técnicos, teses e dissertações, normas técnicas e patentes. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 38-52, mar. 1982.

_____. Teses e Dissertações. In: CAMPELLO, Bernardete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000a. p. 121-128.

_____. Encontros Científicos. In: CAMPELLO, Bernardete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000b. p. 55-71.

CARVALHO, Maria de Lourdes Borges de. Estudo de Citações da Literatura Produzida pelos Professores do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 27-42. 1976.

CARVALHO, Maria Martha de. Análises Bibliométricas da Literatura de Química no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 119-141. 1975.

CASE, Donald O.; HIGGINS, Georgeann M. How Can we Investigate Citation Behavior? a study of reasons for citing literature in Communication. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 51, n.7, p. 635-645, 2000.

CASTRO, Cláudio Moura. **Ciência e Universidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

CAVALCANTI, Ilce Gonçalves Milet. **Padrões de Citação em Comunicação: Análise das dissertações apresentadas à ECO/UFRJ**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

CAWKELL, A.E. Science Perceived Through the Science Citation Index. **Endeavour**, Oxford, v. 1, n. 2, p. 57-62, 1977.

COLE, Jonathan; COLE, Stephen. The Ortega Hypothesis. **Science**, Washington, v. 178, p. 368-375, oct. 1972.

_____. Measuring the Quality of Scientific Research. In: _____. **Social Stratification in Science**. Chicago: The University of Chicago Press, c1973. p. 21-36.

_____. Citation Analysis. **Science**, Washington, v. 183, p. 32-33, jan. 1974.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.
Documento de área, Comunicação e Ciência da Informação, 1998/2000. Disponível em:
<<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2003.

_____. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, 1998/2000.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2003.

_____. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, 1998/2000.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2003.

_____. **Ficha de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, 1998/2000.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2003.

DICK, Joan; BLAZEK, Ron. The Nature of a Discipline: a bibliometric study of Communication with some comparisons to Library reference/information work. **Reference Librarian**, New York, n. 49-50, p. 289-304, 1995.

EDGE, David. Quantitative Measures of Communication in Science: a critical review. **History of Science**, Bucks, v. 17, n. 36, p. 102-134, 1979.

ESTIVALS, Robert. Criação, Consumo e Produção Intelectuais. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). **Bibliometria: Teoria e prática**. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 35-68.

FADUL, Anamaria; DIAS, Paulo da Rocha; KUHN, Fernando. Contribuições Bibliográficas para a Pesquisa sobre o Campo da Comunicação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 36, p. 111-140, 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Antonio Fausto Neto: depoimento** [dez. 2003]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2003. 1 cassete sonoro.

FIGUEIREDO, Laura Maia. Distribuição da Literatura Geológica Brasileira: estudo bibliométrico. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p. 27-40, 1973.

FORD, Aníbal. **Navegaciones: comunicación, cultura y crisis**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. p. 143-149.

GARFIELD, Eugene. Is Citation Analysis a Legitimate Evaluation Tool? **Scientometrics**, Amsterdam, v.1, n. 4, p. 359-375, 1979.

_____. Historiográficos, Biblioteconomia e a História da Ciência. In: FONSECA, Edson Nery da (org.). **Bibliometria: Teoria e prática**. São Paulo: Cultrix, 1986. p.113-135.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, Imagem e Som: Um manual prático**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.

GÓMEZ CARIDAD, Isabel; BORDONS CANGAS, Maria. Limitaciones en el Uso de los Indicadores Bibliométricos para la Evaluación Científica. In: **Política Científica**. Madrid: Comission Internacional de Ciencia y Tecnologia, 1996. v. 46, p. 21-26.

GOODEN, Angela M. Citation Analysis of Chemistry Doctoral Dissertations: an Ohio State University Case Study. **Issues in Science and Technology Librarianship**, n.32, 2001. Disponível em:<www.istl.org/istl/01-fall/refered.html>. Acesso em: 25 abr. 2003.

GRIFFITH, Belver C. Understanding Science: studies of Communication and Information. **Communication Research**, Philadelphia, v. 16, n. 5, p. 600-614, 1989.

HERUBEL, Jean- Pierre V.M. Philosophy Dissertation Bibliographies and Citations in Serials Evaluation. **The Serials Librarian**, New York, v. 20, n. 2/3, p. 65-73, 1991.

HOOD, William W.; WILSON, Concepción S. The Literature of Bibliometrics, Scientometrics, and Infometrics. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 52, n. 2, p. 291-314, 2001.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.168.

JACKS, Nilda. **Nilda Jacks: depoimento** [jan. 2004]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2004. 1 cassete sonoro.

KRAUSKOPF, M. Scientometric Indicators as a Means to Assess the Performance of State Supported Universities in Developing Countries: the Chilean case. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 23, n. 1, p. 105-121, 1992.

_____; VERA, Maria Inês; ALBETINI, R. Assessment of University's Scientific Capabilities and Profile: the case of the Faculty of Biological Sciences of the Pontificia Universidad Catolica de Chile. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 34, n. 1, p. 87-100, 1995a.

_____. et al. A Citationist Perspective on Science in Latin América and the Caribbean, 1981-1993. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 34, n. 1, p. 3-25, 1995b.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. 257p.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. A Produção Científica Brasileira em Comunicação. In: **Produção Científica Brasileira em Comunicação na Década de 1980**: Análise, tendências, perspectivas. Organização de Margarida Maria Krohling Kunsch e Ada de Freitas M. Dencker. São Paulo: Edicon, 1997, p. 7-19.

LABORIE, Tim; HASPERIN, Michael. Citation Patterns in Library Science Dissertations. **Journal of Education for Librarianship**, State College, v. 16, n. 4, p. 271-283, 1976.

LANCASTER, F.W.; BURGER, R.H.; RAUCHFUSS, B.M. Use of Literature by East European Scientists: what influences place of publication of sources cited? **Scientometrics**, Amsterdam, v. 24, n. 3, p. 419-439, 1992.

LETA, Jacqueline; MEIS, L. de. A Profile of Science in Brazil. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 35, n. 1, p. 33-44, 1996.

LEVACOV, Marilia. **Marilia Levacov**: depoimento [jan. 2004]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2004. 1 cassete sonoro.

LEYDESDORFF, Loet; AMSTERDAMSKA, Olga. Dimensions of Citation Analysis. **Science, Technology and Human Values**, v. 15, p. 305-335, 1990.

LIMA, Regina Célia Montenegro de. Estudo Bibliométrico: Análise de citações no periódico "Scientometrics". **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n.1, p. 57-66, jan./jun. 1984.

_____. Bibliometria: análise quantitativa da literatura como instrumento de administração em sistemas de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 127-133, jul./dez. 1986.

LIMA, Venício A. de. **As Comunicações no Brasil Pós-globalizado**: Continuidade ou mudança? Porto Alegre: policopiado, 2003. p.10.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da Informetria e da Cienciometria e sua Perspectiva Nacional e Internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998.

MACROBERTS, M.H.; MACROBERTS, B.R. Problems of Citation Analysis: a critical review. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 40, n. 5, p. 342-349, 1989.

_____. Problems of Citation Analysis. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 36, n.3, p. 435-444, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

McCAIN, Katherine W.; BOBICK, James E. Patterns of Journal Use in a Departmental Library: a citation analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 32, n. 4, p. 257-267, 1981.

MEADOWS, A.J. **A Comunicação Científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268p.

MEIS, Leopoldo de; LETA, Jacqueline. **O Perfil da Ciência Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.103 p.

MELLO, Paula Maria Abrantes Cotta de. A Citação Bibliográfica no Contexto da Comunicação: Um estudo exploratório na área de botânica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n.3, p.387-395, set./dez 1996.

MÉNDEZ, Aida. Thinking About Scientometrics. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 30, n. 2-3, p. 393-395, 1994.

MENEGHINI, Rogério; FONSECA, Lucia. Índices Alternativos de Avaliação da Produção Científica em Bioquímica no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 42, n. 9, p. 629-645, set. 1990.

MOED, H.F. et al. The Use of Bibliometric Data for the Measurement of University Research Performance. **Research Policy**, Amsterdam, v. 14, n. 3, p. 131-149, 1985.

MORAVCSIK; Michael J.; MURUGESAN, Poovanalingam. Some Results on the Function and Quality of Citations. **Social Studies of Science**, London, v.5, n.1, p. 86-92, 1975.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes; MOREL, Carlos Médicis. Um Estudo Sobre a Produção Científica Brasileira, Segundo os Dados do Institute for Scientific Information (ISI). **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 99-109, 1977.

MOSTAFA, Solange Puntel. Citações Epistemológicas no Campo da Educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 8, n. 24, p. 15-28, maio/ago. 2002.

MOTTA, Dilza Fonseca da. Validade da Análise de Citação como Indicador de Qualidade da Produção Científica: uma revisão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 53-59, 1983.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O Crescimento da Ciência, o Comportamento Científico e a Comunicação Científica: Algumas reflexões. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 63-84, jan./jun. 1995.

NICOLAISEN, Jeppe. The J-shaped Distribution of Citedness. *Journal of Documentation*, London, v. 58, n.4, p. 383-395, 2002. Disponível em: <www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm> . Acesso em: 27 out. 2002.

NORONHA, Daisy Pires. Análise das Citações das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Saúde Pública (1990-1994): Estudo exploratório. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 66-75, jan./abr. 1998. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/>. Acesso em: 24 set. 2001.

_____. **Pós-Graduação em Saúde Pública**: Análise de dissertações de mestrado e teses de doutorado (1990-1994). 1996.147p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Admar Costa de; DÓREA, José Garrofe; DOMENE, Semíramis Martins Álvares. Bibliometria na Avaliação da Produção Científica da Área de Nutrição Registrada no Cibran, 1984-1989. **Ciência de Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 239-242, set./dez. 1992.

OLIVEN, Arabela Campos. Histórico da Educação Superior no Brasil. In: SOARES, Susana Arroza Soares (org.). **A Educação Superior no Brasil**. Brasília: CAPES, 2002. p. 31-42.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. O Campo Híbrido da Informação e da Comunicação. In: **O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidade**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002. p.165-197.

PERITZ, B.C. On the Objectives of Citation Analysis: problems of theory and method. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 43, n. 6, p. 448-451, 1992.

PHELAN, T.J. A Compendium of Issues for Citation Analysis. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 454, n. 1, p. 117-136, 1999.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Lei de Bradford: Uma reformulação conceitual. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1983.

_____. Campo Interdisciplinar da Ciência da Informação: Fronteiras remotas e recentes. In: _____ (org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p. 155-182.

RODRIGUES, Léo Peixoto. **As Teorias Sistêmicas de Vilfredo Pareto, Talcott Parsons e Niklas Luhmann (Re)Visitadas pela Sociologia do Conhecimento Científico**. 2003. p. 136-143. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RODRIGUES, Maria da Paz Lins. Citações nas Dissertações de Mestrado em Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 35-59, 1982.

ROOSENDAAL, H. E.; GEURTS, P.A.T.H.M. Scientific Communication and its Relevance to Research Policy. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 44, n. 3, p. 507-519, 1999.

ROSSEAU, Ronald. Indicadores Bibliométricos e Econométricos para a Avaliação de Instituições Científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 149-158, maio/ago. 1998.

SANCHO, Rosa. Indicadores Bibliometricos Utilizados en la Evaluación de la Ciencia y la Tecnologia: revision bibliográfica. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 13, n. 3-4, p. 842-865, 1990.

_____. Misjudgements and Shortcomings in the Measurement of Scientific Activities in Less Developed Countries. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 23, n. 1, p. 221-233, 1992.

SANS CASADO, Elias. Indicadores Bibliométricos. In: _____. **Manual de estudos de usuários**. Madrid: Pirâmide, 1994, p. 213-225.

SILVA, Juremir Machado da. **Juremir Machado da Silva**: depoimento [dez. 2003]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2003. 1 cassete sonoro.

SIMÕES, Roberto Porto. **Roberto Porto Simões**: depoimento [jan. 2004]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2004. 1 cassete sonoro.

SPINAK, Ernesto. Indicadores Cienciométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2., p. 141-148, maio/ago. 1998.

SOLLA PRICE, Derek J. de. **O Desenvolvimento da Ciência**: Análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976. 73 p.

STUMPF, Ida Regina Chittó. **Dissertação de Mestrado**: Normas para elaboração, apresentação e defesa. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 24p.

_____; CAPPARELLI, Sérgio. Produção Discente dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (1992-1996). **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 241-250, 2000.

_____; CAPPARELLI, Sérgio (orgs.) Catálogo de Revistas Acadêmicas em Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 95p.

TAGLIACOZZO, Renata. Self-citations in Scientific Literature. **Journal of Documentation**, London, v. 33, n.4, p. 251-265, Dec. 1977.

URBIZAGÁSTEGUI, Rubén. A Bibliometria no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 91-105, jul./dez. 1984.

VAN RAAN, A.F.J. Scientometrics: state-of-the-art. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 38, n.1, p. 205-218, 1997.

VANTI, Nadia Aurora Peres. **Avaliação do Banco de Dissertações e Teses da Associação Brasileira de Antropologia**: uma análise cienciométrica. 2001. 145 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001.

_____. Da Bibliometria à Webometria: Uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2., p. 152-162, maio/ago. 2002.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **A Bibliometria no Brasil**: Análise temática das publicações do periódico Ciência da Informação (1972-2002). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ANCIB, 2003. 1 CD-ROM.

VELHO, Lea. Como Medir a Ciência? **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 35-41, jan./fev. 1985.

_____. A Contemporaneidade da Pesquisa Agrícola Brasileira como Reflexo da Distribuição da Idade das Citações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 3-9, jan./jun. 1986a.

_____. The Meaning of Citation in the Context of a Scientifically Peripheral Country. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 9, n. 1-2, p. 71-89, 1986b.

_____. Fontes de Influência na Construção da Agenda de Pesquisa Acadêmica. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 17, n. 35, p. 87-105, 2º sem. 1995.

_____. A Ciência e seu Público. *Transinformação*, Campinas, v.9, n. 3, set./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.puccamp.br>> . Acesso em: 07. jan. 2003.

_____. Indicadores Científicos: Aspectos teóricos y metodológicos e impactos en la política científica. In: **Indicadores de Ciencia y Tecnologia**: estado del arte y perspectivas. Caracas: Nueva Sociedad, 1998. p. 23-52.

WALCOTT, Rosalind. Characteristics of Citations in Geoscience Doctoral Dissertations Accepted at United States Academic Institutions 1981-1985. **Science & Technology Libraries**, New York, v. 12, n.2, p. 5-16, 1992.

WEINSTOCK, Melvin. Citation Index. In: KENT, Allen; LANCOUR, Harold (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: M.Dekker, 1971. v. 5. p. 19.

WITTER, Geraldina Porto. Pós-graduação e Produção Científica: A questão da autoria. **Trans-in-formação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 29-37, jan./abr. 1989a.

_____ et al. Dissertações de Mestrado em Psicologia Clínica (PUCCAMP, 1975/1987): Análise da estrutura geral do discurso. **Trans-in-formação**, Campinas, v.1, n.1, p. 65-79, jan./abr. 1989b.

ZBIKOWSKA-MIGON, Anna. Karl Heinrich Frömmichen (1736-1783) and Adrian Balbi (1782-1848) – The Pioneers of Biblio- and Scientometrics. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 52, n. 2, p. 225-233, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TÓPICO GUIA DAS ENTREVISTAS

- 1) Na sua opinião, por que um grande número de autores citado é estrangeiro? É a Comunicação teoricamente imatura, dependente de outros países?
- 2) Existe relacionamento formal entre o seu programa e algum dos autores mais citados? E pessoal entre estes autores e orientadores do programa?
- 3) Os resultados expressam a proposta da sua linha de pesquisa?
- 4) Quanto aos documentos sem autoria, e também citações para jornais de atualidades e entrevistas, isso indica a incipiência ou uma característica da área?

ANEXOS

ANEXO A - DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS E HOMOLOGADAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO 1998-2000

BERTOL, Sônia Regina Schena. Tarso de Castro, editor de O Pasquim. 1999.

BUENO, Sérgio Augusto Ruck. Dependência de campos e discurso engajado: o caso RBS notícias. 1999.

CHALA, Ânia. A Universidade Pública como representação social: levantamento do núcleo central da representação da UFRGS entre seus estudantes de graduação. 2000.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Vozes e sentidos no jornalismo rural: o funcionamento discursivo do telejornal “Notícias”, do Canal Rural. 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais. 2000.

GAULAND, Armando Pierre. Satisfação de serviços de um provedor de Internet: um estudo de caso. 2000.

GOELLNER, René Vilodre. As telas da cidade – um estudo sobre a distribuição cinematográfica em Porto Alegre. 2000.

GRISA, Jairo Ângelo. Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular. 1999.

GUERIN, Yhevelin Serrano. Trajetória dos receptores: história de vida e resgata das mediações. 2000.

KAISER, Delorgel Valdir. A construção do Mercosul no Jornalismo online da Folha de São Paulo e do La Nación. 1999.

KMOHAN, Gilberto. O conceito de aura na teoria estética de Walter Benjamin. 2000.

KURTZ, Adriana Achryver. O Modernismo reacionário pelas lentes de Leni Riefenstahl. 1999.

LIEDTKE, Paulo Fernando. A esquerda presta contas: a comunicação e o discurso político em governos municipais. 1999.

LONGUI, Raquel Ritter. Metáforas e labirintos: a narrativa em hipertexto na Internet. 1998.

MARINO, Paula Rodriguez. MTV: gênero, narrativas e audiências nos estudos culturais. 2000.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo online os espaços do leitor: um estudo de caso do Netestado.** 1998.

MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação.** 2000.

PORT, Liane. **Estudo de recepção e compreensão de informações entre funcionários no processo de comunicação organizacional interna da “PH Corporation” – estudo de caso.** 1999.

ROCHA, Luiz Antonio Carvalho da. **O espaço virtual – propriedades e conceitos: possibilidades artísticas expressivas dos ambientes virtuais.** 2000.

RODRIGUES, Mario Lúcio Bonotto. **Macanudo Taurino: o humor gráfico como articulador de identidade cultural.** 2000.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **Impactos da Intranet em Unidades de Informação de ensino superior da grande Porto Alegre.** 2000.

SANTOS, Suzy dos. **RBS: convergência das teles e da TV a cabo.** 1999.

SCHÄFFER, Patrícia Raquel. **Jornalismo científico: da compreensão da ciência ao talento para traduzi-la.** 2000.

SILVEIRA, André Luis Marques da. **Interação Homem-computador: uma análise dos pressupostos básicos das interfaces gráficas de usuário.** 1999.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. **O universo como espelho: um ensaio sobre etnografia e reflexividade nos estudos de recepção.** 1998.

SOUZA, Carlos Alberto de. **O fundo do espelho é outro: quem liga a RBS liga a Globo.** 1999.

ZULIAN, José Antonio. **O ensino de jornalismo no Brasil e na Argentina e as novas tecnologias de comunicação e informação.** 1998.

WEYNE, Rubens Constantino Volpe. **O sensacionalismo gráfico nos jornais.** 1999.

ANEXO B - DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS E HOMOLOGADAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, NO PERÍODO 1998-2000

ASTHON, Mary Sandra Guerra. Parque Temático Mini Mundo: comunicação e turismo na pós-modernidade. 2000.

BARTZ, Gláfira Maria Furtado. O ensino da disciplina de Teoria de Opinião Pública no contexto de aprendizagem da atividade de Relações Públicas. 2000.

BASEGGIO, Ana Luisa. Atuação extra-acadêmica do professor de Relações Públicas, contribuindo para formação do aluno. 2000.

BENEVENUTO JR., Álvaro Fraga Moreira. Das Ruas Para a Sala de Jantar: a TV Bancários de Porto Alegre. 1998.

CARRION, Cláudia Bahia de Oliveira Machado. Ágora Virtual: uma Análise do Discurso Político no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na Televisão. 1999.

CARVALHO, Cíntia da Silva. A Construção/Reconstrução da Base Teórica da Área de Relações Públicas: a Busca de Profissionais/Professores Prático-Reflexivos. 1999.

CELENTE, Elisa Duhá. Publicidade e Esquizofrenia: A Comunicação Benetton na Pós-Modernidade. 1998.

CRUZ, Fábio Souza da. Mercosul em pauta: o poder e o fait divers no telejornalismo. 2000.

DORNELLES, Souvenir Maria G. A Pesquisa Qualitativa no Marketing Eleitoral: Orientando os Rumos da Campanha. 1999.

DUVAL, Adriana Ruschel. Pequenos Notáveis: Rádio e Carmen Miranda. 1999.

FERNANDES, Mário Luiz. Perfil da pequena imprensa de Santa Catarina. 2000.

FORESTI, Joadir Antônio. A teleducação no canal futura: um estudo desta complexidade. 2000.

FOSSATI, Patrícia Muscariello. Comunicação Persuasiva na Internet: o Caso do Jurerê Praia Hotel. 1998.

FURTADO, Nina Rosa. Múltiplas Vozes: Psicanálise e Semiótica - Uma Análise do Discurso Psicanalítico à Luz dos Conceitos Semióticos. 1999.

GARCEZ, Walkari Maria Nogueira. O Local no Telejornalismo da RBS: a Integração da TV Bagé. 1998.

GOLEMBIEWSKI, Carlos. **O impeachment na mídia: o caso Paulo Afonso em Santa Catarina.** 2000.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design Gráfico e Mediação.** 1999.

JACOBUS, Léa Denise Marcello Senger. **O Espetáculo Futebolístico: Sua Organização e Cultura.** 1999.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso na História do Brasil (1941-45 e 1950-54).** 1998.

LAGE, Louise Costa. **Do Silêncio À Fala: o Caminho da Mensagem Jornalística.** 1998.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes. **Da Internet como um Novelo Societal ou como uma Nova Auto-Estrada da Solidão.** 1999.

LEON, Ênio José Barbosa de. **O Exercício do Poder em Organizações.** 2000.

MASCARELLO, Fernando Soares. **Viva Glauber, Viva Hollywood: Por uma Teoria Plural do Espectador Cinematográfico.** 1999.

MOESCH, Marutschka Martini. **Construção Metodológica Dialética: Por Uma Epistemologia do Turismo.** 1999.

NASCIMENTO, Ana Cláudia Chagas. **Imprensa: *Fait Divers* e Ética, como enfoques invariantes.** 2000.

OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner de. **Utopia e desencanto: trajetória de vida e rememoração na imprensa alternativa gaúcha.** 2000.

OLIVEIRA, Marta Juçara da Silva. **Linguagem da história em quadrinhos de Horácio de Maurício de Souza: o imaginário e a comunicação social.** 2000.

PINTO, Ivonete Medianeira. **A dramatização no telejornalismo.** 1998.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Limites e possibilidades da televisão universitária.** 2000.

PROMPT, Leila Blauth. **As Relações Públicas como gestora no processo de comunicação e poder em microempresas.** 2000.

SACOMORI, Antonio Luís Bered. **A Construção da Imagem Política Através do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral.** 1999.

SANTOS, Rosane Palacci dos. **O adolescente e a Internet: a constituição do sujeito na infoera.** 2000.

SCHMITT, Fernando Bohrer. **Fotografia: do Analógico ao Digital.** 1999.

SCHUCH, Eny Maria Moraes. **Hibridação: Arte e Tecnologia**. 1998.

SILVEIRA, Nalú Alves. **O Talk Show Jô Soares Onze e Meia: Uma Leitura do *Fait Divers*, Poder e Mito**. 1999.

SOARES, Marisa de Carvalho. **Distanciamentos e Aproximações Entre os Designativos e os Significados Dos Termos ‘Consultor’ e ‘Assessor de Relações Públicas’**. 1998.

TOALDO, Mariângela Machado. **A Publicidade na Ótica da Ética – Um Estudo Sobre as Sugestões das Mensagens Publicitárias**. 1998.

VERLE, Lenara Ivanora Silva. **Novas Imagens para um Novo Meio: Um Estudo de Caso do Website de Arte Interativa Sito**. 1999.

WENDHAUSEN, Henrique. **Comunicação e mediação das ONGs: uma leitura a partir do canal comunitário de Porto Alegre**. 2000.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A Notícia no Radiojornalismo Brasileiro: Transformações Históricas e Técnicas**. 1998.

ANEXO C - DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS E HOMOLOGADAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, NO PERÍODO 1998-2000

AMARAL, Carlos Décio do. Os Sentidos do Corpo no Tempo da Imaterialidade – na perspectiva de éticas comunicacionais. 1999.

BACIN, Miro. A Construção da Cerimônia Televisiva: Estudo de caso das estratégias discursivas da Rede Globo sobre a Olimpíada de Atlanta – 1996. 1999.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: o treinamento de recursos humanos como rito de passagem. 1999.

DIESEL, Úrsula Betina. Cassandra: uma voz milenar rompe o silêncio. 1998.

DUARTE, Luiz Felipe Bastos. O Sono dos Justos: elementos para uma metodologia de interpretação de textos culturais. 1999.

FARIA, Laércio Guedes. Elementos para o Estudo da Comunicação do Regente na Atividade de Coral. 1998.

FRIEDRICH, Maria Adélia. Interfaces: reflexões sobre diálogo entre semiótica e informática. 1999.

KOPPE, Beatriz. Mulheres de papel: histórias em dialeto no anuário rio-grandense 1947-1960. 1999.

KOWARICH, Adriana. Produção de sentido, propaganda e marketing: do briefing à peça gráfica. 1999.

KUNZ, Marinês Andréa. Forrest Gump – o des-construtor de histórias. 1998.

LOVATTO, Jane R. Müller. Possíveis estratégias de navegação na busca de informação pelo ciberespaço: um estudo epistemológico-cognitivo da complexidade em Edgar Morin. 1999.

MADALENA, Tarsila Maria Pasa. Instruções de Preenchimento da Declaração de Ajuste: o efeito de controle na sociedade brasileira. 2000.

MARTINS, Rosimari Lorenz. Significações de violência em narrativas de RPG. 1999.

NÄHR, Adriana Torres Guedes. A via crucius do desejo: paixões e poética em Navalha na Carne. 2000.

PACHECO, Enilda das Graças. O Artificio Erótico: a mais bela das feras. 2000.

- PARODE, Fábio Pezzi. **Ciberarte como Processo Midiático: a pintura na aurora de um novo milênio**. 2000.
- PRETTO, Clea Beatriz Macagnan. **Comunicação, Conflito, Jogo, Poder: a intrincada teia das negociações intersindicais**. 1999.
- RAUPP, Luciane Maria Wagner. **O Processo de Construção de Sentido nas Salas de Conversação da Internet: a interação dos chatters**. 1999.
- RIBEIRO, Neusa Maria Bongiovanni. **As Contra-estratégias de Comunicação do Orçamento Participativo do Rio Grande do Sul (1999-2000)**. 2000.
- RONNA, Giovanna Nogueira. **A Fotografia e seu Duplo: a narrativa inscrita em luz**. 2000.
- ROSA, Rosane. **Pílulas de Farinha: o Caso Schering diante das estratégias discursivas jornalísticas**. 2000.
- SARAIVA, Nara de Andrade. **Semiótica e Comunicação: do texto à interface do programa**. 1998.
- SCHMITZ, Vera Regina. **O Cooperativismo em Tempo de Globalização: análise do discurso editorial de um jornal de cooperativa**. 1999.
- SILVA, Alexandre Rocha da. **A dispersão na Semiótica das Minorias: interpretações dos sentidos produzidos pelo Jornal Folha de São Paulo referente às homossexualidades e aos racismos em 1997**. 1999.
- SILVA, Arlinda Maria Caetano. **A Comunicação em Jogo: uma análise das estruturas persuasivas no discurso jurídico**. 2000.
- SILVA, Eloá Muniz da. **Comunicação Publicitária em Tempos de Globalização: Caso Fórum**. 1999.
- SPIER, Marta. **Design do objeto colar: processos semiocognitivos**. 1999.
- STAROSTA, Márian Wolff . **Parábolas do cotidiano: uma análise do texto videográfico**. 2000.
- STIGGER, Verônica Antonine. **Mitomorfose: a mitologia greco-romana na obra de Pablo Picasso**. 2000.
- VEDOVATTO, Inez Olinda Baraldi. **A Charge na Mídia Impressa: articulação e efeitos de sentido**. 2000.
- WAINER, Iafa Sarah. **Mídias Contemporâneas: panópticos virtuais normatizadores da diferença**. 2000.

XAVIER, Antônio Nolberto de Oliveira. **Realezas Negras: o folguedo como expressão de sentidos culturais entre os negros do litoral norte do Rio Grande do Sul.** 2000.